

1907-1910

# A REVOLUÇÃO

## PORTUGUEZA



*Bandeira da Revolução*

### RELATORIO

DE

## Machado Santos

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA LIBERTY

R. LIVRAMENTO, 88, 90 — LISBOA

1911



*Fernando Pessoa*

13-6-1911.

RELATORIO  
DE  
**MACHADO SANTOS**

—  
1907-1910



Machado Santos

1907-1910

---

A REVOLUÇÃO

PORTUGUEZA

---

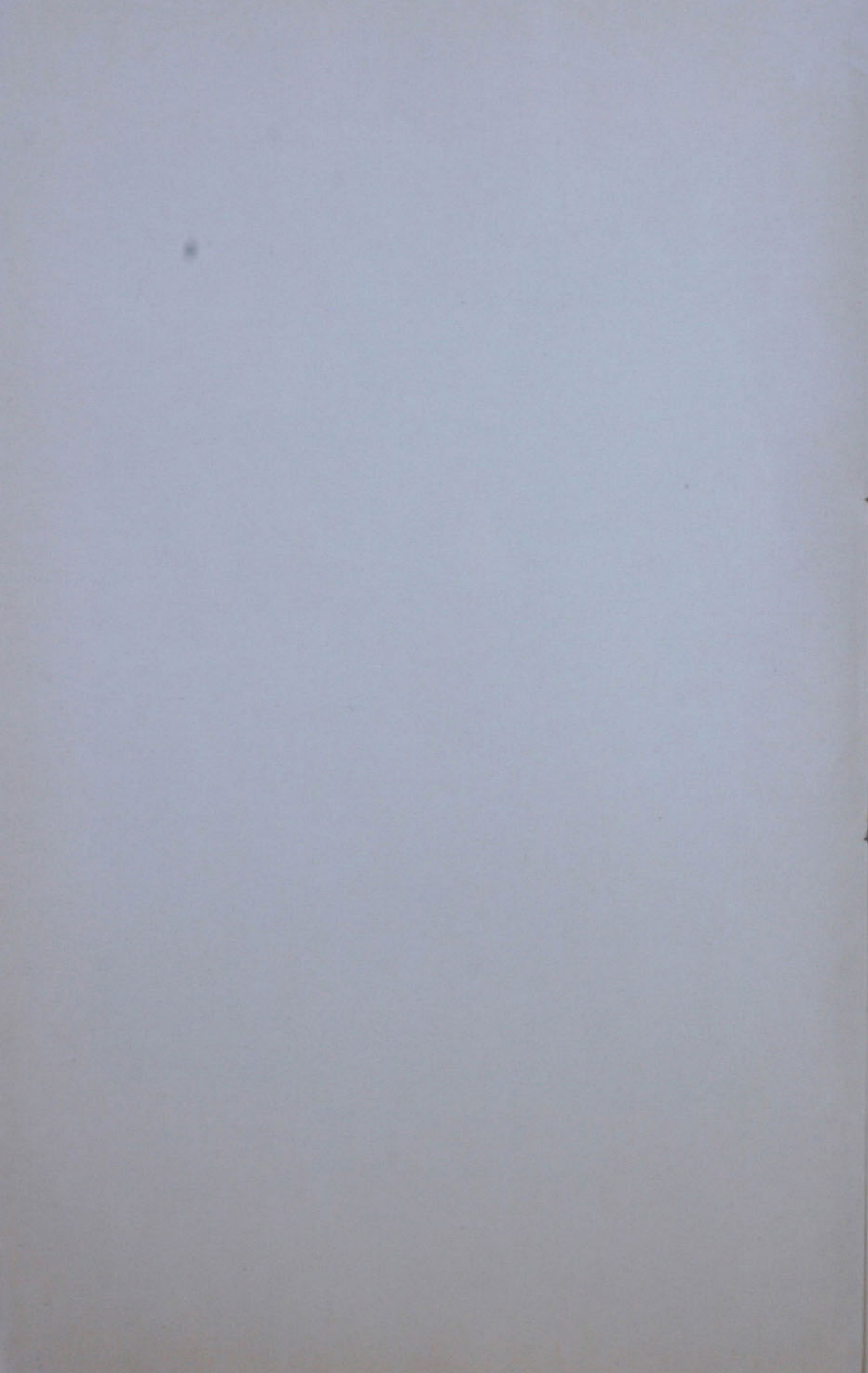
RELATORIO

DE

Machado Santos



PAPELARIA E TYPOGRAPHIA LIBERTY  
DE  
*Lamas & Franklin*  
R. LIVRAMENTO, 88, 90 — LISBOA  
1911

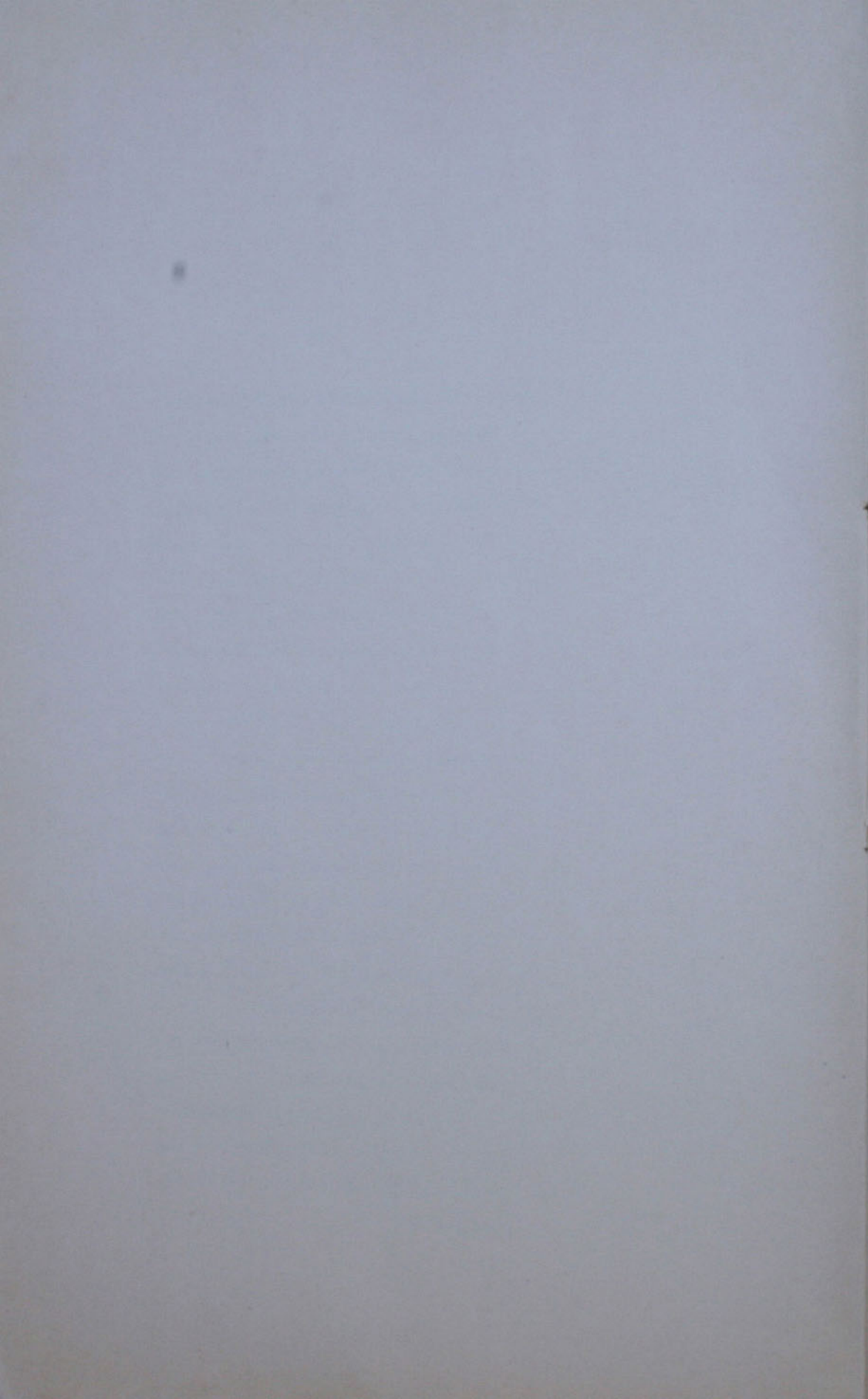


O historiador que mais tarde desejar fazer a historia da revolução de 1910 em Portugal, encontrará no nosso modesto trabalho, Verdade e Justiça, mas, para o poder aproveitar, carece de o ler com muita attenção, porque, não se occultando traições, desanimos e defeitos dos homens, nenhum d'esses actos tem o relevo que á simples vista os faça notar.

Depois da proclamação da Republica, os heroes e os organisadores da revolução cahiram sobre o Paiz como nuvem de gafanhotos. O Governo Provisorio tomou-os a serio e os verdadeiros foram postos de banda.

Seria caso virgem na historia não succeder assim.

O nosso relatorio desmascara-os, porque, no momento da acção, ninguem sabe onde se esconderam.





PRIMEIRA PARTE

O 28 DE JANEIRO



## Precedentes

Em agosto de 1907 o capitão-tenente João José Lucio Serejo Junior procurou-me na commissão de compras de Marinha, para me fallar sobre a marcha dos negocios publicos e o desaforo da dictadura de Franco.

Mal imaginava então que, só 4 annos depois, se poderia levar á pratica o que n'esse momento se começou a esboçar.

Serejo poz-se em contacto com o capitão-tenente Alvaro de Oliveira Soares Andréa, então sub-director dos Serviços Maritimos do Arsenal de Marinha, e os trez combinamos não pôr mais ninguém ao facto do que tencionavamos fazer, enquanto não assentassemos definitivamente nos meios praticos de accionar.

Volvidos alguns dias, apoz esta conferencia, fui procurado pelo meu collega Marinha de Campos e pelo tenente do Exercito da India, Mascarenhas Inglez, que abertamente me fallaram para tomar parte no movimento revolucionario que o partido republicano ia tentar para salvar a Patria do opprobrio em que jazia.

Declaro que n'esse momento guardei alguma reserva para com elles, porque um era-me absolutamente desconhecido, e o outro, apesar da amizade que lhe tinha, não me inspirava uma absoluta confiança, porque havia pouco tempo ainda que se desligára do franquismo.

A flagelante carta que Marinha publicára na imprensa, desligando-se do seu chefe politico, não me causára o mesmo enthusiasmo que havia despertado nos arraiaes politicos contrarios ao dictador. Sempre considerára Franco

como um Tartufo, nunca tomei a serio o seu liberalismo, e os seus propagandistas, salvo honrosas excepções, mas muito poucas, eram meus conhecidos de sobejo.

Admirava-me a facilidade com que o Partido Republicano admittia em suas fileiras os transfugas da monarchia e a confiança que logo de entrada n'elles depositava; d'aqui nasceu a minha reserva, de que hoje me confesso arrependido, conhecedor como sou dos serviços prestados por Marinha de Campos á causa da democracia e da regeneração da Patria.

N'esta primeira entrevista com Marinha de Campos e Mascarenhas Inglez, quasi fiquei convencido de que a Republica era a cousa mais facil de fazer, porque apenas faltava para isso a adhesão de tres homens: D. Carlos, João Franco e... eu; tudo era nosso, e a segurança no exito era tal, que nunca vi tratar assumptos revolucionarios com tanta liberdade, como por esse tempo se falava em Lisboa. Cheguei a convencer-me de que os espiões tambem eram nossos.



João Chagas

No escriptorio do dr. Alexandre Braga houve uma reunião de revolucionarios a que assisti, e n'ella tive a honra de ser apresentado ao saudoso almirante Candido dos Reis e ao brilhante jornalista João Chagas.

N'essa reunião estavam presentes: Alexandre Braga, João Chagas, Candido dos Reis, Alberto Costa, Serejo, Marinha e eu; estavam em setembro. *Pad-Zé* queria ir com 50 homens atacar a cidadella de Cascaes; Marinha desejava sósinho agarrar a monarchia pelo pescoço e apertar-lhe os gorgomillos. Candido dos Reis com a sua evangelica paciencia deitava agua

na fervura, aconselhava paternalmente a moderação e João Chagas, contando os fracassos de anteriores tentativas revolucionarias, de que havia sido alma, com a auctoridade da sua experiencia, dizia que sem o exercito nada se devia tentar. Mas o exercito é nosso! disse eu ingenuamente á illustre assembleia. Os sorrisos que obtive em resposta, convenceram-me do contrario.

Chagas, o eterno sacrificado das revoluções frustradas, Chagas que melhor do que eu, melhor do que Candido dos Reis, conhecia os nossos navios de guerra, por n'elles ter sido hospedado pela monarchia, Chagas disse-me que não tivesse illusões, que era necessario trabalhar e trabalhar muito para que alguma coisa se fizesse, e alvitrou uma immediata convocação dos officiaes do exercito para se saber se estavam dispostos a sahirem para a rua conosco.

Candido dos Reis encarregou-se de os reunir e essa reunião ficou assente que se effectuaria trez dias depois, para se conseguir que ella fosse bastante concorrida, a fim de lhes dar uma impressão de força, que, reunidos em pequeno numero, os officiaes não podiam ter.

Chamando de parte o almirante, perguntei-lhe se os officiaes de marinha com que contava, estavam em commissões de embarque, ou no quartel; respondeu-me que poucos, muito poucos estavam n'esta situação e que d'um momento para o outro podiam ser transferidos e postos em condições de nada nos poderem valer. Perguntei-lhe então se concordava na organização de fortes nucleos de marinheiros nas differentes unidades, a fim de podermos empregar os nossos officiaes, no caso do governo os deslocar das situações que tinham.

Respondeu-me que isso seria optimo, mas que não via quem se quizesse encarregar d'essa organização, que achava perigosa para a pessoa que a tentasse, e que podia expôr o movimento a ser delatado pelo primeiro tagarella de camisola de alcaxa que apparecesse. Disse-me tambem que via inconvenientes pelo lado da disciplina, porque se o movimento fracassasse, a disciplina a bordo havia de ser difficil mantel-a, e, para a conseguir, muitos haviam de sofrer; comtudo concordava em que, sem os fortes nucleos de marinheiros a bordo, nunca a revolução se poderia effectuar.

Ficou assente, entre os dois, que eu me encarregaria d'isso, declarando ao almirante que me parecia que nenhum movimento os marinheiros deveriam fazer sem a presença d'um official, limitando-se elles a passarem a receber as ordens do official ou officiaes que fossem a bordo ou ao quartel a uma hora combinada. Pretendia mostrar assim aos camaradas agaloados que o movimento não era um acto de indisciplina das praças, mas sim um movimento nacional organizado, o que faria com que os neutros se nos podessem juntar sem desdouro, e os contrarios encarassem o problema pelo lado que o seu patriotismo melhor lhes indicasse.

Officiaes defrontando-se com officiaes evitavam a quebra da disciplina, cobriam a responsabilidade das praças, e, entre estas, animavam os tibios e attrahiam os inconscientes, que sempre existem entre centenaes d'homens.

Candido dos Reis accedeu e a reunião terminou sahindo os conspiradores a um e um; não fossemos nós parar ridiculamente á esquadra, como, com graça, Serejo dizia temer, sobretudo a da Boa Vista, por causa do cão!

A reunião da officialidade do exercito só se veiu a effectuar quinze dias depois e, como sempre, não deu resultado; era necessario um coronel para commandar os revoltosos. Tempos antes qualquer official superior servia; mais tarde necessitar-se-lia d'um general e depois... necessario era que o rei voluntariamente trocasse a corôa por um chapeu presidencial, não fôsse a nossa imprudencia despertar o phantasma da intervenção estrangeira.

No Martinho, Pad-Zé, sabendo o resultado da reunião, accusava Antonio José d'Almeida de romantisar a Revolução e Gonçalves Lopes, sincero amigo d'elle, perguntava em altos berros a Alberto Costa o que queria que elle fizesse, se os senhores officiaes do exercito se recusavam a marchar.

## Trabalhos d'organisação

Para dar começo ao trabalho de que me encarregára, conversei com o capitão-tenente Andréa, e elle pôz a meu serviço um dos melhores auxiliares que tive, o sr. João Salgueiro Rodrigues. A este homem pedi para me descobrir em Alcantara pessoa, ou pessoas, que melhores relações tivessem com marujos e tres horas depois estava satisfeita a minha incumbencia. A informação indicava Francisco Thomaz de Oliveira, estabelecido na rua da Cruz e Augusto d'Assumpção Rodrigues, estabelecido na rua Maria Pia. Na tarde d'esse mesmo dia, no escriptorio do dr. Affonso Costa, João Chagas apresentava-me ao sr. F. T. d'Oliveira e n'essa noite dei começo á organisação dos marinheiros. O que foi esse trabalho, só Thomaz d'Oliveira e Augusto Rodrigues o poderão dizer: todas as noites no retiro que o estabelecimento do primeiro tinha, e nas casas que o segundo me facultou, as iniciações faziam-se em acelerado. As pedras angulares do edificio foram: o 1.º artillheiro n.º 1139 Manuel Teixeira, actualmente no «S. Gabriel» e o cabo marinheiro, hoje contra-mestre, Antonio Correia da

Silva; ambos haviam regressado da campanha dos Quamatos, sendo o primeiro forçado a largar os trabalhos para não despertar suspeitas, indo gosar a licença da campanha. Ficou o segundo só em campo. Este agregou a si as seguintes praças: cabos artilheiros: n.º 772 Silvestre Fernandes Ferreira — n.º 936 José de Pinho — n.º 957 José Joaquim Lopes de Sá — Manuel da Cunha Lusitano — o cabo signaleiro n.º 894 Antonio Paes Gomes Junior (Garçon) — o cabo fogueiro, hoje 2.º conductor de machinas, n.º 921 José Joaquim (Cyrano) — o cabo marinheiro, hoje contra-mestre, Amaral — o 1.º artilheiro Ricardo Marianno — o 1.º artilheiro n.º 1505 José dos Santos Martins (eterno cabo da guarda ao quartel, ao tempo), — o corneteiro n.º 4184 João d'Oliveira, — o cabo marinheiro, já reformado, conhecido por Mac-Hinley, — o cabo marinheiro n.º 1158 João Ignacio da Rocha, e alguns outros ainda, que bastante pezar tenho em não poder mencionar pelos nomes e numeros, porque a fatalidade das coisas obrigou minha familia a queimar os apontamentos cifrados que tinha, ás duas horas da tarde do dia 4 de outubro de 1910, não fossem esses documentos causar mais victimas, visto a revolução considerar-se para todos (os que não estavam na Rotunda) como vencida n'esse tragico dia, a essa hora da tarde.

O que foi o trabalho e a dedicação d'esses homens não se pode descrever; o sentimento patriótico estava tão vivo n'esses peitos rudes de marinheiros como nunca o vi traduzido em individuos de superior cathegoria.

E com que respeito e acatamento cumpriam as minhas ordens, com que desinteresse as aguardavam, com que alegria ou tristeza recebiam as noticias que lhes dava da marcha do movimento! Correndo de noute as tabernas de Alcantara, convidando de dia os camaradas do quartel, ou dos navios para a noite tomarem o seu compromisso de honra commigo, que riscos esses homens não correram, que fê esses homens sentiam pela causa a que se dedicavam! Alliciaram-se mais de oitenta camisolas de alcaxa!



Thomaz d'Oliveira

Nem uma unica delação, nem uma unica conversa inconveniente, que puzesse a descoberto o official que os estava arregimentando, para o movimento!

Ninguém suspeitou durante todo este tempo do trabalho em que andava; dos comités formados a bordo dos navios nunca ninguém teve noticia, e era necessario, quasi que todos os dias, andar a renovar-os, por causa das continuas transferencias das praças!



Augusto Rodrigues

E Augusto Rodrigues? e Thomaz d'Oliveira? e José Madeira, Andrade e Franklim Lamas? que dedicação n'esses chefes do elemento civil de Alcantara, que tão bem havia sido alliciado por Ferreira Manso, sob a direcção superior e occulta de Luz Almeida! Que dedicação a d'esses homens, cedendo as suas casas, largando o seu

trabalho, correndo em busca de elementos que melhor pudessem acelerar a organização dos marinheiros!

Hoje, que não sei em que passar o meu tempo, porque infelizmente me não acharam competencia para collaborar na obra da regeneração da Patria; hoje que a paz do gabinete é mais necessaria do que a agitação das vielas e ruas tortuosas de Alcantara, Madragoa e Alfama; hoje, que os passeios a Monsanto e ao «hotel Pinho» do Aterro, já não são necessarios, eu tenho saudades d'esses tempos de lucta e de terror, em que a alegria e sobresaltos se alternavam, forçando a apparentar um socego de espirito que internamente ninguém podia sentir!



Ferreira Manso

Nesse tempo julgava-me eu util; hoje considero-me



inutil (ou consideram-me), vergado ao peso uma fama de heroe que não consegue alegrar-me e que apenas me molesta. Heroe não sou eu, heroes são esses homens que nada desejando da Republica, não podendo aspirar, nenhum d'elles, nem a ministros, nem a directores ou governadores geraes, nem a nenhum dos logares considerados chorudos, ou de representação social, apenas tinham em mira libertar a sua Patria do atoleiro em que se afundava, e mostrar ao mundo que Portugal era um paiz digno de entrar no concerto das nações e não de ser despresado como por todas o andava sendo. Muitos compatriotas se



Dr. Manoel d'Arriaga

envergonhavam fôra do Paiz de se dizerem portuguezes; o desprezo que sobre nós pesava, felizmente terminou, e é devido sobretudo aos marinheiros e á heroica população de Alcantara que este povo se redimiui!

A democratisação do Paiz estava feita: homens de envergadura intellectual de Theophilo Braga, Eduardo d'Abreu, Manuel de Arriaga, Elias Garcia, José Pereira de Sampaio, Rodrigues de Freitas, Paulo Falcão, Antonio José d'Almeida, Affonso Costa, João Chagas, João de Menezes, Camacho e outros, correndo o Paiz haviam-no democratizado, e, em comicios e conferencias, haviam mostrado ao povo

que só a Revolução o poderia salvar. A historia dizia-nos o que tinha sido para nós e estava sendo, a monarchia dos Braganças; nem um unico se poderia tomar como modelo de governante, como amigo da sua Patria; nem mesmo Pedro V.

A lenda da radiosa mocidade de D. Manuel II devia ter sido feita á imagem da lenda do esperançoso Pedro; os defeitos de educação jesuitica em um e outro eram identicos. O que foi a questão das irmãs da caridade? Não foi o primeiro passo para a invasão clerical do paiz?

Mas se a democratização estava feita, a revolução é que era necessario fazel-a, e essa todos a apregoavam, todos a pediam, todos anceiavam por ella, mas ninguem a punha na rua.

O povo desejava-a, mas não sabia como fazel-a.

O 31 de janeiro foi uma revolta de caserna, e todas as tentativas feitas de então para cá, visavam apenas a fazer com que o exercito tivesse n'ellas o principal papel.

O primeiro que soube mostrar ao povo como se protestava, foi Manuel de Arriaga. Por ocasião do *ultimatum*, Arriaga trepava a um banco da praça publica e ensinava o povo a resistir; a policia perseguia-o, e elle, trocando-lhe as voltas, marchava para outra praça e repetia a scena. Era preso varias vezes ao dia, e o tempo pode-se dizer que o passava n'um banco: ou em pé no da praça publica, ou sentado no da esquadra.

Elias Garcia seguiu outra tactica e da escola de Mafra fez o centro d'onde irradiou a propaganda no exercito, entre os soldados e sargentos de infantaria. Depois d'estes homens, apenas um ficou em campo, mas esse ninguem o conhecia, e hoje... ninguem o conhece. Arthur Duarte da Luz Almeida, funda a Jov. . . Port. . . (Joven Portugal) a sua carbonaria, e com ella vae dando ao povo a disciplina, que os comicios e conferencias apenas indisciplinavam. Se o comicio e a conferencia chamavam á revolta, Luz Almeida é que a tornou viavel, a ponto de, em 1910, se consumir um facto sem par na historia de todo o mundo, pela ordem que todos admiraram. Foi da sua organização que sahiram todos os grupos que no 28 de janeiro haviam de operar.

O illustre veneravel da loja Montanha, orientando o trabalho de seus irmãos, fazendo-o irradiar pela população de Lisboa e depois sobre o Paiz, conseguiu n'um trabalho de sapa continuo, levar á pratica o acto que não sahiria do campo theorico sem a sua energica e persistente intervenção.

Parallelamente ao trabalho nos marinheiros, organisava

dois grupos civis, que com elles haviam de operar; um em Alfama, outro na Madragóa. Mais uma vez me cumpre salientar n'esse trabalho, João Salgueiro Rodrigues, o pescador Cezar, e o capataz José Borges.

Posto em contacto com o dr. Antonio José d'Almeida com o qual me havia de entender sobre assumptos de marinha, e com Luz Almeida por causa da organização civil, com elles passei a tratar, conservando com João Chagas o entendimento por causa dos officiaes, que era necessario ir estimulando ou attrahindo.

N'esta parte, confesso que a minha boa vontade fraccassou; alguns, depois de annuirem, chamados á presença de Candido dos Reis ou Chagas, recusavam-se; outros diziam que haviam dito que sim, para que eu os não apoquentasse, porque era uma loucura que me havia de passar. Acho opportuna a occasião de agradecer aos meus camaradas o conceito em que me tinham, e ao mesmo tempo fazer-lhes justiça. Candido dos Reis dizia-me: homem! republicanos ha muitos, revolucionarios ha poucos; não tenha illusões. Pode-se ser bom republicano e mau revolucionario; com poucos ou com muitos devemos ir para a frente, para tentarmos salvar este desgraçado Paiz. Mas, não se illuda: se formos vencidos, os que se dizem republicanos, para que o não suspeitem, commandarão, como os outros, os pelotões de fogo que nos hão de fuzilar. Soberano juizo d'um homem que se habituara a conhecer os outros homens — que foi preciso que uma bala puzesse um tragico ponto final na serie das suas angustiosas decepções. Austera e nobilissima figura de portuguez antigo a quem a Fatalidade exigiu, primeiro do que aos outros, que vertesse o seu sangue generoso para que se redimisse esta terra tão sua amada!

Para se tomar parte n'uma revolução é preciso ter fé, e essa fé estava de todo extincta nas chamadas classes dirigentes do Paiz. Não se ouvia senão dizer: Isto é um Paiz morto; todos os homens são o mesmo; não temos confiança em ninguem! E o que eu ouvia dizer fóra da corporação da Armada, tambem n'ella encontrava echo; o desanimo era geral, e o espectro do regulamento disciplinar e do codigo de justiça militar, apavorava muitos. Liberaes e mesmo republicanos, eram quasi todos os officiaes da Armada, mas no exercito, não se dava o mesmo: a indecisão dos camaradas do exercito era notada, e a monarchia escorraçando de Lisboa para as provincias, os que suspeitava terem um verniz liberal, reduzia tambem a muito poucos aquelles com quem se poderia contar.

## © 28 de Janeiro

A experiencia, infelizmente, deu razão aos meus camaradas de marinha; a Rotunda diz-me hoje que elles pensavam bem.

A epocha dos milagres passára, e se um se repetiu, elles não o podiam prever.

Sendo apenas eu o conhecedor do espirito e disposição dos soldados de terra, não podendo communicar-lhes a minha fé, porque só observando como eu, é que ella se adquire; havendo-se conservado a organisação no maximo segredo, que era necessario, ninguem poderia arriscar tudo n'um movimento, porque um fracasso não acarretaria só a perda dos revolucionarios, traria tambem comsigo a da independencia da Patria.

Esta justiça é necessario fazer-se aos meus camaradas de Marinha e tambem aos do Exercito; só Candido dos Reis tinha conhecimento do trabalho de sapa, porque a elle entendia dever communicar-lhe tudo; mas o saudoso almirante nem sempre acreditava e chamava-me optimista!

O rebentar das bombas no Carrião e a fuga de Aquilino fizeram redobrar a vigilancia da policia; Luz de Almeida é preso, João Chagas preso é tambem, e por fim Antonio José d'Almeida tem o mesmo destino. O capitão tenente Serejo que havia sido reformado por uma junta moral, onde a moralidade de alguns julgadores era bastante duvidosa, sobre a base da absolvição d'um conselho de guerra, mas cujo motivo real tinha sido a manifestação algo ruidosa, em Lourenço Marques, da guarnição do «S. Gabriel», onde havia sido immediato, manifestação de sympathia que nenhum outro official da Armada, nos modernos tempos, havia recolhido; Serejo, como ia dizendo, com a sua presença em varias reuniões de aliciamento de praças, continuava prestando relevantes serviços e logo, entre elle e mim, ficou assente que iria tomar o commando do Corpo de Marinheiros, para libertarmos os presos. O capitão tenente Andréa, que havia sido exonerado do serviço da Armada, porque não quiz afastar-se de Lisboa e dos trabalhos de que estava encarregado, apoderar-se-hia do Arsenal de Marinha, á frente d'um grupo civil, com o concurso da guarda.

Affonso Costa, que, devido ao processo Djalme, se afastára dos trabalhos revolucionarios, com a prisão de Antonio José d'Almeida, faz o impossivel; elle que ignora-

va tudo, consegue com o auxilio de Marinha de Campos lançar mão de alguns elementos, cerzil-os á pressa e, em dois dias, atirar com a revolução para a rua.

Candido dos Reis aperta com o exercito e a officialidade da armada; os marinheiros estão impacientes; os elementos civis desesperados.

Postos de banda phantasticos planos de campanha, o signal da revolta seria a prisão de João Franco. Esta prisão devia ser effectuada das 4 ás 6 horas da tarde e o prisioneiro devia ser levado para bordo d'um navio de pesca, nosso, tripulado com gente armada, enquanto não pudesse passar a um navio de guerra, de que nós nos apoderariamos.

Candido dos Reis ordenára que os officiaes esperassem o signal passeando proximo do Arsenal de Marinha, para onde se dirigiria. Consigo leval-o a mudar de tactica, informando-o de que tinham retirado as munições ao corpo de marinheiros; por isso accedeu ao meu desejo de se dirigir primeiro ao «S. Gabriel», onde o 1.º tenente Branco Martins nos tinha a guarnição a postos e... 80:000 cartuchos.

Quanto a mim e Serejo dirigir-nos-hiamos ao corpo de marinheiros, onde nos manteriamos com 3:000 cartuchos comprados pelos dissidentes ao negociante Heitor Ferreira, até ao seu desembarque com o pessoal da fragata «D. Fernando», do «S. Gabriel», e dos *calhambeques* em meio armamento.

Candido dos Reis escolhe o caes da Viscondessa para ponto de concentração da officialidade de marinha, em casa de Soares Guedes, o nosso fornecedor de transportes maritimos; eu, acompanhado de Tito de Moraes fico esperando o signal na Rua do Ouro até ás 6 horas da tarde.

A essa hora sig'o a receber ordens do almirante e com elle me conservo até ás 11 horas da noite, juntamente com o commandante Serejo. Andréa estava emboscado n'uma casa da rua do Arco do Bandeira, prompto a assaltar o Arsenal, conforme o combinado. O signal não appareceu. Os regimentos já estavam de prevenção. Candido dos Reis ordena-me que vá dar contra-ordem ao corpo de marinheiros, e separamo-nos chorando, dos braços uns dos outros, sem sabermos o que seria para nós o dia seguinte.

O almirante dera ordem para que a manobra se repetisse nos outros dias, mas os officiaes eclipsaram-se: o almirante viu-se só.

## Morte do rei Carlos

Combinei com Serejo pôr o corpo de marinheiros na rua, como meio desesperado de salvarmos os nossos amigos presos e para isso chego a fallar a Helder Ribeiro, ao tempo em caçadores 2 para nos secundar; o dois de caçadores era então o nosso melhor regimento. Helder estava prompto a isso; a proposta fil-a conversando com elle na rua Aurea. Marinha de Campos tenta sublevar, sósinho, a fragata «D. Fernando». Consigo evitar a chacina dos marinheiros, pelas rigorosas instrucções que lhes havia dado. Ao emissario que lá mandára, o sr. João Salgueiro Rodrigues, o cabo Sá respondeu que só obedecia ás ordens



Capitão-tenente Serejo

do sr. tenente João Manuel de Carvalho, official que eu lhe havia indicado como sendo aquelle a quem unicamente devia obedecer. Tentei aproximar-me das baterias de Queluz, que sabia serem nossas, por intermedio de João d'Araujo, e estava preparando um acto de desespero quando, sem ninguem o ordenar, nem o saber, a situação se modifica com o sacrificio heroico de dois homens: Alfredo Luiz da Costa, concerta-se com Manuel dos Reis Buissa e ambos fazem o sacrificio da sua vida para a salvação commum. O ataque da carruagem real na tarde de 1 de fevereiro de 1908 foi levado á pratica por estes

homens, *sem o conhecimento de ninguem*, por um acto de abnegação expontanea. Se soubesse a tempo, o que os dois haviam feito, tel-os-ia secundado á frente do corpo de marinheiros, mas só o soube quando todas as precauções se tinham tomado no quartel. O vergonhoso tratado com o Transvaal, a cobardia do Tzu-Maru e suas funestas consequencias para Macau, os tres annos de reacção catholica e o abandalhamento dos caracteres, que se seguiu ao 28 de janeiro, ter-se-hia evitado. O segredo da conjura foi

tão bem guardado que a todos espantou! Costa tinha a convicção íntima de que D. Carlos devia desaparecer, e que o rei ferido seria a chacina de milhares d'homens; por isso, não contente com o desfechar-lhe o primeiro tiro que foi mortal, trepou á trazeira da carruagem para lhe dar segundo. Contava fazer uma só victima: foram cinco. Paz aos mortos!

N'essa tragica noite tudo fugiu! O commandante audacioso d'um regimento teria salvo o seu Paiz; as portas do quartel de marinheiros estavam completamente fechadas; só o 2 de caçadores, que fôra reforçar a guarda do paço (onde estavam officiaes nossos), o poderia ter feito. O terror era grande na cidade. Encontro-me no Rocio com Candido dos Reis, Moura Braz e Tito de Moraes, se não estou em erro; dirigimo-nos ao Club Militar Naval; o almirante Botto e um outro cujo nome me não occorre, ouviram Candido dos Reis tentar leval-os para o nosso lado. João de Freitas Ribeiro, gritava que uma dictadura não nos devia impôr um rei; os almirantes e um capitão de mar e terra que lá estava (cujo nome tambem ignoro) ficaram mudos e quedos, e nós retirámo-nos, ouvindo eu dizer a um dos tenentes que conosco estava: — almirantes de borra, que nem para um acto de dignidade servem! Candido do Reis (ainda não era almirante), dirigiu-se a casa do dr. Bernardino Machado, levando-me em sua companhia; lá, falsas noticias nos chegam, e entre ellas duas de calibre superior; infantaria 5 tinha-se revoltado e tomado o Cabeço de Bolla e o 16 tinha-se batido contra a guarda municipal e vindo para rua. Candido dos Reis ordena-me que vá averiguar da verdade e, n'esse momento, chorando de raiva, lembro-me de ter sido menos correcto com o dr. Bernardino Machado, o qual muito paternalmente se não melindrou com isso, dizendo talvez no seu fôro íntimo, que eu era um visionario e que como tal era muito desculpavel o meu estado de exaspero.

Ambos tinhamos razão; cada um via as coisas pelo seu prisma. Elle estava informado do retrahimento dos officiaes e eu imaginava que todos, até final, tinham obrigação de honrar os seus compromissos.

Por certo que ponderosos motivos os levavam a isso, mas eu é que os ignorava por completo; ao tempo não andava muito no segredo dos deuses. Cumpre-me agora fazer uma declaração: eu era muito ingenuo, e com a forte dose de ingenuidade que possuia, puz-me a caminho do quartel do 16, para cumprir as ordens do almirante.

*Vox Populi, Vox Dei!*

Seguindo a caminho do quartel do 16, por ser o que

mais proximo ficava da rua de S. Bernardo, numerosos grupos de populares encontrei nas cercanias do mesmo. A oito d'esses grupos me dirigi e a todos ouvi dizer: E' para hoje! E' para hoje! O 16 já sahio, levando tudo adeante si! — Não contente com esta informação, pergunto a uma senhora que estava á janella, com ar muito satisfeito, e de cuja habitação se observava a porta das armas do regimento: — Oh! minha senhora, o que ha do 16? — Já lá vae, já lá vae, respondeu-me ella muito contente. Então aproximei-me do quartel e vendo atravez das grades d'uma caserna brilhar uma arma, perguntei quem ia a commandar o regimento. Respondem-me que não me aproximasse; digo á sentinella que sou official de marinha e que portanto não tivesse medo (eu estava á paisana); mandou-me para a porta das armas. Nem tive tempo de lá chegar. O camarada que commandava a força de guarda ao quartel enviame, da varanda da casa dos officiaes, uma descarga de fuzilaria; em seguida manda-me outros tiros espaçados e eu sinto trinarem-me as balas pelos ouvidos. Apesar da alcunha de heroe que me puzeram modernamente, fugi como qualquer mortal sem alcunha, voltando ao largo da Estrella, bastante agitado, a procurar um electrico.

Ia um a seguir na direcção de Santos, mas o conductor e o guarda-freio, percebendo as minhas boas intenções, puzeram-no immediatamente em movimento pelo caminho opposto, visto ter manifestado desejo de passar pelo largo do Rato. Antes de lá chegar descubro uma avançada do regimento, commandada por um official; disse, comigo proprio, que o nosso luxo de officiaes não dava para tanto e, mais á rectaguarda, mando parar o electrico junto d'um posto de commando de sargento, para perguntar a este quem é que commandava o regimento, e quem dera a ordem para elle se collocar ali; respondeu-me a sorrir que a ordem não sabia de quem partira, e que o regimento era commandado pelo coronel em pessoa. Não quiz ouvir mais; subo de novo para o electrico, digo ao guarda-freio que marche a toda a força (segunda fuga), e, como um relampago, atravesso o largo do Rato, onde vejo o regimento pacatamente formado, com o seu coronel á frente e, mais adeante, uma companhia do mesmo, defronte da casa de João Franco, em magnifica camaradagem com um pequeno esquadrão da guarda municipal, já hoje felizmente chismada.

Assim terminou, para mim, a acção que tive no 28 de janeiro e até hoje não conseguí saber (nem já me importo com isso), quem foi o camarada que tão amavelmente me



recebeu no 16 com uma salva, para que eu não tinha categoria bastante.

Lendo até aqui esta minha exposição, alguém imaginará que perdeu o seu tempo, por n'ella se não tratar da acção de 4 de outubro. Puro engano, o 4 de outubro de 1910 ficaria transferido para 1940, se não fosse o trabalho antecedente, os esforços dos correligionarios já acima indicados, e sobretudo os *meus marujos*; d'estes, outros vieram a salientar-se ainda mais que os indicados, mas todos eram filhos da organização do 28 de Janeiro.



Quartel general do 28 de Janeiro  
Casa de Soares Guedes no Caes da Viscondessa



SEGUNDA PARTE

O 4 DE OUTUBRO



## A reacção

Morto D. Carlos e o príncipe real D. Luiz Filippe, a vacatura do throno foi preenchida por D. Manuel. Este, aconselhado pelos politicos que seu pae escorraçara, chama ao poder o almirante Ferreira do Amaral, que constitue um ministerio de rotativos, chamado de acalmção.

A fôrma como o chistoso almirante entendeu dever acalmar o paiz, toda a gente a conhece; todos os dias ia fazendo transferencias de officiaes e sargentos de Lisboa para a Provincia ou para o Ultramar, cabendo-me em sorte uma viajata á Guiné, por conta dos Immortaes Principios. Foi o ministerio Amaral que teve a honra de descobrir em mim notaveis dotes guerreiros, mandando-me na «Zambeze» para a campanha de 1908, apesar de, horas antes da partida do navio, receber um telegramma do governador Muzanty, dizendo dispensar a canhoneira, porque apenas iria pesar no orçamento da provincia.

O navio seguiu e n'elle marcharam commigo muitos dos valorosos marujos que havia alliciado para a grande obra da regeneração nacional. Era grande o despeito n'esses valentes companheiros e, pelos portos nacionaes de escala, a primeira coisa que tentavam lobrigar era as côres da bandeira que nos mastros das fortalezas tremulava. Muitos d'esses bravos se portaram como taes nas diferentes phases porque passou a campanha e muitos ainda se resentem do impaludismo que lá foram contrahir.

Todos os que tivessem tendencias liberaes eram afastados systematicamente de Lisboa, de maneira que, na guarnição, ficára exclusivamente a corrente reaccionaria.

Nos quarteis prohibia-se absolutamente a leitura dos jornaes republicanos, emquanto a imprensa catholica, vomitando a sua asquerosa baba sobre os caudilhos da de-



Antonio Maria da Silva, Luz Almeida, Machado Santos

mocracia, tinha livre circulação, distribuindo-se gratuitamente nas salas dos officiaes e nas casernas dos soldados. Luz Almeida viu o perigo e, enquanto os grandes caudillos, extenuados da lucta contra a dictadura de Franco, buscavam um repouso que tão necessario lhes era, Luz Almeida reorganisava a sua carbonaria, fazia eleger o conselho florestal e, aconselhando, dirigindo, conseguia alimentar o fogo sagrado, que a proverbial apathia portugueza ia deixando morrer.

### Mascaras, punhaes e balandras

Voltando no navio a Lisboa, em junho, o primeiro camarada a quem procuro é Luz Almeida, e com elle, n'essa mesma noite, procuro o dr. Antonio José d'Almeida, a quem de novo offereço os meus serviços; Antonio José, não desejando amortecer meus brios, diz-me que a revolução dentro em tres mezes poderia ser um facto, se todos trabalhassemos para ella, e que era necessario fazer introduzir em Lisboa, umas cinco ou dez mil armas, porque com o exercito se não poderia contar.

Sabindo, digo a Luz Almeida que não acreditava que a ideia do doutor se podesse levar a pratica e communico-lhe que, se podessemos fazer no exercito o que se conseguira na marinha, mudaríamos a face das coisas.

Luz Almeida concorda e desejande aproveitar-me, dá começo á catechisação carbonaria, o que lhe não custou a executar.

N'uma noite, conduz-me á rua do Bemformoso, depois de me obrigar a dar varias voltas, conseguindo perceber que no caminho trocava signaes, quasi imperceptiveis, com varios individuos estrategicamente postados. Depois de me demorar uma boa meia hora, n'uma casa de espera, conduz-me vendado, á sala onde se ia proceder á minha iniciação; ahí se consumou o acto, parece que a contento de todos os mascarados. Ia quasi protestando á entrada quando me chamaram pagão, não porque eu me sentisse em estado de graça para com a santa madre igreja catholica, mas porque era tão irritante o tom de voz, que estive para responder;—Pagão será elle!

Terminada a cerimonia, fui effusivamente abraçado por todos os presentes, sendo grande o meu desapontamento por não ficar conhecendo nenhum.

Mais tarde, vendo tantos outros em egualdade de si-

tuação, irreverentemente me ria da cara que faziam; que os meus «bons primos» me perdoem!

No dia seguinte Luz Almeida poz-me em contacto com o engenheiro civil Antonio Maria da Silva, pessoa que já conhecia dos trabalhos revolucionarios do 28 de janeiro. Essa entrevista deu-se n'um jardim, não me lembro qual, e ahí combinou connosco uma reunião, para essa noite, n'uma casa para os lados do Calhariz. N'essa reunião estavam presentes seis carbonarios (contando connosco) e ahí, Luz e Silva apresentando um artistico papel recheado de muitos carimbos e sellos, disseram-me da parte da Venda Joven Portugal, que fôra nomeado para a Alta Venda, no seio da qual me encontrava.

Como é da praxe, fizeram-se discursos, e por votação unanime elegeram-me presidente da mesma. Na primeira reunião d'este alto corpo dirigente, combinou-se reunirmo-nos todos, o menor numero de vezes possivel, para não despertar suspeitas e depois de approvarmos um plano d'acção maduramente estudado, resolveu-se que estivessem em contacto permanente: Luz Almeida na qualidade de Grão-Mestre, Antonio Maria da Silva como representante da Venda Joven Portugal (o nosso corpo legislativo) e Machado Santos como representante da Alta Venda (poder executivo).

Todos tres, pelas 4 horas da tarde, largavamos da Camara Municipal e, como pacatos burguezes, iamos a caminho do Rocio e Avenida, combinando acção, distribuindo trabalho, tanto quanto as nossas forças podiam comportar.

Na primeira reunião magna da Alta Venda consegui orientar o trabalho da carbonaria e por unanimidade resolveu-se recommendar a todos os associados o seguinte: Que cada um de per si tomasse á sua conta um soldado, de qualquer das armas ou serviços, fazendo-se seu amigo, fallando-lhe ao coração, attrahindo-o por todas as formas, de maneira que se identificasse por completo com a população de Lisboa.— Que todos concorressem com a sua quota mensal de cincoenta réis, a fim de se poder adquirir o armamento que julgávamos indispensavel.— Que todos os associados informassem os seus chefes das occurrencias que se fossem dando, para que superiormente as transmittissem.

Com a primeira representação desejavamos neutralisar a obra reaccionaria que o ministerio Amaral, consciente ou inconscientemente fizera.— Com a segunda, alem do armamento, contavamos fazer face ás despezas da Associação, protegendo aquelles que em virtude das nossas ordens fossem perseguidos.— Com a terceira, tinhamos em vista or-



ganisar uma contra-polícia que de tudo nos informasse, para lhe tirarmos o máximo proveito, em favor da nossa causa.

Em abono da verdade, é necessário declarar que raros foram os que souberam dar execução a estas ordens. Habitados mal, quando do 28 de Janeiro, pela prisão de Luz Almeida, a receberem santo e senha directamente dos caudilhos, os nossos revolucionários entendiam que, sem elles, nada no mundo se poderia fazer, e nunca tentámos convencel-os de que, no corpo dirigente da Associação, nem um unico se devia encontrar.

Pondo, acima das paixões humanas, o ideal porque luctavamos, entendemos e bem, que no seio da carbonaria havia cabimento para todas as *nuances* partidarias, deixando-a liberta dos mal entendidos que, por desgraça nossa, muitas vezes havia entre os membros prestigiosos do partido. Todos queriam attingir o fim, mas, na maneira de o levar á pratica havia discordancia. Todos igualmente nos mereciam a mesma consideração, todos por nós eram igualmente estimados, mas, como não havia maneira de com todos nos entendermos, resolvemos de commum accordo escolher aquelle a quem o Povo parecia dispensar maiores provas de carinho. A nossa escolha recahiu portanto no dr. Antonio José d'Almeida e, durante mezes, foi elle o nosso embaixador officioso junto do directorio.

Com elle nos reuniamos ás vezes e, mercê do meu genio pouco recommendavel, de cada vez que nos viamos ficavamos arrufados, mas, como bons namorados, no dia seguinte tornavamo-nos a encontrar e... como sempre nos separavamos.

O nosso illustre procurador nem sempre concordava connosco e achava supinamente ridiculas as precauções que tomavamos para não sermos denunciados. Hoje, já ninguem se ri dos balandraus. Hoje, que a victoria coroou os nossos esforços, todos olham com respeito os punhaes vingadores. Alguns entraram em scena, se bem que nem



Dr. Antonio José d'Almeida

todos fossem d'aço, nem da mesma tempera; mas os castigos fructificaram, não havendo um só acto disciplinar da carbonaria que produzisse viúvas ou orphãos que lamentar; o proprio sargento Lima gosa de perfeita saude. Uma sova de pau a tempo e horas, sem que a ninguem tirasse a vida, muitas vezes fazia emmudecer os labios promptos para a denuncia; os «bons primos» eram mestres na execução d'estas sentenças, sem que para isto necessario fosse reunir o tribunal secreto.

Com o pretexto d'um artigo publicado no extincto «Radical» mandam-me responder a conselho de guerra, cabendo-me a honra de ter como patrono, gratuitamente, o illustre advogado dr. Antonio Macieira, que reservára para si a gloriosa missão de salvar dos carcereiros os militares perseguidos por actos do 28 de Janeiro.

Absolvido, julgo que por unanimidade, recolho á Majoria e, no acto da apresentação, involuntariamente, fiz com que S. Ex.<sup>a</sup> o chefe do Estado Maior General, almirante Magalhães e Silva, soffresse um choque electrico, mas S. Ex.<sup>a</sup> de prompto conseguiu normalisar-se e, entregando-me a espada, dá-me um gracioso brinde: a guia de marcha para o transporte de vela «Pero d'Alemquer» que devia partir no dia seguinte para Angola.

## Dedicações patrioticas

Para evitar mal entendidos, cumpre-me declarar que entre os elementos revolucionarios a que me vou referir, uns estavam filiados na carbonaria, outros apenas estavam ligados com carbonarios, nada sabendo da existencia da associação secreta. E' possivel que, no decorrer d'esta exposição, eu os confunda, porque a todos vi desenvolver a melhor boa vontade e a todos fiquei tributando a maxima consideração e estima.

O almirante Candido dos Reis que tinha, muito justificadamente, na maxima conta o valor pessoal do tenente de marinha José Carlos da Maia, official que já no 28 de Janeiro havia combinado commigo varias acções e do qual nos servimos para animar a marinagem, para mais facilmente a attrahir a nós, o almirante por intermedio d'elle ia recebendo informes ácerca da officialidade.

Parallelamente, enquanto me instauravam o processo ia, conforme era possivel, reorganizando o elemento civil de Alcantara para dar começo á propaganda e organização

militar da força armada, indispensavel para levar a cabo o movimento revolucionario.

Com uma dedicação superior a tudo, com o maximo desprezo pelos seus interesses, eu vi homens como Franklin Lamas e seu irmão Francisco Lamas, João Augusto de Andrade, Augusto Rodrigues e José Madeira en-



Da esquerda para a direita:  
J. A. Andrade — M. Santos — Franklin Lamas — Carlos Freitas

tre os elementos civis, e o contra-mestre Antonio Correia da Silva, o cabo artilheiro Silvestre e o 2.º artifice torpedeiro electricista Carlos Freitas, entre os elementos militares de marinha, desenvolveram enorme actividade na organisação e com elles, a dentro do quartel de marinheiros, uma activa propaganda feita na classe dos sargentos, pelo sargento-ajudante [Salazar da Costa, 1.º sargento Guerreiro e Felisberto e 2.º sargento José Correia Junior

Manuel Antonio Domingues e José Rodrigues, enquanto os cabos Silvestre, Pinho, Cascaes e Roza (Malhado), alimentavam o fogo sagrado nas praças.

Como a retirada do «Pero» me obrigava a largar de mão o trabalho d'Alcantara, o capitão-tenente Serejo ficou-me substituindo. Na Alta Venda, os meus camaradas conservaram em aberto a minha vaga.

Durou seis mezes o meu exilio e na volta recommencei o serviço de iniciações civis, auxiliando Luz Almeida e Antonio Maria da Silva. A conquista do elemento militar estava por fazer, á parte a iniciação d'uns officiaes espalhados já pela provincia, entre elles trez de patente superior. A carbonaria tinha já lançado os seus tentaculos para fora de Lisboa e, como um polvo gigantesco, ia abraçando o Paiz inteiro: carbonarios e não carbonarios, mas em estreita ligação e n'uma cega obediencia ás ordens da Alta Venda, á sua custa iam, não em comícios, mas em palestras convincentes, attrahindo á causa da Republica, muitos elementos de valor, ignorados pelo partido Republicano. *Muitas suppostas adhesões d'hoje já o eram muito antes da revolução;* em todos os partidos arregimentámos obreiros e em todos havia entendimentos, que nos punham ao facto do que entre elles se tramava.

Os comícios, bons para a propaganda doutrinaria, serviam apenas para indicar á monarchia que era errado o caminho que seguia; mas, com comícios nunca se fizeram revoluções. A grande revolução franceza, foi obra da maçonaria.

As revoluções de julho e de 1848, tambem em França, foram obra dos carbonarios, maçonarias irregulares que se espalharam pela Europa e America, porque a outra, a maçonaria regular, não é para todos os bolsos; comtudo é a maçonaria *a grande mãe* das revoluções, porque os principaes elementos carbonarios n'ella estão filiados. A obra da Revolução Portugueza tambem á Maçonaria se deve, *única e exclusivamente.*

Durante o meu último exilio o congresso de Setubal elegeu um novo Directorio. A Alta Venda empregou todos os esforços para que n'este directorio entrassem amigos de todos os caudilhos, excluindo-os a elles, para que as diferentes nuances partidarias se não chocassem. Ao novo directorio foi dado um mandato imperativo: *Auxiliar ou fazer a Revolução.*

O trabalho em Lisboa ia proseguindo em acelerado devido aos esforços de Antonio Maldonado, Frazão, J. G. Pires, A. Meyrelles, Telles de Lemos, Augusto Rodrigues, Henrique Cordeiro, A. S. Fonseca, J. Andrade, A. Cas-

tello, J. Cruz, Conceição, Paulo d'Oliveira, A. Rafael Lobinho, Armando Rodrigues, Junqueiro, Ascensão, Ruas, M. Abreu, Pinto de Lima, Fernando Mendes, Joaquim Nunes da Silva, Torres, Ribeiro de Mello, Pereira de Souza, Agapito, Manuel Mendes, Eduardo Amores, Ferreira Manso, J. Oliveira, Silva Passos, José Madeira, Calarrão, L. Abrantes, A. Sequeira, C. L. A. Cabrita, Lemos, Gomes



Henrique Cordeiro

de Carvalho, Carlos Antunes, Alcochetano, Santos (Belem), Santos (professor), Carlos Cardoza, David Fonseca, Pereira Cacho e seu irmão, A. J. Souza, Emydio d'Almeida, Carlos Freitas, Oliveira dos bonets, José Augusto Oliveira, Alberto Silva, Antonio Costa, Raul Pires, Moraes Cabral, Simões Serio, Holbeche, Leopoldo Reis, Canuto da Costa, Custodio Balthazar, Delgado Assis, Raul Leal, A. Vasconcellos, Jayme Tavares, etc., etc.

## Irradiação nos quartéis

Era urgente dar começo á organização de sargentos, cabos e soldados, para que os poucos officiaes republicanos da guarnição de Lisboa não tivessem difficuldades em levantar os seus regimentos. Enquanto os tenentes José Valdez, Pires Pereira, Salles e alferes Magalhães Martins vão levantando o moral abatido, depois do 28 de janeiro dos officiaes republicanos no exercito; enquanto José Carlos da Maia, Sousa Dias, Guilherme Rodrigues, Costa Gomes, Mariano Martins, Augusto Costa, Vasconcellos e Sá e Tancredo de Moraes fazem o mesmo na officialidade da armada, Carlos Ludgero Antunes Cabrita, organisava os alumnos da Escola do Exercito, tendo a seu lado como principaes auxiliares João Sarmiento Pimentel, Jordão Conde, Arthur Carlos de Barros Basto, João Ribeiro Gomes, Soares Durão, Herculano Matheus, etc.

Os primeiros soldados a serem conquistados foram os da guarda fiscal; quem os attrahiu a nós foi o infatigavel soldado Domingos Lopes, n.º 86 da 3.ª companhia. Paulo d'Oliveira e Carlos Cardoza foram d'uma dedicação extraordinaria na cathechese e na organização; aos domingos e dias santificados palmilhavam as barreiras da cidade, especialmente na parte guarnecida pela 3.ª e 8.ª companhia. Abreu Castello em Braço de Prata e Franklin Lamas, Augusto Rodrigues, Antonio Marujo e Francisco Carreira em Alcantara faziam o mesmo desde Belem até á Rocha do Conde de Obidos.

O segundo trabalho foi em artilharia 1. Manoel Lourenço Godinho, auxiliado por Armando Porphirio Rodrigues, conquista para a causa da Republica esse regimento, organisando lá comités de propaganda e acção entre os



Telles de Lemos

sargentos, os cabos e os soldados; d'esses comités faziam parte os sargentos: José Soares da Encarnação, Francisco Alexandre Lobo Pimentel, Firmino da Silva Rego, Mathias dos Santos e Tereno, os cabos Francisco Godinho (irmão de M. L. Godinho), João Evangelista dos Santos, José Seraphim da Fonseca, Clemente José Juncal, Agostinho da Silva Martins Barradas, o clarim Arnaldo Augusto Quintão, e o ferrador Bento Vaz. Independente da propaganda de Manoel Lourenço Godinho, o primeiro artilheiro da armada n.º 2563, José Malta, consegue trazer ao convívio dos marinheiros, os soldados e cabos de artilharia e Raul Nunes Leal (fallecido em combate) faz o que pôde também na propaganda. O cabo telegraphista Manoel Tavares Grello, quando o cabo Godinho foi preso, ficou-o substituindo.

Na prisão do cabo Godinho deu-se um caso curioso — revistando-se a sua mochila, um clarim consegue metter dentro varios pamphletos revolucionarios; só não consegue occultar as cartas politicas de João Chagas. Godinho esteve dois mezes preso na casa de reclusão do Castello de S. Jorge, teve baixa de posto e mandaram-no para Braga, onde o licencearam.

Factos identicos a este se deram em outros regimentos, sobretudo em cavallaria 2, onde o capitão Rosa conseguiu salvar as praças do seu esquadrão, avisando-as da revista, uma hora antes. Em lanceiros o cabo Pera e o sargento Vigozo, minam como pôdem esse ingrato regimento, e em cavallaria 4 o 1.º sargento Durte Gomes (que tão perseguido foi) e o 2.º sargento Bernardino, com o mesmo fim patriótico, entre os sargentos e cabos dos regimentos, fazem maravilhas.

A Junta Liberal, resolveu levar uma mensagem ao Parlamento, pedindo para que fossem postas em vigor as leis de Pombal e Aguiar contra as congregações religiosas.

A Junta convidou o povo de Lisboa a acompanhal-a ao palacio de S. Bento. A Carbonaria aproveita o momento para fazer uma parada das suas forças.

No dia 2 de agosto de 1909 mais de 100:000 homens desfilam com a maxima ordem, obedecendo a chefes até então desconhecidos. Esta enorme massa popular não estava toda iniciada, só um terço é que pertencia á Associação Secreta, mas viu-se que era o bastante para attrahir e disciplinar a população válida da cidade.

Os marinheiros, continuamente perseguidos pela monarchia, não conseguindo ter descanso em Lisboa, entenderam que era tempo de liquidar a situação anormal do Paiz. Na noite de 14 de setembro de 1909, delegados da guarnição do cruzador «D. Carlos» foram ao directorio e,

na presença de dois membros da comissão districtal, José Cordeiro Junior e Martins Cardoso, disseram que estavam resolvidos a revoltar-se se a Revolução não se effectuasse em breve. Martins Cardoso e Cordeiro Junior, vendo que trajavam á paisana e desconfiando que fossem emissarios do *saudoso* juiz de investigação criminal, avi-



Almirante Candido dos Reis

saram Candido dos Reis, e o almirante no dia seguinte convidou-me a resolver o assumpto. Na noite seguinte eu, José Barbosa e Innocencio Camacho, reunimo-nos com os referidos emissarios n'uma casa para os lados do Conde Barão, e não foi sem difficuldade que os convencemos a serem prudentes e a deixarem-se guiar apenas pelas ordens que de mim recebessem.



O rancor contra o commandante Azeredo Vasconcellos era grande, pelos exaggerados rigores de disciplina, proprios de outro seculo, a que a guarnição do «D. Carlos» estava sujeita.

No quartel de marinheiros tinha-se continuado a propaganda republicana, mas não se tinham ainda constituido comités revolucionarios nos navios, porque o trabalho no exercito de terra ainda estava muito atrasado.

Conferenciando com o almirante Reis, perguntei-lhe se estava adeantado o aliciamento da officialidade da parte do comité militar que o directorio havia constituido e que era composto de Candido dos Reis, Chagos e Affonso Costa; respondeu-me que *este comité nunca se reunia*, que não contava com um unico official, porque nenhum estava fallado, e que apenas se limitara a fazer um inquerito ás opiniões politicas da officialidade da guarnição de Lisboa. Reunindo apressadamente a Alta Venda, resolveu-se accelerar a nossa organização militar, para que pudessemos apoiar qualquer movimento que os marinheiros tentassem. Luz Almeida escreve a cartilha do cidadão (dialogo entre o medico militar Ribeiro e João Magalla) e em seguida a este folheto, publicado a expensas da Resp.: *loj.: Montanha*, a Carbonaria com os seus magros recursos edita os «Barbadões» e varias proclamações aos soldados e até uma estrophe para ser cantada com a musica da Marselheza! Estes trabalhos litterarios de que fui auctor, sem despeito o digo, não tiveram tão boa acceitação como o dialogo de Luz Almeida, a não ser a estrophe para a Marselheza que produziu magnificos resultados nos regimentos de infantaria n.º 5 e 16 e a bordo dos navios da esquadra, não pelo primor litterario, mas pela ideia que representava.

O tenente de infantaria n.º 5 José d'Ascensão Valdez faz prodigios e a todos os officiaes seus conhecidos, convence que necessario se tornava assumirem uma attitude decisiva, para salvarem o paiz da reacção politica e do atoleiro moral em que jazia. Pinto de Lima faz entrar em scena o tenente de caçadores 6 Antonio Pires Pereira Junior, e este, juntamente com Valdez, consegue integrar no movimento uma pleiade brilhante de officiaes do exercito. Na marinha José Carlos da Maia procede da mesma fórma.

A fim de conter os marinheiros, aproveitando a sua boa vontade, incito-os a ligarem-se com os seus camaradas do exercito e ordeno-lhes que me apresentem os melhores elementos que descobrirem, para eu os guiar na maneira de activar a propaganda nos quartéis: os 1.ºs fogueiros n.º 1258 Manuel Joaquim (o França) e 1979 Joa-

quim Coelho, o 2.º fogueiro n.º 2633 Silvano Mendes (hoje em tratamento no hospital de alienados, sonhando com a revolução), o 2.º fogueiro 3416 João de Castro Sardinha e os primeiros artilheiros n.º 2014 Manuel Rodrigues Motta Bastos e 2563 José Malta, todos da guarnição do cruzador «D. Carlos», desenvolvem uma actividade extraordinária e



Luz Almeida

conseguem apresentar-me um elemento de primeira ordem no regimento de infantaria 16, o soldado, hoje paisano, José da Silva.

Este homem, antigo soldado do ultramar, conseguiu sentar praça no regimento com um nome supposto; é elle que escolhe os camaradas que hão de constituir o comité revolucionario do 16 e é elle quem me fica servindo de intermediario para as instrucções que dava a esse comité.

O comité do 16, ficou assim constituido: soldado n.º 8/381 da segunda do segundo Carlos Antunes dos Santos — corneteiro 27/944 da primeira do terceiro João José Antunes de Queiroz — o primeiro cabo 31/399 da primeira do terceiro Lucas Fernandes Clemente — o primeiro cabo 96/241 da primeira do terceiro José Philippe Pereira Pissarra — primeiro cabo 51/397 da segunda do segundo Manuel Antonio Correia e o primeiro cabo 15/-?- da primeira do terceiro Gabriel Ribeiro.

Para activar a propaganda no regimento, foram estas praças postas em contacto com os chefes revolucionarios da Estrella, Campo d'Ourique e Santa Isabel, Emilio Meyrelles e Dias dos Santos.

### Planos e armamentos

Paralelamente, ia seguindo o trabalho na officialidade, sendo-me apresentado no Gremio Lusitano, pelo capellão de artilharia 1 Elysio de Campos, o capitão do mesmo regimento José Alfonso Palla. Communiquei a este official, na presença de Elysio Campos e de Antonio Maria da Silva, quaes as forças com que contavamos e elle então disse-me que tinha um plano, para o qual se tornava necessaria a adhesão de infantaria 5, engenharia e artilharia 1, bem como a marinha. Esse plano era pouco mais ou menos o seguinte: guarnecer os altos da Graça, Monte e Penha de França, estendendo a direita até ao forte de Sacavem e a esquerda até ao Tejo. Guarneçada esta linha, ficavamos senhores dos arsenaes e dos depositos, podendo, protegidos por ella, armar dezenas de milhares d'homens. Confesso que fiquei enthusiasmado com elle e cumpre-me declarar que, se este plano tivesse sido adoptado, a nossa acção teria sido fulminante. O comité de officiaes não teria perdido o seu tempo a bordo d'un vapor, de fornalhas apagadas; concentraria os seus esforços na Graça, auxiliando o tenente Valdez, e tudo se teria resolvido em quatro ou cinco horas.

Antonio Maria da Silva envidava todos os esforços para arranjar um official que tomasse a direcção superior das forças de terra. Bateu-se á porta d'un general por intermedio d'un amigo, esse general, occupando um logar de confiança, recusou. Silva, teimando sempre, conseguiu por intermedio do seu amigo Mella, conquistar para nós a adhesão do distincto coronel de artilharia Ramos da Costa e

Magalhães Lima, a meu pedido, faz-nos a apresentação do capitão de fragata Fontes Pereira de Mello.

Enthusiasmados com tão valiosos elementos, convidamos Candido dos Reis a comparecer n'uma reunião conjuncta e o saudoso almirante liga os tres officiaes e encarrega-os da elaboração definitiva do plano, em harmonia com as forças que tinhamos adquirido.

Por esta occasião chega-nos a noticia do roubo dos cartuchos e do incidente de Cascaes. Corremos ao directorio (Luz Almeida andava em Traz-os-Montes organisando os nucleos revolucionarios), informamos os directores, que se encontravam em Lisboa ao tempo, Innocencio Camacho e José Barbosa, do que se passava e propomos a aquisição de 5:000 armas á venda na Suissa por um preço diminuto. Tudo estava estudado para a sua entrada no paiz; era necessario arranjar apenas 14 contos de réis. O bom directorio estava como a impaciente Carbonaria — sem dinheiro!

Havia um comité financeiro presidido pelo dr. Bernardino Machado, mas este santo patriarcha em se lhe falando em revolução dizia . . . que era extemporanea. D'este comité fazia tambem parte o nosso distincto correligionario Magalhães Bastos, mas os prejuizos soffridos por elle no 28 de janeiro, não o animavam a alargar os cordões á bolsa para esta *rapaziada*, como os illustres cabeças grisalhas alcunhavam os nossos trabalhos.

Escreveu-se ao dr. Antonio José d'Almeida, então em tratamento no estrangeiro, para dar uma volta pela Suissa, mas o directorio falliu por causa do comité financeiro e Antonio José d'Almeida não encetou a negociação para a compra do armamento; não era com boas intenções que as armas se compravam.

Em vista do succedido, resolvemos agir por conta propria e a Alta Venda, composta de 5 «primos», n'um domingo, reuniu no jardim do forte de Almada e ali resolveu assumir a responsabilidade de todo o movimento, visto conservarem-se alheados os dirigentes do partido, e abrir uma subscrição para a compra do armamento, indispensavel para o elemento civil auxiliar a pôr na rua os regimentos. Assentou-se n'umas listas em numero limitado (cem), encimadas por um rotulo que indicasse um destino inofensivo para o dinheiro. Esse rotulo dizia que a applicação a dar era a educação civica do povo portuguez. A subscrição rendeu apenas cerca de 400\$000 réis, porque os grandes nomes da democracia não quizeram encetar as listas com donativos valiosos, porque já n'esse tempo não viam com bons olhos a Carbonaria. Temiam talvez que no

futuro os carbonarios lhes roubassem os applausos das multidões!

Com estas listas, algumas partidas boas se fizeram; houve franquistas que deram dinheiro e um até levou a generosidade ao ponto de dar 10\$000 réis!

### Activa-se a propagação

As perseguições á Associação Secreta começaram e foram tão rancorosas, tão deshumanas, que, *custasse o que custasse*, era necessario fazer a revolução. Candido dos



Americo d'Oliveira

Reis era do mesmo parecer. Os marinheiros estavam promettos a todos os sacrificios e os carbonarios queriam seguir o exemplo dos Russos e vingar no juiz *Hoche* os seus irmãos perseguidos; era urgente tomar uma resolução decisiva, para evitar os attentados isolados que na sombra se

projectavam. Luz Almeida, denunciado como grão-mestre da C. P., é forçado a tomar o caminho do exilo e o chauffeur Galamba dá-lhe a fuga no automovel de Americo de Oliveira. Luz Almeida refugia-se em Paris e Antonio Maria da Silva e Machado Santos ficam sós, constantemente vigiados pela espionagem, não podendo ter o destino



Antonio Maria da Silva

do companheiro querido, para ver se era possível tentarem salvar os desgraçados perseguidos. Quando novas prisões se effectuavam, é impossível descrever os sobresaltos que sentiamos!

Quasi todos os perseguidos nos conheciam, mas felizmente todos se portaram á altura dos compromissos tomados. **É necessario fazer justiça** a esses homens que, possuindo segredos d'alto valor, nem um só

deixaram perceber á policia, apesar da incommunicabilidade rigorosa a que estiveram sujeitos, *alguns durante mezes*. Apesar de todas as torturas moraes e phisicas por que passaram, todos se portaram tão bem quanto humana-mente se lhes podia exigir. Abandonados pelo partido, com a miseria a invadir-lhes os lares pela paralyzação forçada dos braços, longos dias, até mezes, incommunicaveis em infectos calabouços de pequenissimas dimensões, *quasi todos falhos de ar e luz*, esses homens não trahiram, **esses homens foram martyres dos ideaes que professavam.**

O trabalho da sapa nos regimentos continuava.

O «D. Carlos», temido pela monarchia, andava constantemente dentro e fóra do Tejo, o seu comité revolucionario fazia-nos immensa falta em Lisboa; era necessario aproveitar a boa vontade d'alguns dos seus membros; tratei portanto de transferir alguns.

Tres homens de grande coragem e energia deixei-os lá ficar (os 1.<sup>os</sup> fogueiros Coelho e França e o creado Joaquim) e os outros fui-os espalhando pelos outros navios, conseguindo collocar na secretaria do quartel o que de todos elles mais habilidoso me pareceu para o fim que tinha em vista; era o 1.<sup>o</sup> artilheiro n.<sup>o</sup> 2563, José Malta.

Para conseguir estas transferencias valeu-me a boa vontade e dedicação do meu camarada Augusto Matheus dos Santos Costa, pelas boas relações que tinha com os commandantes, primeiro e segundo, do corpo de marinheiros e pela amizade que o ligava ao medico naval de 1.<sup>a</sup> classe nosso correligionario Antonio Ignacio Simões, da Junta de Saude Naval.

José Malta, com uma audacia inaudita, transpunha a porta das armas d'um regimento em busca d'um parente imaginario e, passados minutos, conseguia relacionar-se com dois ou trez camaradas da caserna, trazia-os á minha presença e apoz meia hora de conversação patriótica, os soldados e cabos ficavam habilitados a receber as ins-



José Malta

truções para a organização dos nucleos revolucionarios nos regimentos; em seguida eram postos em contacto com os elementos civis. Assim, Raphael Lobinho toma á sua conta a propaganda em caçadores 5, sendo posto em contacto com o segundo cabo n.º 785424 do regimento de engenharia e da companhia de telegraphistas de campanha Antonio de Brito, em serviço no Castello de S. Jorge; Lucio Abrantes encarrega-se dos regimentos de Belem e, auxiliado por Cesar Loureiro, desenvolve extraordinariamente a propaganda n'esses regimentos, pondo-se em contacto com o capitão de lanceiros 2 Thomaz de Souza Rosa, tenente de cavallaria 4 Carvalho e sargentos do mesmo, Duarte Gomes e Bernardino e o ex-cabo Ferreira, de infantaria 1; José Madeira desenvolve a propaganda em infantaria 2, por intermedio do soldado Joaquim da Silva e Oliveira dos Bonets continua a propaganda no regimento de engenharia, de combinação com o 2.º sargento Manuel d'Oliveira. Em infantaria 5 os cabos 9 da 3.ª do 2.º Zeferino José Franco, 59 da 1.ª do 3.º Roque da Costa e 55 da 1.ª do 3.º Francisco do Carmo Benevides e os sargentos Lammuria, Ferro e Matheus, fazem maravilhas, especializando o sargento Matheus e o incomparavel cabo 55 Benevides. Este, formado na escola de José Malta, torna-se tão audacioso como elle, e imita-o na maneira de attrahir a nós os soldados. Em pouco tempo as differentes unidades da guarnição de Lisboa ficam solidamente unidas e compromettidas a mutuamente se auxiliarem, não disparando umas contra as outras, especialmente marinha, caçadores 5, infantaria 16 e artilharia 1.

Pinto de Lima e Fernando Mendes organisam em caçadores 2 e nas baterias de Queluz, um grupo de sargentos muito rasoavel por intermedio dos sargentos Moreira, Vaquinhas e Andrade; Abreu Castello, em Braço de Prata, ia attrahindo para a nossa causa todos os destacamentos das differentes unidades que iam guarnecer, para esses sitios, as fabricas e os depositos do Estado.

## Contrariedades e desconfianças

A propaganda não podia continuar; quanto maior fosse a demora peor seria para nós, por causa das transferences e dos licenciamientos das praças. Os delegados revolucionarios correm á provincia e entre estes Pinto de Lima e Pires Pereira.



A *Alla Venda* delega em dois dos seus membros o entendimento com o Directorio para apressar a aquisição de pistolas e revolvers indispensaveis á acção civil. Magalhães Lima estabelece o contacto. O Directorio sonhava e como as provas materiaes não eram coisa que coubesse em nossas algibeiras, poz suas duvidas, tomou como exagerado o relato das forças que lhe fizemos e disse que nada resolvia sem consultar o comité militar, composto de dois paisanos e Candido dos Reis. Este, diariamente posto ao facto do andamento dos nossos trabalhos confirmou-os theoreticamente apenas, dizendo que não era coisa que tivesse podido verificar. O Directorio appella para os correligionarios; Eusebio Leão assigna oitocentas circulares e só passados mezes consegue, moeda a moeda, recolher algum dinheiro.

A inercia dos dirigentes do partido fez-nos perder mais de metade dos bons elementos que a tanto custo havíamos alliciado! As estações navaes roubaram-nos magnificos elementos de marinha, entre elles o dedicado 2.º artilheiro 2014, e as passagens á reserva iam sendo em numero tão assustador, que só a muito custo se podia manter o *statu quo* revolucionario.

Apesar dos esforços de José Valdez e Pires Pereira, os officiaes de caçadores 2 e infantaria 2, republicanos, mantinham-se em absoluta reserva.

A uma hora da manhã do dia 1 de abril Pinto de Lima sabe que a guarda ao Paço das Necessidades nos era absolutamente dedicada; propõe-nos a prisão do rei n'essa noite — era necessario que os officiaes de caçadores 2 e infantaria 2 annuissem. A resposta d'estes nossos camaradas ser-me-hia levada até ás 3 horas da tarde ao corpo de marinheiros. Era favoravel o ensejo: o corpo de marinheiros n'essa noite viria para a rua na força de 600 homens, porque a occasião era esplendida para avisar a todos: era dia de pagamento. Pires de Carvalho leva-me uma resposta negativa; a tentativa falhava, trazendo-nos um mal enorme, um novo recrudescer da impaciencia dos marinheiros. Jayme Sebrosa, tendo sabido da nossa tentativa do dia 1, falla aos marinheiros em meu nome, sem minha auctorisação, apesar da opposição do capitão Palla de artilheria 1, transmite-lhes umas pseudo-ordens minhas, que nos iam conduzindo a um tremendo desastre no dia 4 de abril. Custou-me bastante a evitar o caso e prudentemente afastei dos trabalhos quem tão mal aproveitava a confiança que n'elle se tinha. Jayme Sebrosa era muito trabalhador, pertencia a uma platonica organização revolucionaria da loja

maçonica Accacia, em cujo valor eu tive a ingenuidade de acreditar até ao dia da Revolução.— *Méa culpa...*

Novas *démarches* junto do Directorio e dos caudilhos do partido republicano ficaram sem resultado. Fallaram-nos na necessidade de se contrahir um empréstimo de 300 a 500 contos de réis para se fazer a Revolução. Riam-se-me na cara quando lhes dizia que 7 ou 8 contos me bastavam. Valeu-nos a intervenção de Candido dos Reis, concordando connosco, mas a má vontade era tão grande contra a carbonaria que o armamento não veio por seu intermedio, se bem que fossem quasi todos carbonarios os que o introduziram em Lisboa. Isto deu em resultado o faltarem as armas á ultima hora, haver das existentes uma pessima distribuição, tendo sido encarregado da sua guarda um bom velhote Martins Cardoso, revolucionario chronico muito methodico, muito temente ao... Directorio e que nos ia perdendo a todos com estas suas bellas qualidades, como adeante se verá.

A Carbonaria era contraminada pela organização da Accacia. Esta pouca fraternidade, causava-nos arranhaduras que nos davam trabalho em sarar.

É opinião minha que, se as unhas feriam, é porque alguém as aguçava e como esse alguém, para só falar no pessoal, nos via ligados ao dr. Antonio José d'Almeida, mimando-nos, imaginava assim alluir o pedestal de carinho e sympathia a que o tinha elevado a população de Lisboa. Não via o cego, ou os cegos não viam, o mal que causavam ao paiz retardando o advento da Republica, no perigo de cahirmos n'uma administração estrangeira.

Eu sei que este meu relatório ha de desagradar a muita gente, mas não quero ser accusado, apesar do successo, de haver praticado um acto de loucura. Trabalhando incessantemente e com tanto risco, ainda me sinto maguado da falta d'auxilio e das deslealdades que para connosco se praticaram. Nunca caí no agrado dos deuses, porque, para conseguir o bem da minha patria, tinha de saltar por cima d'elles violentamente, sem diplomacias, mas avisando-os com toda a lealdade do trabalho em que andava empenhado.

Quando os aggressores do sargento Lima foram chamados á barra do tribunal, não encontraram um só defensor entre os grandes advogados republicanos. Foi preciso que o dr. Campos Lima, não republicano matriculado, os fosse defender. Receba S. Ex.<sup>a</sup> os mais sinceros agradecimentos em nome dos desgraçados prisioneiros ao tempo.

Como não havia maneira de avançar um passo no caminho da Revolução por falta d'um «plastron» decorativo, re-

solveu a loja maçónica «Montanha», por proposta minha, solicitar do grão-mestre adjuncto, em exercício, dr. José de Castro, uma assembléa geral de maçons, attendendo ao grande numero de obreiros que já se encontravam entre os ferros d'el-rei. O grão-mestre entusiasticamente annuiu e no dia 14 de Junho de 1910 realisava-se no Gremio Lusitano a mais imponente assembléa a que temos assistido.

José de Castro, n'um vehemente discurso, explicou os motivos que ali o conduziam e Carneiro de Moura apoiou-o calorosamente. Por fim, foi approvada, por aclamação, uma proposta minha, pela qual se outorgava ao grão-mestre plenos poderes para organizar uma commissão de resistencia secreta, afim de, com poderes soberanos, velar pela defeza e integridade da ordem.

José de Castro, sahindo da reunião, encetou o seu trabalho nomeando a seguinte commissão, a meu pedido. Presidente, José de Castro. Vogaes: Simões Raposo, Cordeiro Junior, Francisco Grandella, Miguel Bombarda e Machado Santos.

Na primeira reunião resolveu-se convidar o Directorio a associar-se a nós nomeando um representante civil e um militar: o representante civil foi o dr. Antonio José d'Almeida; o representante militar foi o almirante Carlos Candido dos Reis. Antonio José d'Almeida pediu para se fazer substituir pelo engenheiro Antonio Maria da Silva e Cordeiro Junior, vendo a maioria da commissão composta de carbonarios, buscou um contrapezoso em Martins Cardoso.

As reuniões eram continuas e Simões Raposo, que trazia na bagagem um alto engenho organisador, encarregou-se de distribuir os grupos civis revolucionarios em harmonia com um plano que estudára e que nós approvámos.



Dr. José de Castro

## Alternativas de esperança e desespero

Nos primeiros dias de julho o dr. José de Castro falla com o seu amigo e nosso irmão André Bastos, commandante de caçadores 2, a meu pedido; deu-nos d'elle tão boas noticias, que resolvemos elaborar immediatamente um plano para vir a revolução para a rua na madrugada de 16 de julho. A victoria era mais que certa, mas André Bastos recua, e dá apenas a garantia, mais tarde repetida a Candido dos Reis e Botto Machado, de que não iniciava o movimento, mas não se oppunha a elle e que, se o governo o mandasse sahír contra nós, o seu batalhão viria para o nosso lado. Não era só isto o que se desejava.

Como não existia armamento para a população civil, desejavamos que houvesse uma unidade firme que, sem ruído, pudesse fazer a sua junção com artilheria n.º 1. Só caçadores 2 o podia fazer, porque, conforme dissera o seu commandante, só dois officiaes é que não eram republicanos. Bastava a junção de artilheria n.º 1 com este batalhão, para nos assegurar a victoria. Com a recusa de André Bastos, restava-nos apenas um acaso feliz a nosso favor; n'esse dia eram quasi todos republicanos os officiaes d'inspecção aos regimentos.

Em 14 de julho, anniversario da tomada da Bastilha, Candido dos Reis, Palla e eu, reunimo-nos com o capitão de fragata Fontes Pereira de Mello, em casa d'este, no edificio da Cordoaria Nacional. O coronel Ramos da Costa não compareceu, escrevendo a Fontes uma carta, dizendo n'ella que achava melhor adiar o movimento para occasião oportuna, por causa da attitude de caçadores 2.

Candido dos Reis insiste na vinda da Revolução para a rua; o capitão Palla recusa-se a coadjuvar-nos porque, em sua opinião, não encontrava os elementos sufficientemente ligados. O capitão Palla passára quasi um mez em Malhada Sorda, onde o foi buscar o commerciante David, ignorando portanto o trabalho que n'esse tempo se havia feito. Candido dos Reis, com a morte na alma, sahe da Cordoaria Nacional, julgando-se deshonrando, pensando no suicidio. Na Junqueira, José Madeira esperava por mim, para levar ordens a população civil de Alcantara, aos marinheiros e a infantaria 2. A ordem, que recebeu de ficar tudo como

d'antes, exasperou-o, e elle, valente entre os valentes, chorou como uma creança!

Mas o peor não era elle; o peor foi á uma hora da madrugada junto á «palmatoria» de S. Roque; não tive coragem de ir sósinho ao encontro dos artilheiros de marinha José Malta, José de Carvalho e Carlos Cadete. O cruzador «S. Raphael», onde se encontravam, seguia viagem no dia seguinte; busquei a companhia de Amandio Junqueiro para me ajudar a convencel-os de que era necessario ter paciencia, não desanimarem e seguirem viagem sem deixar suspeitas do que se estava para dar. O que foi esse encontro, Amandio Junqueiro que o conte. Malta e Carvalho queriam suicidar-se, ali, n'aquelle momento, sendo difficilimo o acalmal-os; passava das duas horas e meia da manhã quando os largamos.



Cabo Antonio

## Previsão da Rotunda

No dia seguinte, Malva do Valle, Pires de Carvalho, Manuel Alegre, Pires Pereira e José Carlos da Maia, andavam furiosos. Procuraram Candido dos Reis e João Chagas e, por fim, encontrando-me, propõe-me a sahida n'essa noite, houvesse o que houvesse, succedesse o que succedesse. Encontrando José Carlos da Maia a sós, combino com elle a acção no caso dos marinheiros, desesperados, iniciarem a revolta. Carlos da Maia ia commandal-os, indo eu sublevar artilharia n.º 1 e occupar com o regimento as terras do parque Eduardo VII! Alguns sargentos e cabos de artilharia e os civis Manuel Lourenço Godinho e Armando Porphirio Rodrigues, já desde o 4 de abril que sabiam a posição que deviam occupar as baterias.

O permanecer na Rotunda na manhã de 4 de outubro, depois da retirada dos officiaes, não foi pela força das cir-

cumstancias! Era já plano antigo, discutido e approvedo na Alta Venda da Carbonaria! O official a quem coube a sorte de seguir á risca o plano que ideára, orgulha-se do bom resultado collido e a lembrança do successo, faz-lhe desprezar as injustiças dos correligionarios e até dos seus companheiros d'armas, que, devendo a vida e as benesses que disfructam, ao seu trabalho e á sua tenacidade, o tentam por todas as fôrmas desconceituar na opinião publica, inventando intenções que nunca teve, despeitos e ambições que não conhece!



Sebastião Magalhães Lima

Esquecem-se as boas almas de que o vencedor da Rontunda, em 5 d'outubro, seria tudo o que quizesse ser n'este paiz! Esquecem-se de que nada desejou para si e que tudo tem recusado.

João Chagas, vendo o fracasso de successivas tentativas revolucionarias, resolve chamar a si os officiaes do Exer-cito e da Armada e com elles inicia uma série de reuniões para mais intimamente os ligar.

Ramos da Costa, Fontes e Palla, continuam encarrega-dos de elaborar o plano. O capitão Palla volta novamente para Malhada Sorda, e novamente é chamado a toda a pressa para uma nova tentativa revolucionaria. Tudo a pos-tos, novamente a officialidade de caçadores 2 se recusa a collaborar no movimento e a respeito de plano detalhado,

era coisa que não existia. Na noite de 16 de agosto, no escriptorio de João Chagas, Valdez assumia a responsabilidade de pôr infantaria 5 na rua; Helder Ribeiro e Olavo, de combinação com os sargentos, iriam assumir o commando de caçadores 2; Pope, verdadeiramente às cegas, promptificava-se a assumir o commando de engenharia; os



Manuel Lourenço Godinho, Armando Porphirio Rodrigues  
e Antonio Augusto Maldonado

capitães Palla e Carvalho Henriques, tomariam o commando de artilharia 1 e caçadores 5; eu iria buscar infantaria 16. Tudo assim combinado, parecia facil no dia seguinte pôr a revolução na rua, mas o capitão Palla declarou não ter a certeza da obediencia dos artilheiros á sua pessoa, que ainda não achava os elementos bem ligados e pediu-me para ordenar aos soldados e cabos, que lhe fizes-

sem a continencia com o rigor que a ordenança marca, em



Santos Junior

vez da fôrma que tinham de cumprimentar militarmente; desejava assim observar numero de auxiliares com que podia contar. O movimento que devia effectuar-se na madrugada de 19 de agosto, mais uma vez foi adiado. O governo pela primeira vez foi informado. As tropas na noite de 18/19 ficaram de prevenção! O resultado das grandes reuniões foi a denuncia!

Chagas, abriu fallencia; foi tão grande o desgosto que teve, que adoeceu! Pires Pereira, Aragão e Mello, Garcia, Helder Ribeiro e Sá Cardoso retomaram os fios da meada militar, na parte que diz respeito á officialidade. Candido

dos Reis encarrega Sá Cardoso, Helder Ribeiro e Aragão e Mello de elaborarem um plano, visto a commissão do dito não ter detalhado o que tinha em mente.

Começa agora a parte comica na preparação revolucionaria.

Os officiaes não gostavam do meu feitio, e as informações por mim dadas, eram consideradas como phantasias d'uma cabeça mal equilibrada. João Chagas n'alguma coisa havia concorrido para esse lisongeiro conceito em que me tinham. João Chagas parecia não gostar da carbonaria. N'uma reunião de officiaes chegou a dizer que era dispensavel o seu concurso! O capitão de fragata Fontes Pereira de Mello oppoz-se e declarou que, sem a carbonaria, não dava o seu concurso á revolução. Effectivamente havia de ser difficil fazer qualquer movimento sem ella: o exercito e a marinha tinham sido *todos* alliciados por ella, e, entre a officialidade, presente á reunião, *mais de metade* tinha n'ella tomado os seus compromissos d'honra! O elemento civil era quasi todo carbonario ou estava ligado, sem o saber, aos carbonarios, assim como a Associação tinha as suas raizes apoiadas nas lojas maçonicas, sobretudo na «Montanha».



## Novos planos

A comissão de Resistencia da Maçonaria começou manobrando os officiaes por «detráz da cortina», servindo de intermediario Antonio Maria da Silva.

Os officiaes quizeram certificar-se da veracidade das informações que eu dava, mas não queriam que eu supeitasse d'isso! Sendo eu a unica pessoa que estava em contacto com os regimentos, era eu que tinha de lhes preparar as revistas sem que elles o suspeitassem. O resultado foi o mais lisongeiro possivel. Escuso de dizer que puz de parte a vaidade, para só pensar na causa que defendia, mas não foi sem sacrificio que o fiz.

A Comissão de Resistencia da Maçonaria teve de elaborar novo plano para a acção civil e d'esse trabalho encarregou-se Simões Raposo. A cidade foi dividida em seis grandes commandos e a sua acção consistia em impedir a concentração das guardas municipaes.

Dizia-se, não sei com que fundamento, que as guardas não se batiam contra o exercito, mas que sahiriam para a rua no caso de haver apenas uma sublevação popular. Como não era intenção nossa derramar sangue inutilmente, resolveu-se tomar varias posições na cidade, afastadas dos quarteis, mas onde as guardas deviam fatalmente passar no caso de virem contra nós. Os grupos civis destinados a impedirem a concentração, deviam ser armados de bombas e pistolas ou revolveres; tinham ordem terminante para só atacarem os guardas no caso de sahirem para a rua e, conforme a direcção que as companhias e esquadrões tomassem, assim se concentrariam os differentes grupos. Telles de Lemos, dr. Carlos Amaro, Emilio Meyrelles, Antonio Ferrão, Santos (professor) e Rodrigues Simões, foram nomeados para exercerem os altos commandos d'esses grupos.

Sá Cardoso e Helder Ribeiro vão n'uma noite ao Centro de S. Carlos, onde estava reunida a comissão de Resistencia da Maçonaria, examinam o plano da acção civil e approvam-no. Quanto ao plano militar, se já estava prompto, não o soubemos.

Independente d'esta acção defensiva contra a guarda, outras acções foram ordenadas, sendo as mais importantes as seguintes: o grupo civil dirigido pelo constructor Oliveira devia, de combinação com o tenente Pope de caval-

laria e o sargento Manuel d'Oliveira d'engenharia, sublevar o quartel da Cruz dos Quatro Caminhos; o grupo civil do commerciante Freitas, de combinação com o tenente Valdez, devia sublevar infantaria n.º 5; grupo civil de Coelho Dias devia sublevar caçadores 5 de combinação com o capitão Carvalhal Henriques; grupo civil de João Augusto de Andrade devia sublevar caçadores 2, de combinação com o sargento Moreira; grupo civil de José Madeira devia sublevar o corpo de marinheiros, de combinação com Machado Santos; grupo civil de José Victorino devia sublevar infantaria 2 de combinação com o tenente Americo Olavo; grupo civil de Franklin Lamas devia sublevar a guarda fiscal da Junqueira e Alcantara; grupo civil de Augusto Rodrigues devia sublevar a guarda fiscal da Rocha do Conde de Obidos; grupos civis de David Fonseca e Kopke com os ex-sargentos Carvalho, Guerra e Macedo deviam sublevar a guarda fiscal da 3.ª e 8.ª companhia, desde o posto da Pontinha até Moscavide; grupos civis de Abreu Castello, deviam sublevar os postos da guarda fiscal desde Braço de Prata até Oliveaes e de combinação com as forças de Beiroas apoderar-se d'este deposito e desarmar a guarda municipal que estivesse nos Oliveaes; Fernão Botto Machado sublevaria Sacavem e Camarate; Carlos Antunes, com o seu grupo, atacaria o Arsenal do Exercito pela porta da capella, servindo-se da Associação de Operarios, que lá tinha a sua sêde, e de que era presidente; Torres e Joaquim Nunes da Silva (Mendes) com outro grupo civil, atacariam de frente a guarda do arsenal e a guarda fiscal. Este ataque ao Arsenal do Exercito devia ser feito de collaboração com as forças de marinha de desembarque; Antonio Augusto Maldonado, Armando Porphirio Rodrigues e Manuel Lourenço Godinho, com um numeroso grupo civil e Carvella com um grupo de atiradores, deviam sublevar artilheria 1, de combinação com os sargentos e Dias Santos devia sublevar infantaria 16, de combinação commigo. Antonio dos Santos Fonseca, Amandio Junqueiro, J. Pires e Lameiras, com os respectivos grupos civis, deviam interromper as communicações telegraphicas e telephonicas; Pinto de Lima, com uma parte do seu grupo, devia sublevar as baterias de Queluz, de combinação com os sargentos; Jayme Sebrosa devia sublevar as forças de Barcarena; José Cordeiro Junior devia sublevar as povoações d'Algés a Paço d'Arcos; o grupo de Emygdio de Almeida devia apoderar-se do cabo submarino em Carcavellos e Lucio Abrantes, sublevar Belem e Ajuda com os seus grupos civis e, de combinação com cavallaria 4 atacar lanceiros e

infantaria 1, aproveitando-se dos elementos revolucionarios que tinhamos n'esses regimentos.

Vencedores em Barcarena, os insurrectos deviam marchar sobre Queluz, e, ou as baterias tinham sabido a nosso favor, ou estavam em grande desordem e confusão pelo ataque, que, de combinação com os sargentos, Pinto de Lima devia effectuar. Se este ataque tivesse sido mal succedido, os insurrectos de Barcarena deviam renovar-o. Consequindo-se arrastar connosco as baterias de Queluz, a força revoltada iria atacar o paço d'Ajuda e formaria no alto, para coadjuvar a acção de Lucio Abrantes em Belem. Os insurrectos de Carnaxide, Algés, etc., deviam tambem marchar sobre Belem; a guarda fiscal, que guarnece a parte da circumvalação desde a Pontinha até Moscavide, devia marchar sobre Beirollas; e Botto Machado, igualmente de Sacavem e Camarate sobre Beirollas.

Sucedesse o que succedesse, embora a revolução estivesse suffocada no interior da cidade, todos esses elementos de fóra tinham ordem de avançar e de recommençar a lucta a todo o custo, porque, enquanto houvesse um nucleo de resistencia, a cidade e os regimentos podiam sublevar-se de novo.

Candido dos Reis apoiára energicamente estas ordens da Commissão de Resistencia e combinára que **não haveria signal** para começo da revolução, *mas sim uma hora combinada*.

O Directorio, representado por José Relvas, Eusebio Leão, José Barbosa, Malva do Valle e Innocencio Camacho, veiu dar a sua sanccão perante a Commissão de Resistencia. Esta, que no movimento projectado para 18 de julho já havia escolhido o governo provisório, os governadores civis e do ultramar, os directores geraes e os nossos representantes no estrangeiro, entenderam que devia, d'esta vez, deixar ao directorio essa escolha!

Foi uma desgraça!

Se a Maçonaria tem tambem chamado a si esse servi-



Cabo Pissarra  
de infantaria n.º 16

ço, não estaríamos a esta hora sem representação diplomática, nem haveria a pouca coesão que se nota nos membros do governo. Os escolhidos pela Maçonaria não tinham entre si rivalidades pessoais que podessem tornar menos harmonica a obra governativa e não se veria o desolador espectáculo dos directores geraes nomeados e desnomeados, com grave prejuizo para o serviço publico.

Os governos ultramarinos já todos estariam tambem occupados e muitas desintelligencias que infelizmente se notam, teriam desaparecido; nenhum personagem considerado importante no partido republicano teria ficado descontente; todos receberiam a consideração devida aos seus talentos, não se dando o caso, a que se arriscam, de ficarem todos inutilizados á uma.

Um governo provisorio em periodo revolucionario, gasta-se depressa; é impossivel contentar a todos; por muita boa vontade que haja em acertar, e tem havido, é impossivel remover escolhos antigos sem n'elles tropeçar, é impossivel legislar a contento de todos e muitas vezes imaginando-se contentar a maioria, apenas uma minoria é beneficiada, dando logar a que se levantem formidaveis campanhas, que podem transformar o antigo carinho, em odio rancoroso e injusto!

Os maçons da Commissão de Resistencia nenhum logar reservavam para si.

Sanccionada a revolução pelo Directorio, faltava apenas marcar dia e hora, e d'isso se encarregou Candido dos Reis e de distribuir o armamento e as bombas; d'isso já se tinha encarregado Martins Cardoso. Cada pequeno grupo civil que devia operar contra as guardas devia receber cinco armas e cinco bombas; para vigias existiam n'esses grupos, homens completamente desarmados, para informarem os outros, das evoluções do inimigo. Estes deviam combater com os olhos e não prestavam menor serviço. Cada grupo que ia aos regimentos devia levar 30 homens armados, pelo menos; os grupos do arsenal do exercito deviam receber 30 armas tambem. Abreu Castello devia receber 50 armas, Lucio Abrantes devia receber 100 armas e 300 cartuchos Mauser, que o engenheiro Antonio Maria da Silva ficou de lhe enviar, servindo-se para isso dos que tinha o alferes Magalhães Martins, de infantaria 5; os grupos que deviam ir a artilharia n.º 1 é que iriam melhor armados; deviam levar 50 armas pelo menos.

## Emfim!

Na noite do dia 4 de outubro, marinheiros e praças de varios regimentos dirigem-se á Commissão de Resistencia reunida no centro de S. Carlos e informam de que os na-



Busto do esculptor S. Almeida

vios iam receber ordem de sahida para o dia 4 de outubro; insistem para que a Revoluçào se faça antes d'isso e forçam Candido dos Reis a intervir. O almirante, que havia estado com os officiaes, trazia a noticia de que era im-

possível o movimento. Mais uma vez a ordem de marcha era impedida, não sabendo eu d'esta vez por quem. Se Candido dos Reis tivesse dito que sim, as coisas tinham corrido d'outra maneira. Assim, desalentados, dos marujos, alguns foram de licença para fóra de Lisboa no dia seguinte, e fizeram muita falta; dos soldados, apenas alguns tiveram tempo de cumprir as antigas ordens recebidas. Se o almirante os não tivesse dissuadido, essas ordens eram cumpridas; á hora combinada revoltavam-se, apoderando-se da porta das armas para facultarem a entrada ao elemento civil; se os officiaes se oppuzessem, paciencia; os primeiros a serem sacrificados deviam ser os republicanos.

Que os meus camaradas me desculpem. Eu estou escrevendo historia e esta tendo de ser imparcial, fêre sem olhar a quem. E' por isso que a historia só se deve escrever passadas duas gerações ou mais. Sei que com este relatorio não vou grangear amigos, mas quem até hoje tem passado sem elles, bem pode no futuro continuar assim.

Outro inconveniente grande foi a má distribuição das armas; mas não precipitemos a narrativa.

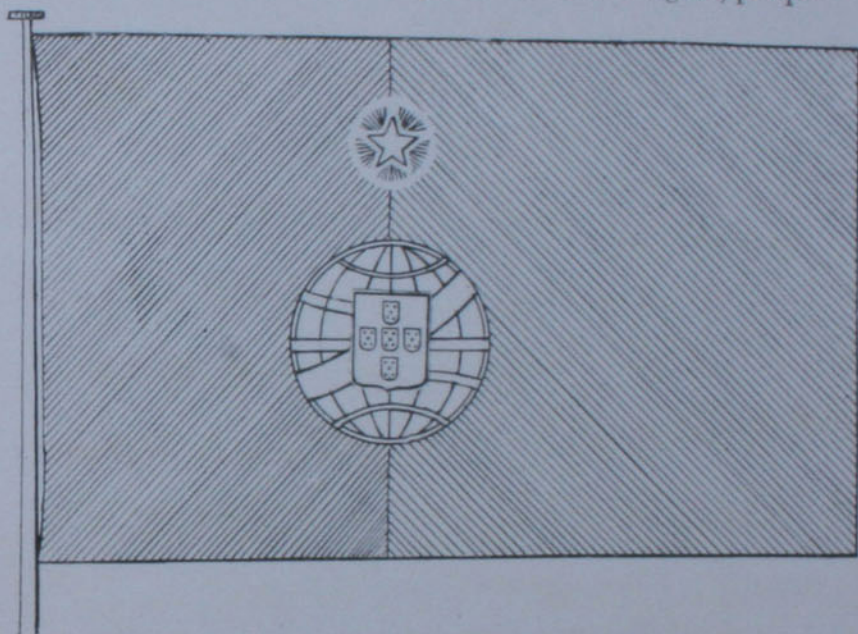
## Preparativos e senha

No dia seguinte fui informado de que Candido dos Reis tinha uma reunião com a officialidade de marinha no escriptorio de Eusebio Leão, ás 4 horas da tarde.

Lá fui. Cerca das 6 horas e meia da tarde Innocencio Camacho e José Barbosa ouviram o almirante dizer-me que a revolução viria para a rua á uma hora da madrugada do dia 4; era muito pouco tempo para avisar a todos. Corro a minha casa para ver se ainda encontrava os principaes intermediarios que todos os dias das 5 ás 6 me procuravam, para receberem ordens; já todos se tinham ido embora. O desengano da vespera não os animava a esperar.

Pelas 8 horas da noite d'esse dia (2) reuniu a Comissão de Resistencia no Centro de S. Carlos. Candido dos Reis compareceu. Nem sequer um marujo nos foi procurar; pouca sorte! Ficou resolvido que á frente de cada um dos grupos civis que iam sublevar os regimentos, iria um caudilho da democracia e novamente Candido dos Reis indicou a **uma hora da noite para os regimentos sahirem para a rua**. Disse a Candido dos Reis que iria buscar infantaria 16 por lá não termos nenhum official, nem sequer um sargento para amos-

tra; que não desejava que para esse regimento fosse qualquer pessoa importante do partido, porque contava com a morte na parada, sem outro official para me ajudar, que não deixasse fraquejar os soldados; que faria que a confusão fosse tão grande no regimento que o tornasse incapaz de vir contra nós; mas, no caso de ser bem succedido, perguntava-lhe para onde devia marchar com elle. O almirante respondeu-me que seguisse para artilharia n.º 1. Mais uma vez insisti para que não houvesse signal, porque



**Bandeira dos navios e regimentos revoltados  
em 4 e 5 de Outubro**

(Vermelha junto à tralha e a parte maior verde — Esphera armilar de ouro, assente em fundo azul — Estrella de prata com resplendor d'ouro).

temia que todos ficassem á espera d'elle, como no dia 28 de janeiro. Alem d'isso o signal tanto seria para os revolucionarios como para o governo. Candido dos Reis *novamente me disse que á uma hora da noite me puzesse em marcha para artilharia 1.* Eram 11 horas da noite; a esta reunião tinha assistido o dr. Antonio José d'Almeida. Sabindo do Centro de S. Carlos dirigi-me á Feira d'Agosto em busca d'um marinheiro de confiança. Por acaso encontrei um pertencente á guarnição do «Adamastor» que estava no dique; faço-lhe entrega das bandeiras para os

navios; dá um pulo de contente: era Carlos Cadete; por elle foi o aviso para o «S. Raphael».

No dia seguinte de madrugada corro a infantaria 16, ninguem nos arredores do quartel! Arranjei um automovel que me levou a casa de Armando Rodrigues e com elle fui á rua do Arco do Carvalhão, a casa de Manoel Lourenço Godinho. Este poz-se immediatamente em campo para avisar artilharia 1. Pedi-lhe para mandar o cabo Clemente, de artilharia, avisar o cabo, tambem Clemente, de infantaria 16 e o soldado 8, para que o comité d'esse regimento se encontrasse commigo no jardim da parada, que era o nome que elles davam ao jardim de Campo d'Ourique, ás 8 horas da noite. De casa de Godinho marchei para Alcantara, a avisar o elemento civil. *Era meio dia de 3 de outubro.*

Restava-me preparar a entrada no corpo de marinheiros aos officiaes que lá haviam de ir. Combinei com as praças e com os sargentos o que havia a fazer. Determinei que uns sargentos entrassem antes da hora, no quartel, para convencerem os sargentos de serviço a adherirem e ao mesmo tempo animarem as praças que deviam abrir a porta do jardim e correr ás cazernas para procederem ao levantamento do corpo; indiquei-lhes a typographia Liberty de Lamas & Franklin e o estabelecimento de João Augusto de Andrade, para irem buscar o cartuchame que conseguira arranjar para a troca das primeiras impressões com o inimigo. De Alcantara, sigo para casa de Miguel Bombarda para saber d'elle se Candido dos Reis já tinha combinado a senha. No jardim do hospital de alienados recebi a dolorosa noticia do attentado contra a sua vida; corro a S. José e lá, João de Menezes informa-me de que Miguel Bombarda nem por milagre poderia escapar. Digo a João de Menezes que Bombarda havia decidido ir á frente dos grupos civis que deviam auxiliar o levantamento de artilharia n.º 1. Menezes diz-me que elle estava explicando tudo, com uma serenidade assombrosa, ao dr. Brito Camacho.

Menezes pergunta-me se confiava no exito da revolução e eu respondo-lhe que havia de vingar Miguel Bombarda.

Dirigindo-me ao Centro de S. Carlos, encontro lá Candido dos Reis. O almirante diz-me a senha: *Mandou-me Procurar? — Passe cidadão!*— Perguntei-lhe se Soares Guedes estava avisado por causa dos barcos; disse-me que sim.—Convida-me depois a ir á reunião da rua da Esperança; digo-lhe que me era impossível, porque a essa hora estaria combinando a minha entrada em infantaria 16.



—Então abrace-me, diz-me o almirante, é possível que nos não tornemos a ver.

Infelizmente assim foi: desde esse momento nunca mais tornei a ver o saudoso almirante!

A's 4 horas da tarde encontro o chefe civil Belem;



Dr. Miguel Bombarda

pergunto-lhe se o commandante Fontes lhe não tinha marcado lugar; respondeu-me que o não tinha visto. Então disse-lhe que se o não encontrasse e não tivesse portanto destino, que viesse commigo para infantaria 16 e que o

fantaria 16 e que o ponto de reunião era o centro de Santa Izabel, na rua de Campo d'Ourique, mesmo nas trazeiras do quartel.

Pelas cinco horas da tarde dirijo-me á typographia Lamas, em Alcantara, e ahí Sousa Dias informa-se, na minha presença, do estado do corpo de marinheiros. Approva as instrucções dadas e combina servir-se d'esse estabelecimento para reunião dos officiaes e sargentos que deviam assaltar o quartel.

A's 8 horas da noite, no jardim de Campo d'Ourique, combino com as praças de infantaria 16 o movimento no quartel. Como **á uma hora da noite**, segundo as ordens do almirante, os regimentos deviam sahir para a rua, ordeno-lhes que á meia noite e quarenta e cinco minutos um grupo de sessenta homens se dirigisse, armado, á porta das armas para nol-a abrir e que os outros procedessem, tambem armados, ao levantamento das cazernas. Para isso contava-se com uma arrecadação que ficára aberta e que forneceria uma centena d'armas e o respectivo cartuchame. Acertei o relógio de um d'elles com o meu e fiquei satisfeitissimo com a attitudo decidida que mostravam; o cabo 96 da 1.<sup>a</sup> companhia do 3.<sup>o</sup> batalhão estava presente, tinha fugido do hospital onde estava em tratamento havia mezes, para tomar parte na revolta!

Depois de transmittir estas ordens a infantaria 16, si-go para o Aterro, afim de me encontrar com os sargentos de marinha. Vejo-os decididos; vou depois ao Gremio Lusitano a avisar algum irmão que não tivesse recebido ordens. Não havia ninguem para as receber. Dirijo-me em seguida para o Centro de S. Carlos e vejo, com desgosto, eram dez horas e meia da noite, officiaes á paizana que eu julgava deverem estar ou no quartel, aproveitando a ordem de prevenção para ultimarem os preparativos da revolta, ou em conferencia com os chefes dos grupos civis.

Em vez d'isso esperavam anciosamente que lhes fornecessem uma arma! Como nada mais tinha que ultimar, *porque todos os contactos estavam já estabelecidos*, dirijo-me para o Centro de Santa Izabel onde, com grande espanto meu, vejo o chefe civil Meyrelles, tendo á sua frente, n'uma meza, apenas *quatorze armas!!!* Interrogo-o e pergunto-lhe a razão porque se encontrava ali. Respondeu-me que esperava as bombas e as armas de fogo promettidas e diz-me que as existentes, *quatorze*, não chegavam nem para o grupo que devia marchar commigo sobre infantaria 16. Vi de prompto o quanto tinha sido descurado o serviço de distribuição d'armamento! Ao soar da meia

noite julguei tudo perdido, mas reservei para mim a angústia que sentia! No regimento de infantaria 16 *não havia nem um unico official, nem um unico sargento!* Era considerado o peor regimento de todos. Candido dos Reis tinha-me dito que officiaes me haviam de ajudar, *mas depois do regimento estar na rua, e que esperariam a passagem d'elle* pela rua do Arco do Carvalhão! Sem officiaes e sem sargentos impossivel era enquadrar os soldados; o quartel da municipal da Estrella estava a dois passos do quartel do 16; o mais pequeno rumor podia pôr na rua a guarda municipal e um ataque, por pouco vigoroso que fosse, seria o bastante para originar uma chacina ou uma debandada geral.

Quando resolvi guardar para mim o commando do 16, *a accção mais perigosa*, segundo se afigurava a todos, contava com a perturbação que as bombas deviam causar na municipal e que me dessem portanto tempo a metter os soldados em forma.

Assim completamente desapoiado, só tive uma alegria: o ver entrar sete homens, com o chefe civil Belem, electricista da barca d'agua do arsenal de marinha, no valor do qual eu tinha bastante confiança! Com dois homens como Meyrelles e Belem e seus grupos, vae-se para o fim do mundo, disse eu commigo e fui tratando de envergar a minha farda de gala, para que o brilho das dragonas supprisse a falta de largos galões que não tinha.

Julgo ter sido o unico official que se preparou para a morte como quem se prepara para um casamento. Digo-o com legitimo orgulho e estou convencido de que ao menos uma vez o objecto decorativo, dragonas, produziu qual-quer coisa de importante. Os exploradores do inimigo, ao verem-me á frente da guarda avançada na rua Alexandre Herculano, imaginaram que a columna revolucionaria era numerosissima, pois á sua frente vinha... um official general! O resultado foi o de fugirem apavorados. Efeito das dragonas!

No Centro de Santa Izabel disparou-se uma arma: por felicidade a bala não victimou ninguem, mas a policia cercou a casa. Era meia noite e quarenta e cinco minutos quando a porta do Centro de Santa Izabel se abre. Os policiaes á vista d'um homem tão vistosamente dourado, fogem como lebres e nós vamos esbarrar contra a porta das armas do regimento, quando na parada se ouvem os primeiros tiros.

## No quartel de infantaria 16

A porta estava fechada. Não houve maneira de a abrir, aos gritos de Viva a Republica. O cabo n.º 30 da 3.ª companhia do primeiro batalhão, Pedro da Cruz Forçado, indica-nos a porta d'uma arrecadação regimental e á coro-



Quartel de infantaria 16 — Porta ao Norte

nhada consegue arrombal-a. Este bravo e decidido rapaz salvou-nos a situação!

A sentinella, que de fóra estava, não resiste a um abraço meu, e, arrombada a porta, subindo uma pequena escada, conseguimos arrombar um alçapão! Emfim! Eis-nos na parada! A alegria dos soldados é enorme! Os soldados abraçam-me, gritando: Viva a Republica!

Novos tiros partem não se sabe d'onde, um soldado cahe morto a meus pés; os soldados enfurecem-se e dão tiros á doida, enquanto os civis correm ás casernas a chamar os retardatarios e a armarem-se!

Tento metter os soldados em forma; é impossivel! Corro a revistar ligeiramente o quartel e encontro apenas o major Dias a quem convido a adherir; o major recusa, deixo-o em paz e trato o mais depressa possivel de me pôr em marcha para artilharia 1, depois de ter organizado uma guarda da rectaguarda de cerca de 30 homens.

Quando o 16 sahiu apenas lá ficou o major, e dizem que o tenente coronel; tudo o mais tinha fugido! O regimento estava de prevenção *como os outros*. Officiaes, sargentos, musicos e impedidos, tudo tinha abalado e isto



Quartel de infantaria 16—Porta das armas (Sul)

ainda constituia uma força de mais de 100 homens contra nós.

Quando o 16 recebeu ordem do governo para ir para as Necessidades, tirando umas dezenas de soldados que fugiram e recolheram ao quartel novamente por medo, sem que fosse possivel evital-o, até os musicos pegaram em armas!

O regimento tinha em Braço de Prata, em Beirollas, no quartel general e em Valle do Pereiro, destacamentos com magnificos elementos revolucionarios e que bastante diminuam o seu effectivo. Ainda assim, foram cerca de

200 homens que entraram em artilharia 1, uns 170 pela porta das armas e uns trinta e tantos pela porta do paiol; estes constituíam a guarda da rectaguarda.

## Em artilharia 1

Como se fez a marcha até artilharia 1 ainda hoje o não sei dizer! A porta das armas d'este regimento conserva-



Porta das armas do quartel de artilharia 1 depois do combate

va-se fechada. Tínhamos sahido quartel de Campo d'Ou-  
rique á uma hora em ponto conforme as ordens do almi-  
rante; deviam passar quinze minutos da uma quando che-  
gámos a Campolide. Batemos á porta do quartel. Foi pre-  
ciso arrombal-a tambem com o auxilio dos civis que já  
se encontravam lá dentro e do ferrador Bento Vaz. Com  
o 16 entraram uns officiaes que estavam não sei bem aon-  
de. Com alguma difficuldade consigo pôr os soldados em  
ordem e dividil-os em pelotões.

O capitão Palla manda-me chamar e diz-me para ir  
arrancar ao commando do capitão Choque a bateria que

este conservava n'um corredor, debaixo de fóрма. Com grande custo consigo, á força de diplomacia e carinho, arrastar comigo a bateria, sendo bastante auxiliado pelos elementos civis que levava com infantaria 16, commandados por Meyrelles e pelos sargentos Silva e Pinho. O chefe Belem tambem muito me auxiliou n'este trabalho.



Sargento Silva

A sublevação em artilharia 1 foi iniciada pelos sargentos Mathias, Encarnação, Pimentel, Tereno e Firmino Rego. Durante o dia 3 fizeram as nomeações do pessoal e gado que devia guarnecer as baterias; eram 9 horas da noite quando foram avisar os outros sargentos, dois por bateria, de que a revolução era d'ahi a pouco. A's 11 horas da noite os sargentos acima referidos, de combinação com artilheiros, apoderam-se de todo o armamento portatil e respectivas munições, transportando tudo para o posto optico, onde se encontravam escondidos os revolucionarios civis do commando de Manuel Lourenço Godinho.

Armando Porphirio Rodrigues e Antonio Augusto Maldonado, ficando os grupos d'estes patriotas admiravelmente armados, bem como o grupo de Raul Nunes Leal.

Alguns officiaes, notando o movimento, começaram a armar-se para fazerem opposição, mas os sargentos abreviaram a acção, mandando avançar os civis para prenderem os officiaes. O capitão Palla, o alferes Brandão e os sargentos, dirigem-se ás baterias e arrastam-nas para a parada. A unica a ficar debaixo de fóрма foi a do capitão Choque, mas essa mesma seguiu o destino das outras.

## Em marcha



Sargento Mathias

A primeira bateria que se pôz em movimento marchou com uma força de infantaria 16 em direcção ás Necessidades, sob o commando do capitão Sá Cardoso. Na rua Ferreira Borges houve um recontro com a guarda municipal; o sargento Mathias obrigou, com duas granadas, o inimigo a destroçar. A força retrocedeu, com perda de uma peça, por se lhe terem quebrado as lanças; essa peça ficou em estado do inimigo não a poder aproveitar. Nesta occasião, grande numero de praças fugiram.

A segunda e terceira baterias, sob o commando do capitão Palla, fizeram a sua junção com a primeira na rua das Amoreiras, e a columna dirigiu-se para o largo do Rato, indo um pelotão de infantaria 16 em guarda avançada, sob o meu commando. No Rato assaltou-se a esquadra de policia armando-se os civis com os revolvers da mesma. A columna mettu á rua Alexandre Herculano, em direcção á Avenida e, n'essa rua, estabeleceu-se um panico tão grande que difficil foi reorganisar o pelotão para repellir o ataque do inimigo. O elemento civil baralhando-se com a tropa, impedia os movimentos d'esta e teimando em conservar-se junto dos soldados, tornava difficil o commando.

## Na Avenida

Chegados á Avenida, recebi ordem de, com o meu pelotão, marchar na vanguarda da columna em filas singelas, junto aos predios do lado oriental, ao mesmo tem-



po que outro pelotão, pelo lado occidental, me devia apoiar: — a columna marchava sobre o Rocio. Quando o pelotão de infantaria 16 chegou á altura do coreto, formou em angulo para repellir um ataque vigoroso da cavallaria, ao mesmo tempo que uma peça em posição, no alto da Avenida, lhe mandava duas granadas. Repellido o inimigo com perdas em homens e solipedes, ia recommençar a marcha, quando vi que o outro pelotão que devia marchar na minha direita, tal não fazia; retrocedi e immediatamente fui formar na Praça do Marquez de Pom-



Alferes Camacho Brandão

bal defendendo as embocaduras das avenidas Fontes e Loulé.

Eram talvez cinco horas da manhã.

Como a guarda dirigisse um ataque pelos lados do matadouro, mandei pedir que me fosse enviada uma peça. O commandante da columna mandou-m'a e ao primeiro tiro o inimigo retirou.

Pelo lado que dirigia a defeza não consentia que ninguém passasse, mas por todas as outras embocaduras das ruas transitava-se livremente. A guarda conservou connosco sempre, um contacto aggressivo. Foram apprehendidos varios telegrammas que iam dirigidos ao presi-

dente do conselho e por elles soube que a bandeira republicana já fora hasteada n'algumas povoações da margem esquerda do Tejo, o que mandei dizer ao commandante geral, participando essa boa nova aos soldados. Alguns alumnos da escola do exercito me appareceram a coadjuvar a defeza. Seriam cerca de 7 horas da manhã quando tive noticia da morte de Candido dos Reis, noticia que prudentemente occultei de todos, não consentindo que o portador da má nova atravessasse a praça. As primeiras carroças de pão que appareceram foram obrigadas a deixar o que traziam, o mesmo succedeu a uma carroça com leite.

### Conselho d'officiaes

Chamado a conselho d'officiaes, votei contra a retirada, allegando que, enquanto troasse a artilharia no Tejo e nós mantivéssemos a posição da Rotunda, dominavamos a cidade. Sá Cardoso disse-me que todos os elementos com que contávamos nos tinham fallado, que a guarnição de Lisboa estava toda contra nós e que para nos aguentarmos, eramos obrigados a fazer uma carnificina nas ruas de Lisboa, o que muito lhe custava ordenar. Insisti e pedi licença para ir reoccupar o meu posto, a fim de não afrouxar a defeza na parte que me incumbia. O recinto ia-se enchendo de populares, o que bastante me magoava, porque vinham desarmados.

Novamente atacado, recebi ordem para comparecer a novo conselho d'officiaes. Tendo repellido o inimigo, fui ao centro da praça; novamente me recuso a abandonar o campo e peço outra peça para guarnecer a entrada da avenida Duque de Loulé. Esta peça não me foi enviada, e com desgosto, ia a dirigir-me ao commandante da columna, quando debalde o procuro, sem encontrar os officiaes e vejo até a força reduzida talvez a metade!

Cheguei a pensar no suicidio; mas a idéa de que os pobres soldados de infantaria 16 que se tinham revoltado, causando a morte a um coronel e a um capitão com o tiroteio na parada, chamou-me á responsabilidade da minha situação e fez-me pensar que a todo o tempo era tempo de liquidar a existencia; enquanto houvesse alguém que se collocasse em torno de mim havia de resistir; seria a repetição do ultimo quadrado de Waterloo.

A um clarim dedicadissimo que nunca me abandonou,

dei ordem de tocar a sargentos. *Appareceram-me* 9. Era o que restava para commando!

Não quero ir mais além sem fazer aos meus camaradas a devida justiça. Republicanos dedicadissimos de ha longos annos, vendo uma organização forte e que julgavam invencivel, contavam que toda a officialidade compromettida cumprisse o seu dever; imaginavam que, não se lhes exigindo o impossivel, occupassem os postos que voluntariamente tinham acceitado; infelizmente não succedeu assim e, em vez d'um movimento victorioso, viam uma pequena columna completamente cercada per toda a guarnição de Lisboa!

N'estas condições, quem não tivesse as tremendas responsabilidades que pesavam sobre mim, fazia o mesmo que fizeram os meus camaradas. O que se passava no resto da cidade? E os marinheiros a bordo ter-se-hiam visto forçados a algum sacrificio doloroso? Esta lembrança obrigou-me a tudo arriscar para salvar d'uma hecatombe os meus desgraçados companheiros e para não sobre-carregar a consciencia com as victimas que a minha propaganda arrastara á perdição.

O desalento foi rapido e durou apenas alguns segundos; ninguem como eu podia ter esperanza nos soldados que enfileiravam do lado do inimigo: esses soldados em sabendo que era Machado Santos que tinham pela frente, não só nos não hostilizariam muito, como haviam de debandar aos primeiros tiros.

Esta convicção só a podia ter quem directamente houvesse tratado com elles; esta convicção só a podia ter quem com elles andara todas as noites, durante anno e meio, sem allrouxar um só momento e percebendo em todos o mesmo enthusiasmo.

Por isso o desalento nos meus camaradas é perfectamente comprehensivel; e o seu procedimento humano, não desejando promover em Lisboa uma chacina, convencidos como estavam da perda da nossa causa, obriga todos a olharem com o devido respeito aquelles que tentaram regenerar a sua Patria e para isso fizeram patrioticos e dedicados esforços.

A força existente na Avenida ás nove horas da manhã, salvo a superioridade da artilharia, era numericamente inferior á do movimento do Porto em 31 de janeiro de 1891 (talvez um terço). O inimigo, d'uma superioridade esmagadora, tinha em seu poder todos os depositos. O elemento civil não parecia ter hostilizado a guarda; por onde a columna passava, não havia indicio algum d'uma cidade em revolta. Só uma crença firme, adquirida á cus-

ta de grande trabalho, podia ter esperança na victoria final. Essa crença ninguem como eu a podia ter!

Quando os dirigentes do partido consideravam tudo perdido, como o não haviam de considerar tambem um punhado de officiaes, vendo-se forçados a pôr de parte, completamente, o plano combinado, tomadas como estavam pelo inimigo as posições que os revoltosos deviam occupar? Era impossivel com os avisos recebidos de fora conservar a esperança na victoria. Ainda me approximei d'um automovel para sustar a partida dos meus camaradas. Alguns cidadãos civis queriam que os mandasse prender e fuzilar; entendi por melhor deixal-os seguir o seu destino, se estavam convencidos da impossibilidade de continuar a lucta, não era pela força que lhes incutia a esperança.

As ordens da Alta Venda para que todas as forças revoltadas avançassem para o interior da cidade, embora o movimento tivesse sido suffocado, ordens dadas fóra do plano da acção militar, davam-me a esperança de um auxilio externo, auxilio que infelizmente não veio, mas que podia ter-se dado.

Quando foi do 28 de janeiro, eu ignorava o plano militar; d'esta vez succedeu o mesmo, pouco me importava com isso, visto que a outra patente muito mais elevada que a minha pertencia tomar o commando; na acção o chefe revolucionario devia subalternisar-se ao chefe militar; não succedeu assim, infelizmente. Se o tivesse conhecido desapprovaria por completo a dispersão das nossas forças antes de ter procedido á sua concentração. Mandar uma força para o Rocio, outra para o Carmo e outra para as Necessidades, sem se ter a certeza de todas as forças poderem sahir á mesma hora dos seus quartéis, sem se ter a certeza de vingar o movimento em todos os regimentos, era pormo-nos em risco de sermos batidos por fracções, no caso de falhar uma das peças do nosso taboleiro de xadrez. Além d'isto a baixa do Rocio nunca foi da minha sympathia. Todos os movimentos que se teem dado em Lisboa, desde o massacre do 15 de infantaria no tempo de D. Miguel, até á sarrafusca do 18 de junho no tempo de João Franco, teem falhado, porque o Rocio era o local escolhido para campo de manobras.

A ideia do capitão Palla, de segurar as alturas da Graça e Penha de França era infinitamente superior. Estabelecendo no alto da Graça o quartel general da revolta, fazendo convergir os esforços para fazer sahir para a rua o 5 de infantaria, *que era considerado o nosso melhor re-*

*gimento*, ter-se-hia evitado essa lucta de 33 horas que tanta gente victimou.

Além d'isto, o estabelecimento de banhos de S. Paulo era uma ratoeira onde uma policia habil teria feito uma optima caçada. Um chefe militar ou civil, um chefe verdadeiramente digno d'este nome, busca sempre apoiar-se na força para poder transmittir as suas ordens. Póde allegar-se que a marinha estava a dois passos, mas este argumento é phantastico, porque um navio revoltado, não tendo a sua lotação d'officiaes tambem revoltada, só horas depois d'iniciado o movimento é que pode operar um desembarque.

Infelizmente, as coisas não se passaram como deviam e n'este caso não é logico nem justo que um grupo de officiaes venha a soffrer uma injusta apreciação do seu procedimento quando tudo lhes indicava a perda da causa pela qual arriscaram as suas patentes.

## A Rotunda

Ao toque do clarim, responderam á chamada nove sargentos. Os seus nomes devem ficar gravados em letras d'oiro na historia nacional:

Mathias dos Santos;  
 José Soares da Encarnação;  
 Ernesto José dos Santos;  
 Francisco Alexandre Lobo Pimentel;  
 Francisco Garcia Terenc;  
 Laurino Vieira;  
 Firmino da Silva Rego;  
 Ernesto Joaquim Feio;  
 Manuel da Conceição Silva.

Tendo-lhes dito que os officiaes haviam abandonado o campo, aconselhando os primeiros sargentos a imital-os e ordenando á força que recolhesse a quartéis, perguntei-lhes se accitavam o meu commando. A resposta foi prompta: *Nós morremos aqui ao lado de V. S.ª!*

Esta resposta épica, tão simples, tão digna, impressio-

nou-me tão profunda e favoravelmente que desde logo julguei segura a victoria. Reunidos em conselho, disselhes que a posição era optima e logo combinámos permanecer n'ella e guardar a defensiva. Tinhamos ao todo oito peças de artilharia! Com a retirada dos officiaes e dos outros sargentos muitas praças se tinham retirado tambem; o effectivo da columna n'esse momento *não era superior com certeza a 200 militares, antes pelo contrario*. Em posição estavam apenas duas peças: uma collocada na embocadura da avenida Fontes Pereira de Mello, outra



Machado Santos com os 9 sargentos da Rotunda

apontada para a rua central da avenida da Liberdade. Immediatamente se puzeram em posição as outras cinco, indo tres d'ellas guarnecer as terras do parque Eduardo VII para lá do alto da feira d'Agosto. Firmino Rego foi o primeiro a marchar com a sua, seguindo-se os dos sargentos Mathias e Tereno. Estas tres peças cruzavam os seus fogos com as que defendiam o quartel de artilharia n.º 1, cuja defeza tinha sido confiada pelo capitão Palla, segundo elle me informou, ao sargento ajudante Arthur Sangreman Henriques. Para abrigar a infantaria construíram-se, nas terras, trincheiras-abrigos.

O campo ficou assim regularmente defendido contra

qualquer ataque que nos fosse dirigido pelo Norte pelos lados de Campolide e Sete Rios. Para defender o campo dos ataques pela face Sul, collocou-se em posição mais uma peça, fazendo frente a qualquer aggressão que nos fizessem pela avenida da Liberdade; outra foi collocada na embocadura da avenida Braancamp e outra apontada para a avenida Duque de Loulé. Atiradores civis defendiam as entradas do parque e das ruínas do quartel de Valle do Pereiro. O dr. Malva do Valle, illustre membro do Directorio, que presente estava, conversando de parte commigo, disse-me que de todos os presentes nós dois é que seríamos fuzilados, elle como o unico chefe civil presente na acção, eu como chefe militar. Que ordenasse o que entendesse porque tambem era de opinião que se deviam fazer todos os sacrificios e que embora convencido da sorte que nos esperava, ficava commigo para dar ao mundo o exemplo do *Dever cumprido*.

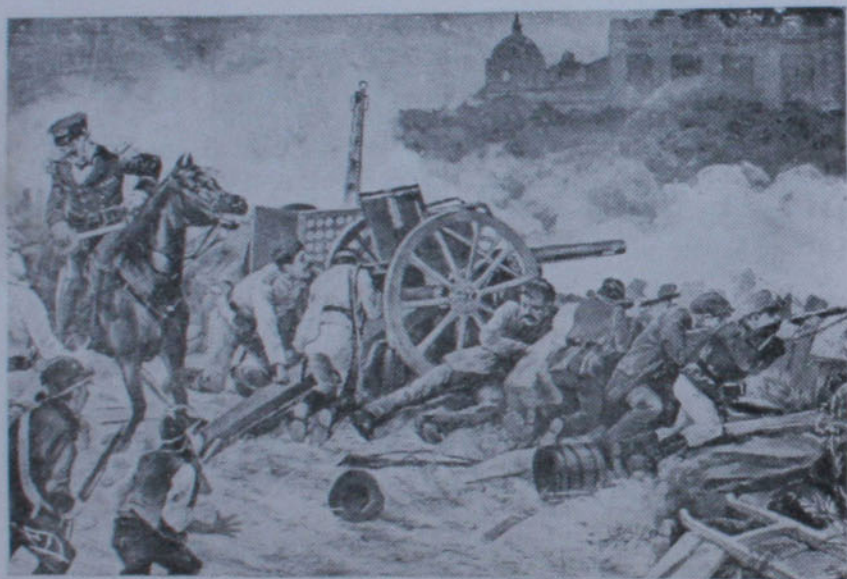
Um alumno da Escola do Exercito que se encontrava a meio da praça Marquez de Pombal recusou retirar-se. Disse-lhe que não arriscasse o seu futuro e que, com as relações que tivesse, empregasse todos os esforços para melhorar a sorte dos prisioneiros nos conselhos de guerra e que se reservasse para mais tarde continuar a obra que não souberamos levar a cabo. O bravo rapaz recusou; abracei-o e perguntei-lhe o nome; não me respondeu, seguindo immediatamente para a linha de fogo. Era o cadete Ribeiro Gomes. O mesmo fizeram o aspirante de marinha Adolpho Trindade e o cadete Ignacio d'Azevedo.

Montando a cavallo (pela primeira vez o fazia) percorri a extensa linha de defeza e vi com prazer que tudo quanto tinha sido combinado no conselho da guerra se estava, pontualmente executando. Civis armados vinham dar-nos o seu concurso e uma multidão immensa pedia que lhe fornecessem armas; era o verdadeiro começo da revolução! Armas já não tinha para distribuir. Vendo Americo d'Oliveira, peço-lhe que me ajude a desfazer de tanta gente que só prejudicava a defeza. Digo á multidão que se dirija ao Rocio, por diferentes pontos, porque os regimentos de caçadores 5 e infantaria 5 eram nossos, que os envolvessem por todos os lados; tendo o cuidado de só darem vivas á Patria e ao Exercito, até conseguirem o contacto com os soldados. Logo que se baralhassem com elles, deviam então dar vivas á Republica. Disse-lhes tambem que nao conseguindo logo de entrada o fim desejado se conservassem attentos á mais pequena hesitação que se observasse nas tropas do adversario, porque aproveitando o momento de panico que n'ellas conseguisse esta-

belecer, o povo baralhado com os soldados, impediria que os regimentos tornassem a formar.

Não foi sem custo que consegui fazer-me obedecer da multidão; todos queriam colaborar na causa, mas ao abrigo da força militar.

Ameriço d'Oliveira capitaneou um grupo que se dirigiu ao Rocio, sendo metralhado covardemente pelos soldados d'Hempis! O grupo não devia ter seguido pela Avenida da Liberdade abaixo, devia ter tomado outra direcção porque d'esse lado é que o inimigo devia estar mais cauteloso; era o ponto de contacto directo que tinha comosco.



A Malva do Valle disse que tratasse de obter informações do que se passava fora pela cidade, sobretudo no Tejo e em Alcantara.

Sabia que o cruzador *D. Carlos* ainda tinha içada a bandeira azul e branca, mas isso pouco abalo me dava, por confiar absolutamente na sua guarnição.

Os ataques continuavam bastante frouxos contra o acampamento, sobretudo do lado de S. Sebastião. O fogo d'uma metralhadora deu-me a perceber que o povo havia sido recebido hostilmente por caçadores 5. Foi tal a raiva que de mim se apoderou, que mandei imediatamente romper fogo contra as forças do Rocio. Os populares que estavam desarmados foram-se entretendo na construcção



de theoricas barricadas. Tudo servia, guaritas, madeiramento d'obras, fios telegraphicos, troncos d'arvores, chapas de zinco, etc. O que se não poude fazer foi um verdadeiro parapeito de terra, faltavam enchadas e pás, as que se poderam arranjar serviram para se construir a trincheira que abrigou a infantaria no parque Eduardo VII.

Quasi todos os maçons e carbonarios que não poderam desempenhar as missões de que estavam encarregados, convergiram á Rotunda; Malva do Valle e Antonio Maria da Silva vinham varias vezes trazer-me noticias do que por fora se ia passando.

O tiroteio continuava nas differentes faces do acampamento e, conforme as informações recebidas, assim se mandavam granadas para varios pontos da cidade.

Os gavroches nacionaes prestaram optimos serviços; os cavalleiros inimigos, feridos ou fugitivos, abandonavam as montadas e frequentemente via-se chegar ao acampamento um pequeno heroe em mangas de camisa, perdido em cima d'um cavallo, com um capacete enterrado até ás orelhas e uma espada maior que o seu portador.

## ○ Combate

Por estas heroicas e generosas creanças e por populaes d'uma assombrosa dedicacão, fui avisado da marcha de numerosas forças de infantaria, cavallaria e artilharia e que um official general, á frente d'alguns cavalleiros, fôra visto para as bandas de Sete Rios. Calculando o ataque pelos lados de Campolide, dirigi-me para o alto da feira d'Agosto. Era uma verdadeira batalha que se ia travar; d'ella dependiam os destinos da Nacionalidade.

Seria meio dia e meia hora quando as primeiras granadas das baterias de Queluz começaram a chover na Rotunda; as pontarias eram magnificas, certeiras, quasi todas tinham o seu ponto de rebentamento na nossa linha de fogo; o acampamento responde ao fogo do inimigo e o quartel de artilharia 1, com duas peças, defendia-se gallhardamente; ao mesmo tempo uma viva fuzilaria envolvia por completo a Rotunda.

Malva do Valle que estava presente observava e via a serenidade com que os artilheiros respondiam ao fogo do inimigo. A meio do combate vejo o Alferes Brandão á paizana; este official, cumprindo o combinado em conselho d'officiaes, retirára para casa; porém, vendo que con-

tinuavamos a lucta, quiz, como simples cidadão, morrer junto dos seus camaradas. Obrigado a disfarçar-se para se poder juntar a nós, foi um dos bravos que mais serenidade mostrou no meio do fogo. Podia, como dezenas d'outros revolucionarios, conservar-se em casa aguardando os acontecimentos, mas o seu animo valoroso não lh'o consentiu, e veio trazer-nos o valioso auxilio da sua intelligencia e da sua alma intrepida.



Sargento Encarnação

Os soldados que haviam abandonado o campo voltavam ás fileiras e os nove sargentos de artilharia, impavidos, serenos, dirigiam o fogo das suas peças como se estivessem n'um exercicio. — *Já comeram*, dizia o Mathias. — *Esta dá-lhes*, commentava o Encarnação. — *Já lá canta*, dizia o Pimentel e o Tereno com sua voz hespanholada dizia: *isto vai indo bem*, a cada tiro certo com que mimoseava o inimigo. Os outros cinco, menos falladores, nem por isso obravam menos. O fogo do inimigo ia diminuindo de intensidade, quando Jayme Teixeira me entre-

ga um papelinho assignado por Parreira, escripto a lapis, convidando-me a marchar sobre as Necessidades.

Numa barraca da feira abro a planta da cidade que levava commigo e depois de mostrar ao alferes Brandão o caminho por onde deviamos seguir, digo-lhe que o meu parecer era não abandonar a posição que tinhamos. Brandão concorda, e eu communico a Parreira a impossibilidade que tinha de effectuar a marcha. Jayme Teixeira foi o portador da resposta e verbalmente disse-lhe para communicar ao commandante dos marinheiros para apressar a sua junção commigo.

O combate continuava, mas o fogo era menos intenso; a fuzilaria do inimigo tinha cessado ha muito do lado de Campolide. Seriam perto de 4 horas da tarde quando a batalha terminou pela retirada das baterias de Queluz. Os nossos trophes foram dois armões e um carro de munições. Foi uma verdadeira victoria! A muito custo consigo escrever uma carta ao general Gorjão, convidando-o a cessar a lucta. No dia seguinte soube, pelo

proprio general, que a carta não lhe tinha sido entregue. A carta fôra confiada a um popular, que, ou morreu, ou se desinteressou do assumpto.

A força de infantaria 16 que estava de guarda às Côrtes, commandada pelo 2.º sargento José Marcelino, veio-se-me apresentar, e pelo tunnel do Rocio, dando a volta por Campolide, chegaram-me varias praças de caçadores 5 e infantaria 5, commandadas pelo mestre de corneteiros d'este ultimo regimento, n.º 25/236 da 1.ª companhia do 1.º batalhão, Joaquim Antonio Cochicho.

Esta lembrança da escapadella pelo tunnel achei que era de primeira ordem e digna de ser historiada por Xenofonte. Conversando com os soldados de infantaria 5, por elles soube que o tenente José d'Ascensão Valdez andava influindo nos officiaes para o regimento adherir em massa, tendo feito esforços para com a força do seu commando se apresentar na Rotunda. Mais soube que a força moral das tropas no Rocio se encontrava bastante abalada, o que me levou a ordenar mais uns tiros isolados para lá, a fim de as destroçar completamente.



Laurindo Vieira

O segundo sargento de infantaria 15, Eduardo Frederico Valdez Faria, que estava no acampamento desde as 11 horas da manhã approximadamente, foi encarregado do commando das pequenas fracções que se vinham apresentando. O 2.º sargento de engenharia Manuel d'Oliveira, não tendo podido sublevar o seu regimento por um conjunto de circumstancias que mais tarde se dirão, foi encarregado de dirigir a infantaria e os populares que faziam frente ao inimigo na avenida Fontes. Do lado da avenida Braancamp foi encarregado do commando de infantaria o 2.º sargento, estudante, Luiz Pessoa, de caçadores 5.

Os sectores de defeza foram commandados: na avenida Fontes, por Laurindo Vieira; na avenida Loulé, por Manuel Joaquim Feio; na avenida da Liberdade, por Ernesto José dos Santos e Manuel da Conceição Silva; na avenida Braancamp, por José Soares da Encarnação. No alto

do parque Eduardo VII estavam Mathias dos Santos, Garcia Tereno e Firmino Rego. O sargento Pimentel desempenhou na perfeição o papel de chefe de estado maior, ajudante, tudo, com uma actividade superior a todo o elogio.

Tendo notado a solicitude que um individuo estava mostrando pelo gado, soube que era o tenente picador de artilharia 1, Antonio Celestino de Sousa Corrêa, que nada sabendo do movimento sahira de casa, entrára na Rotunda e lá ficára, voluntariamente, prestando-nos o seu valioso concurso não só em combate, como na protecção aos solipedes.

Houve uma pequena tregoa, que se aproveitou em estabelecer o serviço de segurança por meio de postos avançados; os populares armados e a tropa davam já para *esse*



Sargento Ernesto José dos Santos

*luxo*. Novos auxiliares valiosos vieram chegando ao acampamento: o tenente do quadro da reserva Fernando Mauro d'Assumpção Carmo, o alferes de artilharia de reserva Carlos Ludgero Antunes Cabrita, o aspirante a official de infantaria 16 José Fernandes Soares e os alumnos da escola do exercito: Humberto de Athayde Ramos e Oliveiras, Manuel Fernandes Beirão, Viriato Correia de Lacerda.

Conforme as informações que iam chegando, assim se ia dirigindo o fogo da artilharia. Como as baterias de Queluz bivacassem na azinhalga da Fonte, mandou-se-lhe uma granada que foi cahir no largo da Luz. Por egual

fôrma se continuou a proceder para varios pontos da cidade em harmonia com as informações que o povo nos vinha dando sobre a posição das forças inimigas.

Quasi ao anoitecer, o tenente de caçadores Antonio Pires Pereira Junior veio trazer-nos o auxilio da sua espada. Este official vinha tomar parte na acção ao lado do seu antigo companheiro de trabalhos revolucionarios. Abracei-o e confiei-lhe o commando da praça Marquez de Pombal, tendo como auxiliares o tenente Carmo, alferes Brandão e Cabrita, aspirante Soares, tenente picador Correia e os alumnos militares, reservando para mim o commando especial das terras onde me estabeleci com uma

forte reserva de infantaria, além da artilharia que lá estava em posição; era este o ponto mais fraco do acampamento, se o quartel de artilharia I cahisse em poder das tropas monarchicas, o que era necessario evitar a todo o custo.



Da esquerda para a direita: Alferes Cabrita, Trindade (aspirante de marinha); Machado Santos; Soares (aspirante de infantaria 16); Camacho Brandão (alferes d'artilharia); tenente F. M. A. Carmo.

Do quartel, as informações que recebi do chefe civil Armando Porphirio Rodrigues eram boas, os heroes da defeza contra as baterias de Queluz tinham sido: o segundo artilheiro n.º 2728 do corpo de marinheiros da armada João da Silva Louro e o soldado servente n.º 62706 da 2.ª bateria de artilharia n.º 1 Rafael Miguel. Sem a coragem d'estes homens, difficilmente se podia aguentar a posição da Rotunda; além d'isso o quartel possuia uma enor-

me quantidade de material. Era o nosso deposito de munições e forragens; os seus fogos cruzavam-se com os da bateria collocada nas terras do parque Eduardo VII. Se cahisse em poder do inimigo, era necessario reconquistal-o á bayoneta. Nos seus parques havia 23 peças!

A força que ás 8 horas da noite do dia 4 se encontrava na Rotunda e no quartel, seria approximadamente de 500 militares e 500 civis armados. Estes tinham um armamento muito variado. Um valoroso rapaz andava muito satisfeito com uma espingarda d'ar comprimido que havia arranjado na feira d'Agosto e não houve maneira de o convencer a sahir da linha de fogo da Avenida. Civis desarmados talvez existissem cerca de 500; a maioria d'estes escondia-se e muito bem, na occasião do combate, sem que até hoje descobrisse onde. A tarde, depois do grande combate, a praça Marquez de Pombal estava completamente cheia de Povo! A noi-



José Fernandes Soares

te afugentou muita gente e ainda bem. Não se podia negar aos cidadãos o direito de jantarem.

Era impossivel conservar a disciplina de fogo na Rotunda. Um simples tiro dirigido contra o acampamento obrigava-me ao trabalho fatigante de correr a linha de defesa para mandar cessar fogo. Os clarins de artilharia acompanhavam-me a cavallo, mas nem sempre os tinha á mão, porque os havia arvorado em ajudantes de campo. Além d'isto o povo não entendia os toques.

Fernando Luiz da Silva Mendes, um auxiliar magnifico, alumno da Escola Polytechnica, com outros companheiros seus, havia sido encarregado tambem do serviço de informações. A estes bravos rapazes descrevi assim a situação na manhã de 4: Infantaria e caçadores trahiramos; os marinheiros não desembarcaram e estou prestes a ser atacado pelas baterias de Queluz, infantaria 2 e lanceiros. Candido dos Reis suicidou-se e os officiaes que aqui estavam retiraram. Vejam vocês se conseguem arranjar-me alguns officiaes dos nossos. Mendes voltou ao acampamento pelas 3 horas da tarde sem officiaes e tornou a

marchar para obter informações dos marinheiros. A' noite tornou a voltar. Dirigindo-se ao bravo sargento Pimentel pediu-lhe armas; Pimentel respondeu-lhe: espere a vez, quando algum de nós morrer, herde-lh'a. Mendes depois foi com seus companheiros em busca de vellas para o serviço da artilharia. Conseguiu arranjal-as e antes da noite estava outra vez de volta ao acampamento, onde se bateu como um bravo.

O serviço de saude, a cargo do dr. Macedo de Bragança e do enfermeiro Antonio Mendes Gomes, foi por estes senhores installado debaixo d'umas palmeiras. A' noite mudaram o hospital de sangue para a cocheira do conde de Sabroza. A entrada n'este edificio não foi feita com muita delicadeza; uzou-se mesmo de processos rudes de campanha; mas o seu proprietario não só se não zangou com isso como tambem nos cedeu o primeiro andar e poz ás ordens do improvisado hospital os seus creados. O primeiro material para pensos foi cedido pela sr.<sup>a</sup> D. Clotilde Monteiro Grillo e pelas phar-macias dos srs. Armando Horta e Manuel Alves da Cunha, a pedido do enfermeiro Gomes.

Prestaram optimos serviços na ambulancia as senhoras: D. Maria Amelia Epiphania da França, D. Rosa Ramos Pereira, D. Olivia Silva Toscano Saldanha. Esta senhora, no intervallo dos curativos, ia até á linha de fogo fazer companhia a seu filho Dionysio Toscano Saldanha. Tres outras raparigas andavam pelo acampamento distribuindo bebidas aos soldados e animando-os com a sua vivacidade.

Os feirantes pozeram todos os seus recursos á minha disposição e fizeram todo o possivel por nos serem agradaveis. Mandeilhes inutilisar as bebidas alcoolicas, mas um rancho de desordeiros que se metterá entre o povo honesto, conseguiu sonegar parte das bebidas e andava a dal-as aos soldados. Não contentes com isso, esses infames roubaram os pobres feirantes. Foi necessario montar pa-



Sargento Pimentel

trulha de cavallaria com paizanos para de noite vigiar internamente o campo.

O chefe civil José Antonio Belem, electricista da barca d'agua do Arsenal e outro chefe, Alberto da Silva, foram constantemente d'uma dedicação inexcedivel. Receando ser assassinado por algum traidor que se introduzisse no acampamento (e alguns lá estavam), pedi a este ultimo para exercer com os seus homens uma especial vigilancia sobre a minha pessoa; estou convencido que se me encontro com vida a elle o devo. E era relativamente numerosa a quantidade de agentes de desordem que havia invadido o campo. Esses individuos, ao mais pequeno tiroteio, diziam aos combatentes: *Para aqui é que se devem esconder*, para assim os levarem a abandonar a linha de fogo. Apesar das ordens que dei, não consegui vêr preso um só para o castigar severamente.

Pelas 8 horas da noite vi Marinha de Campos entrar no acampamento: ia levar-me... *animação*, de companhia com Ribeira Brava; depois de fallarem commigo, retiraram-se.

O capitão tenente Serejo Junior que bastantes serviços de informação me havia trazido, bem como Pinto de Lima, mais uma vez voltou; a este ultimo encarreguei d'uma missão para o tenenté Valdez de infantaria 5, bem como havia já feito por intermedio do seu irmão Vasco Valdez. — Por estes soube que Valdez aguardava o mais pequeno ataque para n'esse ensejo se passar para o nosso lado, arrastando comsigo o regimento—Mandei-lhe dizer que, não podendo ser antes, na manhã seguinte, custasse o que custasse, estabelecesse a desordem nas forças do Rocio.

Para executar este plano pedi a Malva do Valle que dissesse a Parreira para effectuar o desembarque ás 6 horas e um quarto da manhã, porque ás 6 horas em ponto romperia fogo contra o Rocio e que elle fizesse o mesmo contra o Terreiro do Paço; que, ouvindo cessar fogo nos navios, eu o faria cessar tambem, porque era signal de que a marinha estava effectuando o desembarque. Recommendei mais a Malva do Valle que insistisse pela execução do pedido, porque me estavam escasseando as munições de infantaria (Mauser) e, como contava com um renhido combate nocturno, provavel era que as munições de artilharia me escasseassem tambem.

A Antonio Maria da Silva fiz identico pedido para o caso de qualquer d'elles não poder desempenhar a commissão. Com umas centenas de marinheiros, tendo bem seguro o meu campo, como já tinha, eu contava levar de vencida os restos da guarnição de Lisboa.



Seriam umas 11 da noite quando um violento incendio se declarou n'um predio muito proximo da Rotunda. Ouvem-se apitos e o ruido proprio do material d'incendios que se approxima; temendo uma cilada, fez-se fogo na direcção em que vinham os soccorros. Estes não mais tentaram avançar, mas da praça dos Restauradores, do Thorel e nas immedições do hospital d'alienados, rompeu o fogo contra o acampamento. A's cornetas do inimigo annunciando «fogo vivo» respondeu o tenente Pires Pereira ordenando a um corneta o toque de «descançar». Do alto da feira um clarim recebeu ordem de tocar a silencio. Como, porém, o ataque fosse vigorosissimo, a nossa linha fronteira ás avenidas da Liberdade e Duque de Loulé rompeu nutrido fogo e as peças collocadas nas terras do parque Eduardo VII sustentaram tambem o combate. O inimigo avançava a coberto, aproveitando-se do incendio. O combate durou umas poucas d'horas, quasi tão violento como o de dia, distinguindo-se perfeitamente o fogo das metralhadoras e da artilharia do inimigo. Como do lado de Campolide apenas uns ligeiros tiros nos alvejassem, sem consequencia, desci varias vezes á praça Marquez de Pombal e pude observar a serenidade com que o povo e a tropa sustentavam a posição. Vi com agrado os officiaes e aspirantes nos seus postos (os bravos sargentos considerava-os como officiaes) e o alferes Brandão, commandando o fogo d'uma peça com tanta serenidade e com um movimento de braços tão compassados como se estivesse dirigindo a orchestra de S. Carlos! Com tão brava gente bem desastrado seria quem se deixasse bater. O inimigo, arrastando-se pelos canteiros, a coberto do arvoredado, conseguiu avançar até ao coreto da Avenida; novamente a bateria collocada no alto da feira rompeu fogo, obrigando os contrarios a dispersar pelas ruas lateraes.

No acampamento chegou a haver um relativo socego, talvez de duas horas. O inimigo nunca deixou de nos incomodar por todos os lados, com tiros isolados, e muitas vezes a precipitação dos postos avançados dava o signal de alarme.

Cumprindo o que havia dito a Malva do Valle e a Antonio Maria da Silva, ás 6 horas da manhã em ponto mandei romper o fogo contra as forças do Rocio; as baterias de Queluz commandadas pelo bravo Couceiro, respondem, e mais uma vez o effeito do seu nutrido fogo nos causou numerosas baixas.

As peças collocadas no alto da feira tiveram de mudar de posição e Pires Pereira alvitrou que era melhor não responder ao fogo; condescendi; os soldados e o gado

abrigaram-se todos nas covas e eu fui conferenciar com Pires Pereira, que tinha soffrido uma ligeira contusão e que tambem buscara um abrigo. Disse-lhe que, apesar



Firmino Rego

dos successos do dia e noite anterior, a nossa situação era angustiosa por se não ter effectuado ainda o desembarque dos marinheiros e que ia ordenar que se recommencesse o fogo para tentar desalojar a artilharia inimiga do Thorel e da praça dos Restauradores, para não desmoralisar os nossos soldados. Assim se fez e immediatamente as nossas baterias romperam de novo o fogo, obrigando o inimigo a calar o seu.

Firmino Rego, Mathias dos Santos e Garcia Tereno mais uma vez se evidenciaram pela coragem e sangue frio que mostravam, sustentando no alto da feira este renhido combate.

Pelas 8 horas e um quarto da manhã, avançava pela avenida da Liberdade um parlamentar precedido da bandeira branca. Chamei o capitão tenente Serejo. Disse-lhe que a victoria era nossa, e fui immediatamente receber a embaixada do inimigo, vendo com profundo espanto que o intermediario era o encarregado dos negocios da Allemanha! Tratei primeiro que tudo de me apoderar da escolta que o acompanhava, obrigando os soldados pouco diplomaticamente a adherirem, conservando-os sob a vigilancia de populares armados.

O parlamentar entregou-me uma carta do general Gorjão; n'essa carta o general dizia que o Encarregado de negocios da Allemanha ia negociar um armistício d'uma hora para dar tempo a que as familias estrangeiras, residentes em Lisboa, abandonassem a cidade. Compreendi que não era n'uma hora que esse exodo se faria e que portanto esse armistício iria servir apenas o inimigo, para concentrar as suas forças dispersas.

Digo ao engenheiro Antonio Maria da Silva que se avore em ministro dos negocios estrangeiros e que me entretenha o cavaco diplomatico por meia hora, enquanto ia pessoalmente observar a situação. As nossas baterias alve-

javam agora os quartéis de caçadores<sup>75</sup> e Carmo, para os forçar a içar a bandeira vermelha e verde. Ao encarregado de negócios da Allemanha fui dizendo que não concedia o armistício porque a força estava do nosso lado e portanto o general da divisão que se rendesse.

Sua Excellencia respondeu-me com mau modo, que nada tinha com isso e que se lhe não concedesse o armistício, o seu paiz interviria na contenda!!!

Antonio Maria da Silva pediu-me que tenha prudencia e eu novamente lhe digo, a rir, que me sirva de ministro dos negocios estrangeiros e que me entretenha aquelle cavalheiro por meia hora. Interrogando os soldados da escolta, por elles soube que a desmoralisação no campo inimigo era completa e que o povo, vendo a bandeira branca no quartel general, começava a fraternisar com os soldados.

O engenheiro Silva redige por minha ordem um armistício e traz-mo para eu o assignar; mesmo a cavallo, assigno-o, marcando o praso de duração das 8 horas e tres quartos ás 9 horas e tres quartos da manhã, accrescentando-lhe que enquanto elle durasse, qualquer força que a estas se quizesse reunir, podia fazer a sua junção com as forças da Rotunda. Com este appendice desviava o perigo do armistício, tornando-o só favoravel a nós, pois se poderia fazer a salvo a junção com os marinheiros. O parlamentarario protestou e disse não ser aquillo o que vinha negociar e eu respondi-lhe que, se não quizesse assim, eu não faria outra concessão. Immediatamente mandei cessar o fogo. O encarregado de negocios da Allemanha ainda me perguntou pelos soldados de cavallaria da escolta e eu respondi-lhe que tinham adherido, mas se quizesse eu mesmo o iria acompanhar. Dois populares a cavallo promptificaram-se a servir-lhe de escolta e o negociador lá foi pouco satisfeito a caminho do quartel general.

Não dando tempo a que começasse o armistício, man-



Garcia Tereno

dei dizer a Malva do Valle que apressasse a proclamação da Republica e do novo governo.

A's oito horas e trinta e cinco minutos, pelo meu relógio, parto do acampamento á frente do Povo a caminho do quartel general. Pires Pereira retirou-se para casa para se tratar da contusão soffrida.

A meio da Avenida, O Povo, enthusiasnado, arranca-me de cima do cavallo e leva-me ao collo até ás portas do quartel general de S. Domingos.

Pelo caminho soffri dôres atrozes porque as minhas pobres pernas pareciam peças de calibre 32 e com tantas caricias, soffri mais tormentos que qualquer martyr da inquisição! Para guardarem como reliquia, tambem me tiraram uma dragona, indo fazer a minha entrada no quartel general com uma compostura bastante . . . ridicula: cara e mãos negras; fato todo sujo, gravata rebentada; manco dos hombros pela falta de uma dragona e uns formidaveis *butes* de galucho que me ficavam mesmo a matar. Para concluir o patusco quadro, coxeava.

Chegado ao portão disse ao Povo que o não transpuzesse, mas tambem não consentisse que elle se fechasse, e se, passada meia hora me não vissem apparecer, então que entrasse e escavacasse tudo e todos. O Povo assim o fez!

No topo da escada, de braços cruzados, estava um official do estado maior; digo-lhe que desejo fallar ao commandante da divisão: o meu camarada leva-me á presença do venerando general Raphael Gorjão que estava n'uma sala com todo o seu estado maior.

O general accusa-me de ter violado o armistício; respondendo-lhe, mostrando o meu relógio que marcava 8 horas e 44 minutos, faltava portanto um minuto para elle começar.

Annunciei-lhe a proclamação da Republica, como se já se tivesse effectuado e convidei-o a reconhecer o novo regimen.

Tendo o velho general mostrado receio pela sorte do rei deposto, assegurei a Sua Excellencia que ninguem lhe tocaria n'um só cabello e, se necessario fosse, eu mesmo lhe iria proteger a retirada para fora do paiz.

O general declarou que se rendia, ao que respondi não concordar com o termo porque considerava o acto como uma adherencia e não como uma rendição.

Pedi-lhe para conservar o seu cargo; recusa; então, investi no commando o general de brigada Antonio do Carvalhal, cujas ideias verdadeiramente liberaes eu co-nhecia.

Por Ricardo Covões mandei dizer de novo que apresinhassem a Proclamação da Republica. Apresentando os meus cumprimentos aos camaradas presentes, ia tratar das guardas para os consulados e bancos, quando me apparecem os dois membros do Directorio, Innocencio Camacho e José Barbosa, a communicarem-me a proclamação da Republica e do governo provisorio.

Os directores confirmam a nomeação do general Carvalho para commandante da Divisão e a bandeira republicana foi içada no quartel general, pelo tenente Valdez, em substituição da bandeira branca. O Povo, vendo as suas côres tão queridas, rompeu n'uma calorosa ovação á Patria e á Republica. José Barbosa e Innocencio Camacho felicitam-me calorosamente e dizem-me que hei-de ser almirante e tratam-me como tal. Eu respondo-lhes com uma gargalhada e digo-lhes que nada pretendo.

Quando sahi do quartel general, Americo d'Oliveira esperava-me com um trem e um magnifico almoço de *sandwiches* que me offereceu, mas fez-m'o pagar e caro, porque me levou a outra dragona.

Agradeço-lhe reconhecido e os dois, acompanhados por um official em serviço no quartel general, partimos para o quartel do Carmo a receber a adhesão do commandante das guardas.

No quartel do Carmo o coronel Malaquias de Lemos disse-me que já tinha mandado içar a bandeira republicana em todos os quarteis, mas chegando a noticia de que a guarda municipal da Estrella fazia fogo ainda contra o Povo, peço-lhe para telephonar para lá; a linha estava interrompida. Digo então que nomeie um official para me acompanhar. Esse official vae commigo, mas não se atreve a ir ao quartel, não passando da calçada da Estrella. Como os populares dissessem que a guarda estava perfeitamente isolada e que não deixava approximar ninguem, nem mesmo um official do seu corpo, porque já tinha succedido o mesmo a outro, resolvi seguir para o meu acampamento para de lá sahir com força que os obrigasse a capitular. Seriam tres horas da tarde quando entrei na Rotunda e então que de caras amigas eu lá vi!

Todos me tratavam democraticamente por tu, mesmo pessoas que eu nunca vira; todos desejavam tornar-se visitos por mim para mais tarde eu poder certificar que haviam estado na Rotunda! Mas os valentes, os heroes, esses quedaram-se muito socegados á sombra das arvores como que envergonhados da victoria alcançada e que só ao seu heroismo era devida!

Entre os denodados combatentes da Rotunda, desde as

primeiras horas, figuravam dois exemplares que pela sua originalidade, reservei para especial referencia: o musico de 3.<sup>a</sup> classe Augusto Cesar Loureiro e o soldado n.º 70/9313 José Francisco, da 4.<sup>a</sup> companhia da ... *Guarda Municipal*.

Estes bravos rapazes foram os unicos do seu corpo que se atreveram a enfileirar connosco!



Sala de visitas do dr. José de Castro, onde reuniu pela primeira vez a Comissão de Resistencia da Maçonaria

### © humanismo revolucionario

A' Comissão de Resistencia da Maçonaria tive a honra de propôr a seguinte ordem geral para ser executada pelos grupos revolucionarios:



## COMITE CIVIL

---

# ORDEM GERAL

Determina-se o seguinte :

1. — Cada um dos grupos civis, executada a missão que lhe é determinada, fica policiando o local onde effectivou a sua acção.

2.º — Os chefes evitarão a effusão de sangue tanto quanto seja possível.

3.º — Todo o individuo que seja encontrado a assaltar residencias particulares, a roubar, a assassinar inimigos indefesos, ou a commetter violencias contra mulheres e creanças, será immediatamente fusilado. Os chefes dos differentes grupos mandarão executar, em processo summario, o cobarde que assim proceder.

4.º — Qualquer grupo, executada a sua missão, deve marchar em soccorro dos que proximo lhe ficam, no caso de estarem empenhados em combate.

5.º — Se qualquer força conseguir escapar-se do cerco que lhe é feito, no sentido de se reunir a outras, tentando impedir o advento da Republica, o grupo encarregado de a conter, atacal-a-ha constantemente na marcha, impedindo por todas as fórmas a concentração do inimigo.

6.º — No ataque d'umã força em marcha buscarão abrigar se nas esquinas.

7.º — Só não deve ser atacada, mas sim vigiada, a força que sahindo do seu quartel inicie a marcha aos gritos de *Viva a Republica*.

8.º — Os grupos civis que vão convidar as forças militares a adherirem á Revolução jámais as devem abandonar, continuando a velar pela sua segurança impedindo que officiaes contrarios tomem contacto com os seus antigos soldados.

9.º — Todo o cidadão da Republica deve regular o seu procedimento pelos dictames da Honra, do Patriotismo e da Humanidade.

Esta proposta nem teve discussão. Foi approvada por unanimidade. A typographia dos irmãos Lamas em Alcantara imprimiu-a gratuitamente.

Pela determinação quarta d'esta ordem, explica-se a concentração dos elementos revolucionarios em Alcantara e na Rotunda.

## Accção dos revolucionarios em outros pontos

### O caes de gás e a casa dos banhos

Eu ignorava completamente o local que Candido dos Reis havia escolhido para o embarque dos officiaes que deviam apoderar-se dos navios; egualmente ignorava onde tinham resolvido estabelecer o quartel general da Revolução.

Já quando foi do 28 de Janeiro, o Caes da Viscondessa tinha sido escolhido horas antes do movimento. E para a ida dos officiaes para bordo não se contava com o auxilio do elemento civil, a não ser de Soares Guedes e Joaquim Pessoa, que deviam arranjar os vapores. Nenhum grupo fôra escolhido para nos acompanhar. Na preparação do movimento de 4 de outubro, o capitão de fragata Fontes Pereira de Mello, que confiava muitissimo em José Antonio dos Santos (Belem), havia resolvido confiar-lhe a guarda de seu filho, official de caçadores 5, que elle desejava que se reservasse para amparo da sua familia, no caso da sorte das armas lhe custar a vida.

Mais tarde, Belem devia seguir com o seu grupo para o Arsenal da Marinha no caso do desembarque se effectuar ali, para com a sua gente prender os officiaes de serviço á Majoria e ao Arsenal, e auxiliar a guarda dos marinheiros na defeza do mesmo até ao desembarque do pessoal de bordo. Quando o capitão de fragata Fontes desejava conferenciar comigo era o Belem que elle encarregava de me avisar. Quando Belem, na tarde do dia 3, me disse que não tinha destino ou ponto indicado, disse-lhe que viesse comigo para infantaria 16, não porque precisasse do seu auxilio, porque o grupo Meyrelles era bastante numeroso e aguerrido, mas para não deixar sem commissão um homem tão valente e dedicado como elle; tanto eu como o Belem ignoravamos que existisse um Caes do Gaz e ainda



hoje não sei bem qual dos caes do porto de Lisboa tem esse nome.

Tantas são as variadas versões que correm sobre o procedimento dos officiaes a bordo do *Dinorah*, que eu não desejo d'ellas fazer-me echo; comtudo estranho que não tivessem feito o mesmo que mais tarde executou o meu valente camarada Marianno Martins. Este não esperou que o vapor tivesse pressão; um simples bote lhe serviu para isso!

O signal de 31 tiros era tão ruidoso quanto impraticavel de se dar. Os navios limitaram-se a dar 3 tiros e artilharia 1 poucos deu a mais: talvez uns 9. 31 cartuchos de salva não é coisa que se possa esconder em qualquer canto do navio; 31 cartuchos levam tempo a safar dos paioes e os marinheiros revoltados, a bordo, tem mais que fazer do que entreterem-se a dar salvas imperiaes.

Quem transmittiu aos navios a ordem para se revoltarem, fui eu; porque *só a minha pessoa é que estava em contacto com elles* e só a mim é que davam a honra de conhecerem como chefe. Os tenentes Aragão e Mello e Cabeçadas tinham sido postos *por mim* em contacto com a guarnição do seu navio e o mesmo se deu no *D. Carlos* com o tenente Philemon. Como Candido dos Reis havia combinado na Commissão de Resistencia não haver signal algum, a ordem que transmitti para bordo foi para a revolta geral ser á uma hora da noite. Se o *S. Raphael* deu os 3 tiros, foi porque José Malta assim o havia combinado para o 4 de abril com os soldados de terra. O tenente Cabeçadas a bordo do *Adamastor* não ordenou a salva de 31 tiros porque tambem não sabia deste *phenomenal disparate*.

O dever dos officiaes do Caes do Gaz era seguirem immediatamente para bordo dos navios onde se tinha dado a sublevação, em vez de abandonarem o almirante. *Senhores d'um unico navio*, era-lhes facil apoderarem-se dos outros sem para isso necessitarem do elemento civil. Aos marinheiros não lhes faltava coragem e dedicação! Só os cegos é que não viam isso!

Quanto ao quartel general de S. Paulo, só servia para os generaes revolucionarios tomarem... semicupios. Foi uma magnifica descoberta para nenhum dos genernes comparecer na Rotunda.

## Acção de impedir a concentração das guardas

Telles de Lemos, Rodrigues Simões, Alberto Emilio Meyrelles, Antonio Ferrão, dr. Carlos Amaro e o professor Santos, eram os chefes supremos dos diferentes grupos que deviam impedir a concentração da guarda municipal. A falta das bombas e do armamento (pistolas ou revólveres) que lhes devia ser distribuído, em harmonia com o que o Directorio havia adquirido, anulou a dedicação de muitos centenaes d'homens e deu em terra com as pacientes combinações estrategicas de Simões Rapozo.

Alguns grupos puderam cumprir o seu dever, e fizeram-no; outros se o não cumpriram foi porque não se haviam de bater a socco.

Não se imagine contudo que esses homens retiraram para casa ou que andaram na Baixa gozando o movimento das tropas a coberto da chuva de chumbo que da Rotunda lhes mandava. Esses homens seguiram quasi todos para o alto da Avenida e com elles os seus valentes chefes: Telles de Lemos, Rodrigues Simões, Carlos Amaro e o professor Santos. Quanto a Meyrelles, não podendo cumprir a sua missão pela falta de armamento, entrou commigo no 16 com o seu valente grupo e de lá seguiu para artilharia 1, onde me coadjuvou a revolucionar a bateria do capitão Choque, seguindo depois para a Rotunda.

Silva Passos com o seu grupo mostrou grande intrepidez na Avenida, n'um «corp-à-corp» com a guarda municipal.

Manuel Bravo devia ter o commando que Antonio Ferrão assumiu. A sua prisão com João Borges prejudicou-nos, pela falta que nos fez o seu braço valoroso.

## A Revolução no Quartel de Marinheiros

Os cabos n.ºs 772 Silvestre Fernandes Ferreira, 936 José do Pinho, 1158 João Ignacio da Rocha, 1505 José dos Santos Martins, 1230 João Luiz Monteiro e 1263 João Lopes d'Assis, o 2.º fogueiro 3416 João Sardinha e o 1.º grumete 3603 José Ferreira, foram por mim avisados de

que o movimento insurrecional se daria á uma hora da noite. Ao mesmo tempo indiquei-lhes as casas onde deviam ir buscar cartuchame, para a troca das primeiras impressões com o inimigo. Eram os estabelecimentos commerciaes de João Augusto de Andrade, Lamas & Franklin e José Nogueira.

Os cartuchos foram introduzidos no quartel pelas seguintes praças, além das indicadas acima: padeiro 3042 Joaquim Correia, cosinheiro 3417 José Augusto, cabo 1576 Adolpho José Lopes, cabo 911 Joaquim Antonio, cornetei-



Quartel de Marinheiros

ro 4184 João Antonio Oliveira, 1.º marinheiro 1731 Eduardo Domingos Fonseca, dito 1750 Ladislau Gomes Costa 2.º fogueiro 3104 Antonio Gonçalves e o 1.º marinheiro 2662 Augusto Fernandes da Cunha.

Estava de cabo da guarda do quartel o 1.º marinheiro 2340 Gonçalo Ribeiro Gonçalves, que deu a chave da porta do jardim ao cabo Martins. Esta porta fôra indicada por mim para a entrada dos assaltantes.

O 1.º sargento Joaquim Guilherme Guerreiro, o 2.º sargento Rodolpho dos Santos e o 2.º sargento José Gonçalves Ferreira, receberam ordem minha de empregar

todos os esforços para estarem no quartel, impedindo que os sargentos de serviço, que fossem adversos, prejudicassem o assalto. Assim o fizeram.

A uma hora e dez minutos da madrugada do dia 4, a porta do jardim do quartel foi aberta pelo segundo fogueiro João Sardinha, dando passagem às seguintes pessoas: 1.º tenente Parreira, 2.ºs tenentes Souza Dias e Maia, 2.ºs tenentes commissarios Costa Gomes e Guilherme Rodrigues, 1.º sargento Victorino Gonçalves dos Santos e 2.º sargento José Rodrigues, 2.ºs contramestres Ar-



Antonio Ladislau Parreira

mando Barata e Antonio Correia da Silva (a este havia eu confiado a bandeira às 9 horas da noite do dia 3), cabos artilheiros, 1505 José dos Santos Martins, 1576 Adolpho José Lopes; cabos marinheiros 911 Joaquim Antonio, 1230 João Luiz Monteiro; 1.º artilheiro 4768 Ricardo Marianno; 1.ºs marinheiros 1731 Eduardo Domingos da Fonseca; 1750 Ladislau Gomes da Costa; 2.º artilheiro 4021 Alberto Thomaz; 2.º fogueiro 3104 Antonio Gonçalves, 3416 João de Castro Sardinha; 1.ºs grumetes 2825 José Figueira, 3332

Manuel da Matta; corneteiros 4184 João Antonio d'Oliveira, 5018 Manuel Cardoso; dispenseiro 1039 João Antonio da Silva; padeiro 3042 Joaquim Correia e cosinheiro 3417 José Augusto. Acompanhando os officiaes, sargentos e praças, o grupo civil dirigido por José Madeira, composto dos seguintes cidadãos: Semião da Cruz, Trajano Zink, Manuel Jeronymo, Francisco dos Santos, Jayme do Nascimento, Juvenal Moraes, Antonio Henriques, Carlos Campos, Alfredo Santos, Accacio Bonito e seu irmão Francisco, José Lopes do Rego, Guilherme Madeira, José da Luz, José



Sousa Dias

Antonio da Silva e Joaquim Antonio Torres e outros ainda desconhecidos, mas que não pertenciam ao grupo.

Os officiaes e sargentos aguardavam a hora do assalto na typographia de Lamas & Franklin e os civis no Gremio Republicano d'Alcantara.

Os civis só levaram consigo duas pistolas, obsequiosamente cedidas e 7 bombas. As pistolas ou revolveres que lhes deviam enviar, nunca appareceram!

A' entrada, o sargento Rodrigues desarma uma senti-

nella, e 3 officiaes do corpo são presos. O grupo civil vae armar-se a uma escoteria. Um novo official que apparece é preso. O 2.º commandante que o seguia retira precipitadamente bradando: A's armas! José Carlos da Maia com o 1.º sargento Victorino dos Santos, o 2.º sargento, José Rodrigues, o 1.º marinheiro Gonçalo Ribeiro Gonçalves e os civis José Madeira, Accacio Bonito, Zink e Francisco Santos, intimam o 1.º commandante, almirante Vianna, a render-se; este responde fazendo fogo com a sua pistola, ferindo 3 homens.

O almirante C. M. Pereira Vianna, recolhe a casa ferido. A este tempo já o 2.º tenente Tito Moraes se havia ligado aos revoltosos.



Nas ruas d'Alcantara, o grupo civil de João Augusto Andrade com Francisco Carreira, José Nogueira, o contra-mestre Antonio Correia da Silva e outros, prendiam os suspeitos que passavam e levava-os presos para o Quartel de Marinheiros.

O corpo de marinheiros tentou ir assaltar o palacio real, travando na rua 24 de Julho um renhido combate com infantaria 1. O corpo mal municiado recolhe, ficando os marinheiros bloqueados por cavallaria 4, infantaria 1, caçadores 2 e guarda municipal.

Seriam 8 horas e meia da manhã quando se foram apresentar 7 soldados de cavallaria 4 ao Quartel, sendo perseguidos por um capitão que dava vivas á Republica. Este

official chegou á porta da doca, retirando a galope, dizendo que havia de defender sempre a monarchia! Depois dos vivas á Republica, é tudo quanto ha de mais assombroso!

Praças de cavallaria 4 que foram coadjuvar a defeza do quartel :

1.º cabo Manuel Marques Pimenta, 222/1570.

2.º cabo Luiz Cordeiro, 84/706.

2.º cabo José de Campos Monteiro, 219/1568.

Soldado João Martha, 251/790.

Soldado Antonio Fillipe Morgado, 96/1437.

Soldado Joaquim Custodio, 134/1372.

Soldado J. Manuel, 54/7755.

No Corpo de Marinheiros tambem prestaram optimos serviços, os seguintes guarda-fiscaes que se apresentaram :



José Madeira

Soldado Antonio Pereira, 2/7405.

Soldado José Bernardo 93/5179.

Soldado Manuel Santos Fernandes, n.º 19, 7/709.

Soldado Joaquim Henriques, n.º 252, 7/767.

Soldado Francisco Lourenço Marreiro, 248/7766.

Soldado Manuel Simão Rodrigues, 129/8028.

Depois de cumprirem as suas missões, foram coadjuvar a defeza do Corpo de Marinheiros os grupos civis de Franklin Lamas, Francisco Lamas e João Augusto de Andrade.

O 2.º sargento reformado, do Ultramar, José Lourenço



Alvaro Andréa

Flores, tambem com um numeroso grupo civil se encontrou no Corpo de Marinheiros prestando, ao que consta, bons serviços.

O medico naval dr. Vasconcellos e Sá, vendo o plano geral alterado, não tendo recebido as armas que esperava para com os doentes do hospital de Marinha tomar parte na acção, mandou-os recolher aos leitos e foi bater-se ao lado dos seus camaradas no quartel de Marinheiros.



Dr. Vasconcellos e Sá

Parreira, vendo-se cercado por forças muitissimo superiores, destacou o 2.º tenente Tito Moraes para o commando do *S. Raphael* e ordenou que este navio e o *Adamastor* bombardeassem o paço real. Depois, a fim de fazer a sua junção com as forças da Rotunda, retirou com toda a sua gente de Alcantara para bordo dos dois navios. Henrique da Costa Gomes com um pelotão, protegeu o embarque dos marinheiros e civis.

O civil José Nogueira, estabeleceu-se no quartel com alguns homens, entretendo assim as forças inimigas que



se encontravam no heroico bairro d'Alcantara. Na tarde do dia 4, pelas 6 horas, approximadamente, o capitão tenente Alvaro Andréa entrando para o quartel, tomou a direcção da defeza.



José Rodrigues, Armando Barata, Victorino G. Santos

Os jornalistas João de Deus Guimarães e Meira e Sousa também tomaram parte na defeza do Quartel.

Do fogo das metralhadoras de caçadores 2, ainda hoje se veem vestígios no quartel de marinheiros.

---

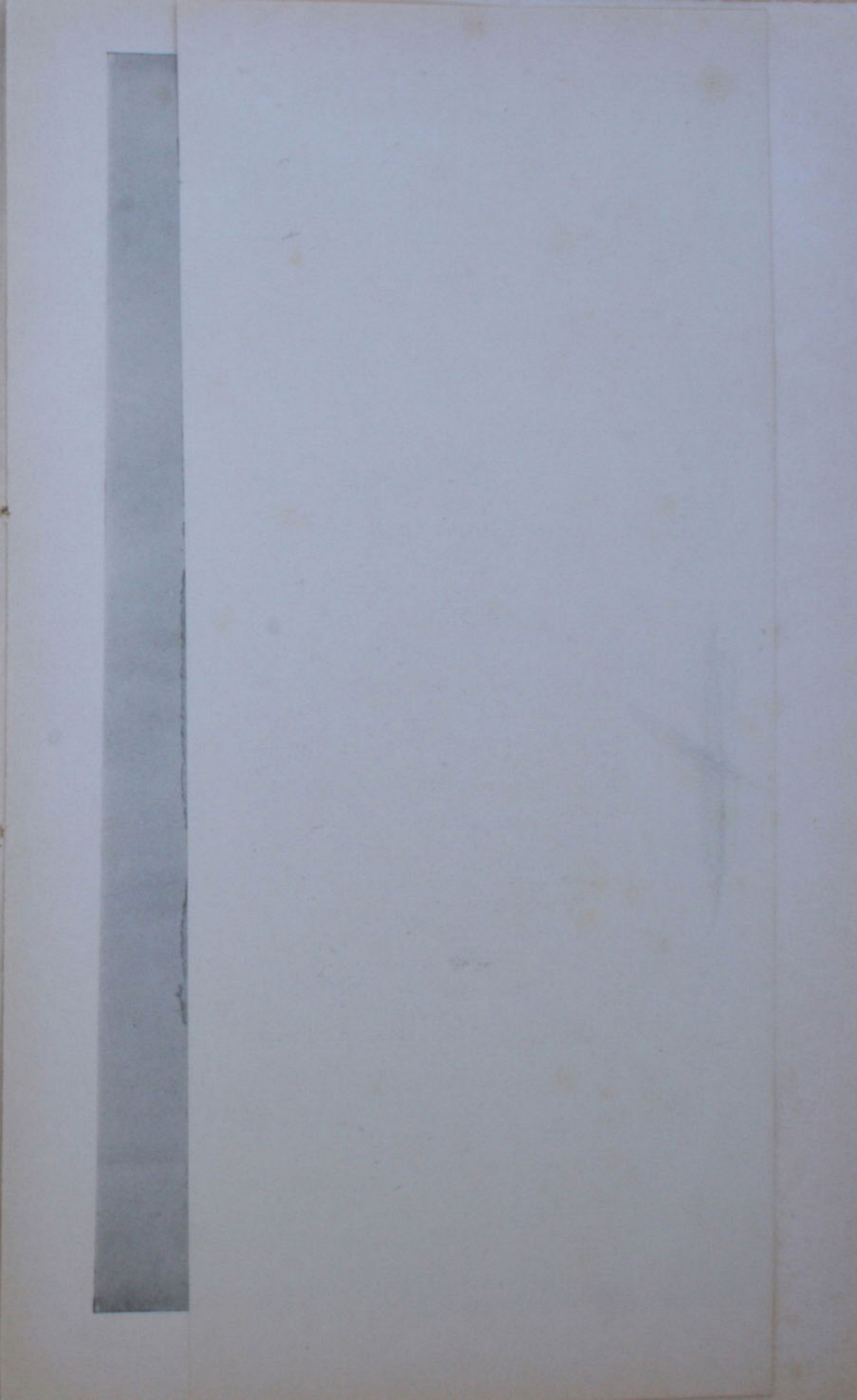
## A Revolução no Cruzador S. Raphael

Quando a bordo do cruzador «S. Raphael» ouviram os tiros de infantaria 16 (digam agora que não houve signal! —e foram mais de 31) os artilheiros José Malta e José de Carvalho deram um viva á Republica; immediatamente



Tito de Moraes

as seguintes praças se puzeram armadas ao lado dos dois revolucionarios; 2.º artilheiro 4163 Antonio Nunes Lopes —2.º marinheiro 2664 Francisco Miguel—1.º artilheiro 2582 Antonio Rodrigues Marques—2.º marinheiro 2654 José Manuel Esteves—1.º marinheiro 2241 João Capella—1.º artilheiro 2567 Francisco Pereira—2.º artilheiro 3620



Admendo

Fome posital Cou-  
juncta, lion bartie  
immediatamente  
Palais de Justicia

Nos primis amandis  
chegada das proposições  
lucianas q' esto -  
Este e mantemos  
Moluto quartel  
Quarta Com pontam

Automo Ladislau Parren

Josel atordallcia

Jos' Mendes Calendas y.

o Pano

Josel atordallcia

Jos' Mendes Calendas y.  
Machado de Anta  
Franklin Lemos

Francisco Candido Gomes Lamatto

Alfredo J. B. de Vasconcelos e by

Telo Repert a Moras

Augusto da Costa Gomes

Mario Amalarias

Fons Augusto d'Andrade

Arcaio Alilio Bonil

Arcaio Alilio Bonil

José Madureira

Jos' Joaquim da Silva

Jos' Joaquim da Silva

Jos' Joaquim da Silva

Jos' Joaquim da Silva

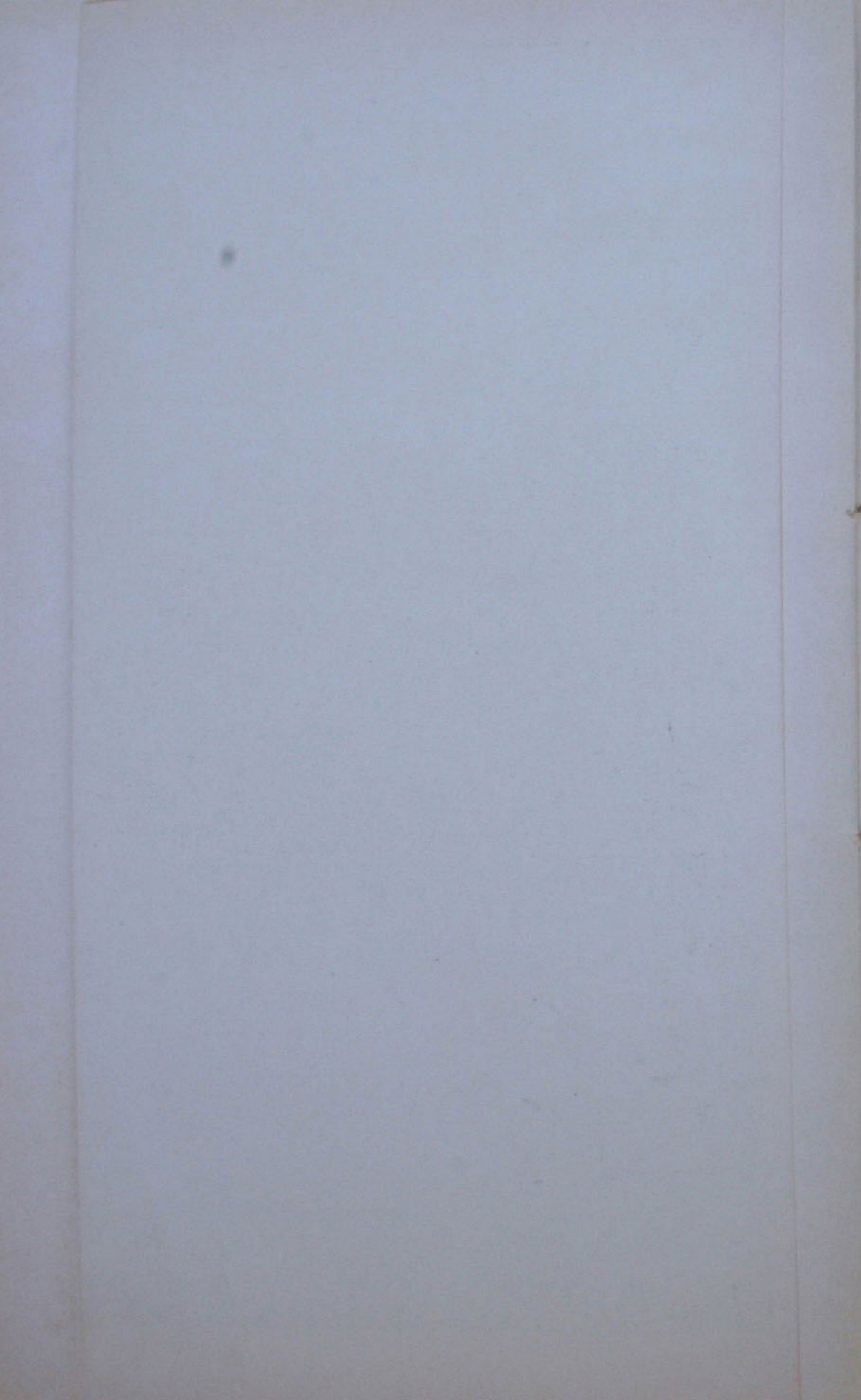
Jos' Joaquim da Silva

Jos' Joaquim da Silva

Jos' Joaquim da Silva

Jos' Joaquim da Silva

Jos' Joaquim da Silva



Antonio José da Costa—2.º artilheiro 3757 Antonio Santos—1.º artilheiro 2585 Joaquim dos Santos Cabral—cabo signaleiro 1443 Francisco Salgueiro da Silva—2.º artilheiro 2724 João Albino—1.º fogueiro 2653 José Baptista—2.º artilheiro 2738 Sebastião Dias—2.º marinheiro 5359 Antonio Cardoso Lemos—1.º grumete 6222 Manuel Rodrigues—2.º marinheiro 4004 Joaquim Pedro Gingeira—1.º fogueiro 1176 Joaquim Frade—1.º marinheiro 3518 Manuel Madeira—1.º artilheiro 2298 Luiz Antonio Pereira—1.º artilheiro 2550 Virgílio Marques Peralta—1.º artilheiro 2583 Ze-



Grupo revolucionario do «S. Raphael»

ferino Gonçalves Pastellino—1.º artilheiro 2733 Augusto Costa—2.º marinheiro 3733 Francisco de Souza—2.º artilheiro 4052 Augusto Rodrigues—2.º torpedeiro 5338 José Augusto Rodrigues Almeida—2.º signaleiro 5359 Antonio Cardoso Lemos—2.º grumete 1587 Antonio Guilhermino de Mello—2.º fogueiro 3496 Avelino da Costa e Silva—chegador 5548 José Damião.

O commandante Polycarpo d'Azevedo, auxiliado pelo tenente Alves de Sousa e pelo aspirante machinista Victor Veiga, acode á tolda e manda formar a guarnição. A guar-

nição formou, excepto o grupo revolucionario, que se dirigiu ao commandante a perguntar o que queria da guarnição; elle respondeu dando conselhos e dirigiu-se á coberta de ré a impedir que dos paioes sahisses munições. Neste momento recebeu um tiro, sendo ferido n'um braço; o aspirante machinista quiz abrir as valvulas do fundo, no que foi impedido pelo mestre de machinas José Maria d'Amorim n.º 183 e pelos conductores n.º 174 Joaquim Ferreira da Gama, n.º 491 Onoffre Zeferino e n.º 992 Joaquim



Marianno Martins

Marques. Era uma hora e dez minutos quando José Malta deu 3 tiros de peça, como signal para os outros navios.

O cabo signaleiro n.º 1443 Salgueiro, fez signal para o cruzador *Adamastor* perguntando por noticias, recebendo como resposta a seguinte communicacão: Navio em poder dos revoltosos sob o commando do tenente Cabeçadas, e que se não renderiam por coisa alguma.

Sendo ferido o commandante, a guarnição adheriu toda; o capitão de fragata Polycarpo d'Azevedo foi transportado para terra no escaler a vapor, seriam 6 horas da manhã,

por ordem da Majoria e os outros officiaes ficaram presos a bordo.

José de Carvalho e José Malta mandaram accender as fornalhas e passar um virador á boia a fim de terem o navio prompto a largar.

O mestre de machinas Amorim, desempenhou lindamente o papel de primeiro engenheiro machinista, até fi-



Grupo de revolucionarios da armada

nal da revolução, fazendo serviço como officiaes machinistas os conductores já indicados.

Eram sete horas e meia da manhã quando o primeiro machinista do navio João Augusto Madeira, de quem a guarnição muito esperava, se apresentou a bordo dizendo que estava tudo perdido. Os artilheiros José Malta e José de Carvalho riram-se e disseram-lhe para ir ver se havia já pressão para a machina funcionar, ao que se recusou chamando-lhes malucos e recolhendo ao seu camarote onde se fechou por dentro. Eram 9 horas da manhã, aproximadamente, quando Tito de Moraes se apresentou no vapor



«Izaura» da Parceria, levando consigo umas 50 praças do cruzador «Adamastor», assumindo immediatamente o commando do navio e prendendo em nome da Republica os officiaes que lá estavam, *entregando-lhes uma ordem escripta e assignada por seu punho.*

Seriam 9 horas e meia da manhã quando Tito de Moraes largou da boia, com o navio em direcção a Alcantara, disparando tiros de polvora secca, sendo seguido, meia hora depois, pelo cruzador «Adamastor» do commando do 2.º tenente Cabeçadas.

O *S. Raphael* fundeou em frente de Alcantara, desembarcando Tito de Moraes á frente de uma força de 100 homens, com uma metralhadora e varios cunhetes de cartuchos.



Contra-mestre de machinas Amorim

Minutos antes do desembarque chegava ao navio, em mangas de camisa, remando n'um bote, o commissario naval guarda marinha Marianno Martins. Este official ficou commandando o navio até que Tito tornou a embarcar para o bombardeamento do paço real.

A guarnição do *D. Carlos*, á passagem dos navios, perfilava-se e descobria-se.

Seriam 3 horas e meia da tarde quando o quartel de marinheiros foi evacuado, recolhendo a bordo do *S. Raphael* e do *Adamastor* a gente que o guarnecia. O *S. Ra-*

*phael* commandado por Tito de Moraes, subiu rio acima e cerca das quatro horas e meia da tarde cumprimentou as forças do Rocio com duas granadas de calibre 12 e bombardeou o Terreiro do Paço. O navio foi fundear em frente da alfandega apreizando um dos vapores d'esta, que serviu para o assalto ao cruzador *D. Carlos* commandado pelo 2.º tenente José Carlos da Maia, levando consigo José Malta, uns 9 outros marinheiros e 40 civis armados. No arriscado posto de patrão do vapor, ia o primeiro artilheiro n.º 3487 Benjamin M. Vasconcellos.

O *S. Raphael* passou o resto da noite em vigilância

ao rio com os seus projectores, e na manhã seguinte suspendeu ferro, indo desembarcar os civis armados sob a direcção de Franklin Lamas ao caes da alfandega, para a conquista do arsenal do exercito. Seriam 7 horas e meia da manhã quando a occupação do Arsenal se fez sob a direcção de J. Victorino dos Santos, no meio de vibrantes acclamações.

Eram dez horas da manhã quando o cruzador começou o desembarque da sua guarnição no arsenal da marinha.



Julio Victorino dos Santos

## A Revolução no Cruzador «Adamastor»

Foi ao cabo torpedeiro n.º 1706, Carlos dos Reis Cadete, que dei a ordem para a revolta, ás 11 horas e meia da noite do dia 2 na feira d'agosto, ordem que elle transmitiu para bordo dos cruzadores *D. Carlos*, *S. Raphael* e *Adamastor*. Com a ordem recebeu tambem 3 bandeiras para serem arvoradas n'esses navios.

Quando Carlos Cadete ouviu o tiroteio em terra, dirigiu-se com a guarnição para a ré, pondo-se ás ordens do 2.º tenente Cabeçadas. Além do referido cabo, capitaneavam a guarnição as seguintes praças: 2.º sargento Antonio da Costa Lima, cabo artilheiro 772 Silvestre Fernandes (que n'essa tarde fôra augmentado ao effectivo do cruzador), cabo artilheiro José Fillipe Morgadinho, cabo torpedeiro 1706 Carlos dos Reis Cadete.

O 2.º tenente Cabeçadas toma immediatas providencias para a segurança do navio e desembarque da guarnição.

Como o tenente Saldanha, apesar de preso, quizesse acalmar a sublevação, Cabeçadas mandou-o desembarcar em Cacilhas.

Seriam 2 horas e meia da madrugada quando o ex-commandante do navio, Aprá, tentou atracar a elle. Cadete, nem consultou o tenente Cabeçadas; immediatamente intima o vapor que o conduzia a retirar-se, sob pena de o

metter no fundo. O cruzador *Adamastor*, habilmente commandado pelo tenente Cabeçadas, desempenha missão idêntica á do cruzador *S. Raphael*.

A bordo do navio, entre outras praças, além das mencionadas, distinguiram-se as seguintes:

2.º sargento 355 Antonio da Costa Lima; 1.º contramestre 396 João d'Almeida Mattos; 2.º sargento 841 José do Pinho Alves; 2.º sargento 360 José Antonio da Silva; 2.º conductor 950 Francisco de Salles Barreto; cabo artilheiro 1628 José Nobre; cabo marinheiro timoneiro signaleiro 894 An-



Tenente Cabeçadas

tonio Paes Gomes Junior; 1.º artilheiro 1252 Mario da Silva; 1.º marinheiro 3479; 1.º marinheiro 2196 Francisco de Sousa Grade; 1.º artilheiro 2602; 1.º artilheiro 3709; 2.º artilheiro 443; 1.º artilheiro 3447; 2.º artilheiro 4150; 2.º artilheiro 3473; 1.º grumete 6229; 2.º signaleiro 5327; 2.º fogueiro Alberto Camacho; dispenseiro 1016 Carlos José Guerreiro.

A revolta a bordo d'este navio tinha um aspecto mais favoravel á guarnição do que no *S. Raphael*, pela pre-

sença d'um official habil e cumpridor da sua palavra, como era o tenente Cabeçadas. Um outro official da mesma graduação, porém mais antigo, é que devia commandar o navio. Se esse official, com o pretexto da prevenção, tem ido para bordo, á meia noite, com as licenças do seu navio, e, iniciada a revolta, tem mandado ao caes do gaz um escaler, devidamente guarnecido, a buscar o almirante e seu estado maior, não lamentariamos hoje a morte de Candido dos Reis.

### ○ «D. Carlos» na Revolução

Era chefe do grupo revolucionario de sargentos a bordo d'este navio o 1.º sargento João Duarte Gilberto. Este



José Carlos da Maia

e os outros sargentos estavam compromettidos a collaborarem no movimento, quando a bordo um official lhes dêsse instrucções e o ordenasse.

Das praças d'este navio eram chefes, com uma aucto-

ridade incontestada, os primeiros fogueiros: n.º 1979 Joaquim Coelho e n.º 1258 Manuel Joaquim (o França).

Se estes dois homens estivessem a bordo na noite da revolta, seguiriam o exemplo de José Malta e José de Carvalho no *S. Raphael*.



### 3 JOAQUINS

Dispenseiro Joaquim Coelho, creado Joaquim  
e 1.º fogueiro Manoel Joaquim (o França)

Desconsolados com a resposta formal que Candido dos Reis lhes deu na noite de sabbado (1 de outubro), quando se dirigiram a receber ordens á Comissão de Resistencia reunida no centro de S. Carlos, juntamente com delegados dos outros navios, França e Coelho, no domingo de

manhã, sahiram para fóra de Lisboa; foi á meia noite do dia 2 que pedi a Pinto de Lima para lhes mandar um telegramma.

Os valentes rapazes voltaram, mas não eram horas de seguirem para bordo a iniciar o movimento. Apresentaram-se então na Rotunda, no dia 4, pelas 11 horas, e lá se bateram como bravos que são.

Estes dois homens, com José Malta, eram os que noite sim, noite não, procuravam o dr. Antonio José d'Almeida a pedirem-lhe Revolução; antes de se dirigirem a elle, fa-



ziam o mesmo á minha pessoa e, farto de os aturar, porque lhes não podia satisfazer o desejo com a pressa que requeriam, mandava-os para o bom doutor, para que elle os aturasse tambem!

Julgo que só agora é que o meu illustre amigo e digno membro do Governo Provisorio, fica sabendo a partida que lhe fazia.

Os ardentes rapazes quando viam Antonio José ficavam satisfeitissimos; continuavam visitando-me, mas com menos pressa revolucionaria; era assim que eu os queria.

A guarnição do *D. Carlos* não tendo quem a dirigis-

se, não soube revoltar-se; contudo não foi por falta de vontade.

Como para o 16 de julho e 18 de agosto, havia posto o sargento Gilberto e o sargento Fastio em contacto com um tenente, julguei que este official continuasse dando instrucções sobre o «modus-faciendi» da revolução a bordo. Enganei-me. O *S. Raphael* seguiu as que outr'ora lhe havia dado. Por isso, repito, se França e Coelho estivessem a bordo, seguiriam o exemplo dos seus camaradas do *S. Raphael*. Não esperavam por officiaes.

Quando as perseguições ás associações secretas estavam no auge, havia combinado com elles um acto energico para libertar os prisioneiros, fazendo-lhes contudo ver que o unico official que tinham para os commandar, era eu. França e Coelho não se intimidavam com isso e respondiam-me: «na espada pega-se com a mão direita — nós o ajudaremos». — O não ter sido preso Antonio Maria da Silva susteve o throno de D. Manuel por mais uns mezes.

Sem orientação alguma, os revolucionarios do *D. Carlos* esperaram em vão pelos officiaes e, como os de bordo que nos deviam ser contrarios, eram bastante numerosos e estavam precavidos, e a guarnição desarmada, mandaram pedir soccorro a bordo do *Adamastor*. O 1.º artilheiro n.º 3487 Benjamim Magalhães, lança-se a nado a fim de pedir o desejado soccorro e informar do estado revolucionario da guarnição. A's 8 horas da noite de 4, 17 homens do *D. Carlos* fogem e vão para bordo do *Adamastor* buscar armamento. Estes homens, com civis e outras praças, foram a bordo do *S. Raphael* e de lá, sob o commando do valente José Carlos da Maia, pelas 10 horas da noite, assaltaram o *D. Carlos*. Houve tiroteio entre os assaltantes e a officialidade do navio, pondo-se a guarnição inteiramente ao lado dos primeiros. José Carlos da Maia, depois de presos os officiaes, entrega o commando do navio ao 2.º tenente Silva Araujo. A guarnição do *D. Carlos* sob o commando d'este official, passou a noite vigiando o rio, contra um possivel ataque dos torpedeiros.

Foi a nado para o *Adamastor* o 1.º artilheiro n.º 3487, Benjamim Magalhães. Foram buscar soccorro n'um escaler a bordo do *Adamastor* as seguintes praças: 2.ºs artilheiros: 3772 Jayme Joaquim, 4406 José Fernandes, 4456 Antonio Virgilio, 2737 Luiz Antonio, 4402 Custodio Leite, 2739 Manuel de Castro, 4543 José Pereira, 4018 Francisco Carvalho e 4176 José Lopes; fogueiro 3464 José Maria, grumete 6341 João Lopes, 2.º fogueiro 3095 José

Antonio, chegadores: 6058 José Ramadas, 5652 João Gonçalves, 5732 Antonio Luiz e 6272 Eugenio A. Conceição, corneteiro 6308 Antonio Ferreira.

O assalto ao *D. Carlos* foi uma das acções mais brilhantes da revolução.

**A Revolução na fragata «D. Fernando»  
e no transporte de vela  
«Pero d'Alemquer», etc.**

Seriam 6 horas da manhã do dia 5 quando de bordo do cruzador *Adamastor* largou o vapor *Azinhaira*, do ar-



Costa Gomes

senal da marinha, que se tinha vindo entregar sob a direcção do patrão Victor, com o 2.º tenente commissario Costa Gomes, os sargentos José Rodrigues e Rodolpho e



os cabos José Martins e João Luiz Monteiro e mais umas 30 praças, em direcção á fragata *D. Fernando*.

Chegado lá, o sargento Rodrigues dá um viva á Republica, que foi correspondido pela guarnição da fragata. O vapor atracou e o tenente Costa Gomes dirigiu-se aos officiaes a intimar-lhes a adhesão ou rendição. O capitão de mar e guerra Caminha, e os seus officiaes responderam que se consideravam presos, indo n'esta situação para bordo do cruzador *D. Carlos*. Os officiaes inferiores adheriram todos.

Da fragata seguiu o vapor para o *Pero d'Alemquer* que tinha içado na carangueja a bandeira de signaes n.º 1, que é farpada e vermelha. Antes do *Azinheira* atracar, quem n'elle ia deu um viva á Republica, mas a guarnição do *Pero* muito enfraquecida pelo destacamento que havia seguido para Valle de Zebro, não correspondeu. O navio estava sendo commandado pelo mestre, a quem o capitão-tenente Macieira havia entregue o commando, considerando-se preso com os seus officiaes, sem que ninguem o tivesse prendido, pedindo á guarnição, n'esse acto, que não se manifestasse.

Como Macieira e seus officiaes não quizessem adherir, foram presos para bordo do *S. Raphael*, mandando-os o tenente Parreira pôr em terra.

O acto original do commandante do *Pero*, no caso de ser suffocada a revolta, collocava o mestre do navio n'uma situação delicada. Era cabeça de motim sem nunca o ter sido. E' certo que o commandante Macieira e seus officiaes haviam de testemunhar a verdade dos factos, mas o pobre do mestre é que se não livrava d'um conselho de guerra, tanto mais que um dos seus officiaes era considerado «vermelho» na Majoria General. Se fosse absolvido andava com sorte!

O *Berrio* e a *D. Luiz* içaram as côres republicanas quando as viram tremular na *D. Fernando*.

## A acção revolucionaria em Valle de Zebro

Quem fez uma activa propaganda em Valle de Zebro foi o cabo torpedeiro n.º 1706 Carlos dos Reis Cadete e o segundo artifice torpedeiro electricista Carlos Freitas.

O plano revolucionario na margem sul do Tejo era o seguinte:

Os republicanos do Barreiro deviam apoderar-se do

vapor da carreira, cortar as communicações com Lisboa e vigiar a beira-mar.

Gente da Moita e povoações circumvisinhas sob a direcção do dr. Carneiro Franco devia assaltar a escola de torpedos, de combinação com os revolucionarios da mesma, dirigidos por Carlos Freitas.

A' mesma hora em que a revolução começasse em Lisboa, devia o movimento effectuar-se na margem sul, succedesse o que succedesse. Na escola de torpedos exis-



João Fiel Stockler

tiam cerca de 2:000 armas e 100:000 cartuchos; se a revolução não vingasse em Lisboa, a margem sul do Tejo, com o auxilio da marinha, tornava invencivel o movimento. Setubal, sob a direcção do dr. Leão Azedo, com o auxilio da canhoneira *Zaire*, devia tambem proclamar a Republica.

O elemento civil chegou a approximar-se da escola de torpedos—Barreiro e Moita proclamaram a Republica no dia 4 de outubro de madrugada, mas a escola de torpedos

não se mexeu ficando prisioneiro o 1.º tenente Stockler que do Algarve tinha vindo para coadjuvar o movimento. Na manhã de 5, pelas sete horas e meia, um vapor conduzindo a junta revolucionaria do Barreiro composta dos cidadãos José Luiz, Pimenta, Montes Lopes, etc., chegou á falla com os cruzadores *Adamastor* e *S. Raphael* a pedir noticias atracando ao *Adamastor*. N'este navio recebeu a seu bordo um troço de marinheiros e militares de terra com alguns civis, tomando a direcção d'uns e outros o cabo torpedeiro Carlos dos Reis Cadete e o 2.º sargento estudante de infantaria 17 João Gregorio Cançado Conde e o sargento reformado José Lourenço Flores. Chegados ao Barreiro partiram de lá com a musica da terra em direcção a Valle de Zebro.

A cerca de dois kilometros de distancia da escola, os que iam dispostos a atacal-a encontraram-se com a marinhagem de lá, que já tinha proclamado a Republica e que marchava sob o commando do 1.º tenente Stockler, 2.º tenente Pato e 2.º artifice torpedeiro electricista Carlos Freitas.

Estas duas forças juntaram-se e marcharam sobre Valle de Zebro, ordenando o tenente Stockler a occupação dos torpedeiros; estes levando Stockler e Pato vieram fundear em frente de Lisboa entre os cruzadores *Adamastor* e *S. Raphael* seria meio-dia e meia hora de 5 de outubro. Em Valle de Zebro ficaram Carlos dos Reis Cadete, Carlos Freitas e alguns civis a apoderarem-se do armamento o que não foi sem difficuldade, vendo-se Carlos Cadete obrigado a arrombar as portas das arrecadações, porque os officiaes da escola se negavam a entregal-o.

Carlos Freitas com um fogueiro dirige-se na vedeta ao Barreiro para alcançar 2 vapores que fossem ao Coima carregar o armamento para Lisboa.

A acção geral na margem esquerda do Tejo foi dirigida superiormente pelo dr. Carneiro Franco, tendo como auxiliares os chefes dos grupos civis—João da Costa—Nicephoro d'Oliveira—Simões Domingues e seus irmãos—Figueiredo—Manuel do Barreiro—Bernardo Manteigas—Francisco Freire Caria Junior e Ramos—Manuel Lourenço e Figueiredo.

As communicações da margem esquerda ficaram todas em poder dos revolucionarios.

Á proclamação da Republica na madrugada de 4 deu um grande alento aos combatentes da Rotunda. Carneiro Franco ainda no dia 4 em Lisboa, prestou optimos serviços de informação.

Quando o tenente Stockler foi feito prisioneiro, Carlos Freitas estava a bordo d'um torpedeiro. Vindo á escola, poz-

se immediatamente ás ordens do intrepido official; este perguntou-lhe: Então esta gente não se revolta? — Carlos Freitas respondeu: Já se vae tratar d'isso, se assim o ordenar.

Quando Stockler achou o momento opportuno, Carlos Freitas mandou tocar a unir, formando as praças da escola e o destacamento do *Pero d'Alemquer*. O tenente Pinheiro Chagas tentou dividir a força, mas o capitão de mar e guerra Almeida Lima, director da escola, disse que *não queria que se matassem uns aos outros e que se alguém tinha de morrer que fosse elle o sacrificado*. Em seguida o nobre velho considerou-se prisioneiro do tenente Stockler.

Insistindo Pinheiro Chagas em extremar os campos, o tenente Pato, commandante do destacamento do *Pero*, disse que os seus marinheiros acompanhavam os revoltosos, e, dando o exemplo, poz-se ao lado do tenente Stockler.

Pinheiros Chagas, suicidou-se!

Frederico da Silva Pinheiro Chagas, 2.<sup>o</sup> tenente da Armada, tinha um character bondoso e até 4 de outubro déra sempre provas de ser um bom camarada e amigo dedicado. Nenhum acto da sua vida nos auctorisava a prever a maneira tragica como entendeu dever liquidar a existencia!

Pinheiro Chagas era um espirito liberal e culto. Nunca lhe percebi convicções monarchicas. Era apenas um fanatico de João Franco. Infelizmente para o Paiz, não foi esta a unica existencia nobre que este homem victimou!

## Accção geral da Marinha

Antonio Ladislau Parreira, José Carlos da Maia, Tito Augusto de Moraes, Annibal de Sousa Dias, João Mendes Cabeçadas Junior, Alexandre José Botelho de Vasconcellos e Sá, Henrique da Costa Gomes, Marianno Martins e João Fiel Stockler, são nomes que jámais poderão ser esquecidos emquanto no mundo existam portuguezes, amigos sinceros da sua Patria. Vendo que falhavam nove decimas partes dos elementos d'acção com que se contava, não desanimaram, não retiraram, e, teimando na lucta, dirigiram-na superiormente como verdadeiros almirantes *de uma verdadeira marinha*.

Para estes meus bravos camaradas, o buscarem refugio n'um paiz estranho, era a coisa mais simples de conseguir: tinham á mão o couraçado brasileiro *S. Paulo*. Nem

sequer prejudicavam a defeza dos que teimassem na lucta, porque lhes não tiravam, com o abandono do posto, os unicos meios de communicação rapida de que dispunham.

Na Rotunda, ouvindo o echo dos canhões de bordo, creava-se uma nova alma e estava-se firme e crente na victoria.

O bombardeamento das Necessidades poz em fuga a



Grupo de officiaes de marinha revolucionarios

radiosa mocidade de Manoel II; a conquista do resto da esquadra tirou a ultima esperanza aos defensores da monarchia. N'um paiz que é uma facha de costa, quem por seu lado tiver a marinha, domina-o. Podiam os defensores da monarchia intentar novos ataques á Rotunda: a junção com os marinheiros era inevitavel. A rendição impunha-se aos defensores do fugitivo rei.

## Os alumnos da Escola do Exercito na Revolução

Foi o alferes Carlos Ludgero Antunes Cabrita quem teve a honra de organizar revolucionariamente os alumnos militares; uns pertenciam á Escola do Exercito, outros a outras escolas.

Os cadetes que mais se evidenciaram na propaganda entre os seus collegas foram: João Sarmiento Pimentel, Humberto d'Athayde Ramos e Oliveira, Antonio José Soares Durão, Viriato Correia de Lacerda, Arthur Carlos de Barros Bastos, Ignacio Monteiro d'Azevedo, João Ribeiro Gomes, Francisco Xavier da Cinha Aragão.



Alferes Cabrita

Entre os alumnos militares d'outras escolas, o 2.º sargento cadete de infantaria 17, Jordão Gregorio Cansado Conde, Herculano Roza Matheus e Manoel Rodrigues Coelho.

Fóra d'este agrupamento numeroso de estudantes militares, Joaquim Augusto Pinto de Lima, auxiliado por infatigaveis rapazes como Fernando Luiz da Silva Mendes, Silva Passos, Adrianno Ruas, Alberto Jordão, Braga Zicker, João Pimenta (no hospital d'alienados desde 6 de outubro), Ritta Martins, Gonçalves, Prates, Calvet de Magalhães, Ribeiro de Mello, sargento Evaristo, Ismael Jorge, Miguel d'Abreu, Pereira Capitão, Rebello da Silva, Maximino Forte, Córtes, Oliveira Duarte. etc., organisava tambem outro numeroso e valiosissimo grupo de ardentes rapazes.

Entre os alumnos da escola do exercito conseguiu entremetter-se um estudante paisano sob promessa de sentar praça, que nunca cumpriu.

Este personagem, ambicioso de mando, não via com bons olhos a chelia de Cabrita e teve artes de escangalhar a magnifica organização e de se fazer passar como

seu principal elemento perante João Chagas. O diabo não quiz nada com rapazes e os alumnos da escola do exercito foram, de toda a organização revolucionaria, os que mais me arrelhiaram, por muito apreço lhes dar.

Se não houvesse a dissidencia já dita, no 4 d'outubro



Barros Basto, Jordão G. Cansado Conde, C. L. A. Cabrita,  
2.º sargento de infantaria 5 Matheus, Antonio J. Soares Durão

ter-se-hia formado um batalhão sagrado de 240 alumnos militares; com a dissidencia só se aproveitaram cerca de sessenta valentes rapazes, espalhando-se os outros por outros grupos revolucionarios, onde prestaram optimos mas apagados serviços.

Quando foi do projectado movimento para 16 de julho, quem estava indicado para commandar os alumnos da escola era o tenente de caçadores Helder Ribeiro. Para o 4

de outubro, Candido dos Reis, sabendo que muitos estavam em férias, fraccionou-os por differentes commissões.

Assim, Ribeiro Gomes e Ignacio d'Azevedo foram com o tenente Poppe muito decididos a sublevar engenharia; Mac Breid, Durão, Mario Saldanha e Nogueira foram com os tenentes Americo Olavo e Ochóa na intenção de sublevar infantaria 2; Sarmiento Pimentel e Aragão foram com o tenente Cabral resolvidos a assaltar cavallaria 4; Athayde, João de Menezés (sobrinho) e Marrecas Ferreira iam muito dispostos a arrancar caçadores 5 do Castello de S. Jorge.

Se estas commissões não foram cumpridas, manda a verdade dizer-se que nenhuma culpa tiveram os valentes rapazes.

Os que foram para caçadores 5 retiraram-se depois dos officiaes se irem embora e dirigiram-se ao Terreiro do Paço, onde tiveram o desgosto de vêr uma força da municipal tranquillamente formada. As noticias que colheram foram tão convincentes do mallogro da revolta que recolheram á escola todos, com excepção de Marrecas Ferreira que foi para sua casa.

Os que iam para cavallaria 4 esperaram em Belem que tenente Cabral chegasse n'um automovel; como o regimento estava de prevenção, falhando o elemento civil, o tenente ordena que retirem com elle, seguindo pela estrada militar a caminho da escola do exercito, onde entraram pela porta do destacamento; proximo do matadouro um soldado cadete disse-lhes que estava tudo perdido.

Na escola estavam approximadamente uns 30 soldados de cavallaria e o cadete Sarmiento Pimentel lembra ao tenente Cabral para, á frente d'esses homens, darem uma carga na municipal que cercava a Rotunda, a fim de se juntarem aos revoltosos. O official acha temeraria a empreza e não accede, dizendo não ter munições. Em auxilio de Sarmiento Pimentel, o cadete Aragão falla tambem no mesmo sentido, renovando o pedido; mas o tenente, pesando as suas gravissimas responsabilidades, não se com-



Jordão G. Cansado Conde



move. Sarmento insiste de novo e o tenente Cabral resolve inteirar-se primeiro do que succede, indo colher informações á Rotunda. O cadete Aragão como estava de licença, retira para casa e Sarmento Pimentel é detido pelo official de serviço á companhia de alumnos, que o interroga.

Saldanha, Nogueira, Durão e Mac Breid, com os tenentes Americo Olavo e Luiz Ochóa, de infantaria 2, ouvem dar o signal na Rocha do Conde d'Obidos. O tenente Americo diz-lhes que aguardassem os acontecimentos, que os soldados iam dar signal de si. Ouviram o toque de formar no regimento, sem indícios de insubordinação; então os officiaes retiram com os cadetes e atravessam a linha ferrea em direcção ao posto marítimo de desinfecção, onde os tenentes dizem que se devia effectuar o desembarque dos marinheiros. Ahí encontram passeando á paizana um official de marinha; os tenentes conversam com elle; vindo uns civis dizer que infantaria 2 estava formada de bayoneta armada, resolveram os officiaes esperar o desembarque dos marinheiros para com elles fazerem frente a infantaria 2; como o desembarque se não fizesse, o tenente Ochóa retira, o official de marinha, que não conheço, diz que vae ao caes do gaz e o tenente Americo diz aos rapazes que vae em busca de intormações. Os rapazes ás 4 horas e meia, fartos de esperar, retiram, indo Nogueira e Saldanha para casa, e Mac Breid e Durão seguem pelo aterro, encontrando tudo em absoluto socego, sobem a calçada do Ferregial, vão á Praça de Camões e descem o Chiado em direcção ao Rocio, encontrando no caminho um official á paizana que lhes diz ser uma temeridade o irem até lá, porque se arriscavam a serem presos pelas tropas fieis. Os dois cadetes acompanham o official pela rua Larga de S. Roque, vendo no largo da Misericordia a municipal tranquilamente formada, não hostilizando ninguem.

Dirigem-se depois a S. Pedro d'Alcantara e rua da Escola Polytechnica, onde o official se despede, retirando Mac Breid para casa e Durão para a escola.

Ribeiro Gomes e Ignacio de Azevedo, vendo deslizar o automovel que conduzia os officiaes para engenharia, retiraram, apresentando-se na Rotunda onde tive o prazer de os vêr e onde prestaram optimos serviços. Seriam 11 horas da manhã quando lhes dei ordem terminante de retirarem, ordem que os bravos rapazes não desejavam acatar, conseguindo resolvel-os a isso, a muito rogo, pedindo-lhes que fizessem o possivel para que de fóra algum soccorro nos viesse, de tropa regular. Os dois intrepidos moços vão para a escola e lá fazem o que podem na intenção de trazerem o almejado soccorro.

Os cadetes que iam recolhendo á escola levavam as mais desoladoras impressões, perdida a companhia que tinham dos officiaes revolucionarios,

A escola, ás ordens do 2.º commandante, toma um aspecto bellico, indo formar os soldados de infantaria, que lá estavam, junto aos armeiros e os de cavallaria, no destacamento, com alguns alumnos á mistura (não dos nossos).

Uma nova alma se apodera da valente rapaziada quando vê transpor o portão o tenente Helder Ribeiro; seriam 11 horas e meia da manhe.

Reunem-se e preparam-se para sahir. Alguns civis apparecem á porta das armas pedindo armamento. O 2.º commandante tinha retirado as culatras das espingardas, mas os alumnos sabiam o sitio onde as tinham guardado; Sarmiento resolve, com Athayde, ir com o Castro e Silva para junto do destacamento de cavallaria para o segurar, esperando em vão pela chegada do tenente Cabral e Athayde, com os outros, resolve aguardar a chegada d'um numero sufficiente de civis para com Helder Ribeiro fazer frente á força de infantaria.

Sarmiento e Castro e Silva são recebidos pelo capitão Valladas d'uma fórma que lhes indicava não os desejar junto do destacamento perto do qual se encontravam alumnos monarchicos, a que os revolucionarios pittorescamente chamavam *a ala dos namorados*. Os dois rapazes vão para o picadeiro e o capitão Valladas dirige-se a fazer perguntas ao Sarmiento. Este, sahindo para fóra, diz aos soldados para se revoltarem e elles respondem-lhe que estão promptos, mas com o tenente Cabral.

A ala dos namorados cerca Sarmiento Pimentel e um que dizia pedir a demissão se a revolta vingasse (até hoje ainda o não fez), bate-lhe nas costas dizendo. *Já falta pouco para os teus levarem uma lição que nunca mais se endireitam!*

Sarmiento com João de Menezes Ferreira insiste com Helder Ribeiro para sahirem—A Rotunda estava proxima—O tenente Helder não achou o momento favoravel. Entretanto, alguns alumnos reaccionarios fallavam ao commandante para proceder contra os cadetes que se tinham ausentado de noite da escola! O coronel Oliveira perguntou quem eram e elles commetteram á indignidade de fazerem uma lista com os numeros de companhia dos seus camaradas!

O coronel Oliveira, quando Sarmiento Pimentel lhe disse que estava ensinando os alumnos a serem cobardes por não os deixar sahir, respondeu-lhe paternalmente que se não

comprometesse mais do que já estava e que dissesse o mesmo aos seus collegas.

Lacerda, Beirão e Athayde fugiram da escola, já noite, e vieram para a Rotunda saber noticias, a fim de as levarem aos que lá ficaram. Lacerda é ferido na Rotunda e tanto elle como os outros não podem de lá sahir.

Os alumnos ficam impacientes á espera de noticias. Helder Ribeiro durante a noite falla ao tenente d'infantaria Banazol; como este lhe respondesse que ficava no seu posto, Helder vae conversar com os officiaes da companhia.

Na madrugada de 5 os valentes rapazes não se conteem mais, sahem da escola, sem commando, para a Rotunda, onde tiveram a honra de collaborar na victoria.

### A Revolução em infantaria n.º 5

O tenente José da Ascensão Valdez foi um dos primeiros officiaes da guarnição de Lisboa que nos trouxe o concurso do seu trabalho e da sua boa vontade. Pinto de Lima apresentou-o n'uma reunião em



Tenente José Valdez

casa de Antonio Augusto Maldonado, na rua do Crucifixo, em 1908 e, n'essa reunião, inteirando-se do fim que se desejava e dos meios usados para a adhesão firme de elementos revolucionarios, começou trabalhando com afan entre os seus camaradas do exercito. Tirando José Carlos da Maia e Annibal de Souza Dias, quando em Lisboa se encontravam, foi José Valdez o unico official que durante mais de um anno se dedicou de corpo e alma á preparação do movimento. Começou por chamar a si um bom numero de officiaes do seu regimento e depois enveredou para os seus

camaradas dos outros corpos.

Posto em contacto com os sargentos e cabos do seu regimento, era elle uma das esperanças mais solidas que tinhamos no exito da revolução.

O cabo n.º 55 da 1.ª companhia do 3.º batalhão, Francisco do Carmo Benevides, foi um dos primeiros elementos que José Malta conseguiu do exercito attrahir á nossa causa; dentro em pouco tempo a propaganda, por este cabo feita, era de tal ordem, que os soldados de infantaria 5 passavam a fazer regularmente a continencia ao dr. Antonio José d'Almeida, quando o viam passar em frente do quartel, o que obrigou este illustre democrata a mudar de caminho para se dirigir a sua casa, segundo me contou depois.

O cabo n.º 59 da 1.ª companhia do 3.º batalhão, Roque da Costa e o cabo n.º 9 da 3.ª companhia do 2.º batalhão, Zeferino José Franco, foram tambem elementos que prestaram optimos serviços na propaganda.

Entre os sargentos devo salientar o 2.º sargento Antonio Ferro, integrado no movimento por Abreu Castello, em Braço de Prata, José Flores e, superior a todos, Herculano Matheus.

Este regimento tão bem preparado estava que era por nós considerado como a mais firme unidade com que o partido republicano podia contar, não sendo injusta esta apreciação.

Se o grupo civil que devia ajudar a sublevação tem sabido combinar a tempo e horas com Valdez a entrada no quartel, sem esperar signal (maldita ideia) e no caso d'isto lhe falhar, se tem seguido á risca as instrucções do *comité* civil, não abandonando o regimento, Valdez teria podido cumprir a missão de o sublevar, mesmo durante a marcha para o Rocio; o mais pequeno ataque, por frouxo que fosse, daria a Valdez o pretexto para carregar sobre o seu regimento, com a fracção do seu commando, para o que reservára para si o marchar na rectaguarda do mesmo.

O grupo civil, por causa da policia, não só abandonou os arredores do quartel, não tendo estudado d'ante-mão o sitio onde occultar-se, como abandonou o caminho por onde fatalmente havia de passar o regimento, desistindo collectivamente da lucta. No Rocio permaneceu o regimento



Cabo Benevides

durante todo o dia 4 e, n'essa noite, o tenente Valdez fez o que ponde para conseguir da officialidade a adhesão á Republica.

Da manhã de 5, Pinto de Lima disse ao coronel do regimento e ao major Lima que o quartel general ia ser bombardeado; o coronel respondeu-lhe que adheria ao movimento e Pinto de Lima foi muito satisfeito communicar isto ao tenente Parreira.

O alferes Franco, n'um rasgo de temeridade, mandou o sargento Roza Mendes prevenir o batalhão de caçadores 5, de que o seu regimento fazia causa commum com o povo, sendo apoiado n'esta sua attitudo pelos tenentes: Ribeiro Arthur (da administração militar), Valdez, Vasques, Rodrigues e A. Cruz e pelos alferes: Bragança Magalhães Martins e Xerez e pelos aspirantes: Espirito Santo e Oliveira.

Valdez dirigindo-se ao coronel Peixoto disse que urgia pôr termo ao crime que se estava praticando.

O povo, cumprindo á risca, na manhã de 5, as instrucções que no dia antecedente lhe déra na Rotunda, aproximou-se, por pequenos grupos, dos regimentos do Rocio de combinação com os sargentos Flores e Matheus e, ás 8 horas e 40 minutos da manhã, rompia pela abertura da travessa de S. Domingos que os 2 sargentos e o cabo Benevides lhe proporcionou, baralhando-se com os soldados. A' mesma hora desembocava da rua do Principe a caminho do quartel general uma enorme massa popular que eu conduzia da Rotunda.

Foi a victoria! Eram 8 horas e 44 minutos, pelo meu relógio, quando o quartel general foi occupado por mim. Um minuto mais tarde começaria o armistício.

O 2.º sargento Ferro estava com um destacamento d'este regimento em Braço de Prata, prestando relevantes serviços na acção de Beirollas, auxiliando Abreu Castello, como adeante se relata.

## A Revolução em caçadores 5

O 2.º cabo 78/5424 da companhia de telegraphistas de campanha, Antonio de Brito, foi a alma da propaganda republicana no batalhão de caçadores 5, onde estava prestando serviço. D'uma grande tenacidade, conseguiu attrahir para a republica mais de metade do effectivo do batalhão.

Todas as noites Rafael Lobinho, civil, mas figura sym-

pathica de coronel reformado, ia recebendo a adhesão dos cabos e soldados que Antonio de Brito lhe apresentava; a costa do Castello, e largo do Poço do Borratem, o Rocio e as immedições do Caldas, eram o campo d'acção da propaganda. José Malta tambem teve a habilidade de descobrir o cabo Brito. N'uma noite, quando passei em revista, dando instrucções, aos primeiros elementos de caçadores 5 que se apresentavam á catechese, elementos que o cabo Brito e o cabo Jayme Diniz Ruivo, da casa de reclusão, outro grande trabalhador, trouxeram á minha presença, a fila estendia-se desde as escadinhas de S. Lourenço até ás proximidades dos Loyos.

Confesso que tive uma certa vontade de experimentar a firmeza dos meus novos soldados, dando n'essa noite um assalto á 5.<sup>a</sup> companhia da guarda municipal, que nos ficava alli á mão; tanto mais que, n'essa noite, Luz Almeida, o grão mestre querido da carbonaria era obrigado a homisiar-se no estrangeiro.

Lobinho, com o seu passo cadenciado e meudo, ia todas as noites com o cabo Brito lançando a semente, que dentro em pouco tempo germinava lindamente, com a ajuda do cabo Benevides de infantaria 5.

Quando hoje penso na preocupação que tive em só effectuar o movimento com officiaes á sua frente, arrependo-me sinceramente, porque a falta de decisão d'estes ia fazendo fracassar tudo.

O 4 de abril, a que me oppuz, tinha sido um movimento mais rapido e brilhante que o 4 de Outubro. Até 4 de abril não consenti que official algum se intromettesse com os meus soldados; as ordens recebiam-nas directamente da minha pessoa e sempre fui pontualmente obedecido; depois de 4 de abril deixei á iniciativa dos officiaes a direcção do movimento nos quartéis, para a fórma como haviam de proceder á sublevação.

Porque não confessa-o? Deu mau resultado. As unidades que reservei para receberem instrucções directas da minha pessoa, cumpriram-n'as á risca! Veja-se o que succedeu com os valentes de infantaria 16, *onde não havia*



Sargento Ferro

*nem um official nem um sargento para amostra; o que succedeu com os marinheiros e com artilharia n.º 1!*

Relevem-me a confissão acima; chamem-lhe orgulho, se quiserem; como não acredito no catholicismo, não admira que pouco respeito tenha, de vez em quando, por este peccado mortal.

O segundo sargento José Pereira Pinto tambem coadjuvou muitissimo a propaganda, sobretudo nos soldados medrosos, os quaes, vendo-se a coberto das responsabilidades futuras pelas 3 divisas do sargento, enthusiasmavam-se, tornando-se por sua vez propagandistas.

O sargento Pinto foi transferido para Elvas em 22 de Julho e, em 27 de setembro, deram-lhe a baixa. Hoje anda desempregado!

Os sargentos Francisco Souza Marques e Carlos Moreira Vidal, entre a sua classe no batalhão, fizeram maravilhas a ponto de apenas 3 sargentos, no batalhão, serem considerados como contrarios a nós!

Em julho, era o tenente Pires Pereira, de caçadores 6, o official que se promptificava a commandar o batalhão; mais tarde o capitão Carvalho Henriques era considerado um dos melhores officiaes revolucionarios e a elle se confiava a honrosa missão de o trazer para a rua.

Na madrugada de 4 de Outubro, Coelho Dias, chefe civil, entra apenas com dez homens armados no castello de S. Jorge (não lhe mandaram mais armas!) e as companhias, 2.ª, 5.ª e 6.ª revoltam-se, indo a segunda sob o commando do sargento Pedro Affonso Cardoso Dias apresentar-se ao capitão Carvalho Henriques, occupando a 5.ª e a 6.ª o parque das metralhadoras. O capitão não aproveita a sublevação para prender os officiaes e arrastar as outras companhias, manda recolher ás cazernas os sublevados e os civis, sem apoio algum, ficam presos no castello! Maldito signal! Maldita salva de 31 tiros!

Pouco depois o batalhão marcha para o Rocio e as metralhadoras de Hempis e as espingardas do capitão Carmona faziam sentir o seu echo no acampamento da Rotunda, as-



José Nogueira

sassinando covardemente os populares, que, por minha ordem, se dirigiam desarmados ao Rocio a victoriar o Exército e a Patria!

Uma fracção do batalhão marchou a guarnecer o arsenal do Exército; essa fracção ia sob o commando de Carvalho Henriques, só adherindo á Republica depois de haver recolhido ao quartel, na manhã de 5!

A retirada d'esta força deu-se porque o cruzador *S. Raphael* se apresentou á sua frente, mandando para terra um numeroso grupo de civis armados, sob a direcção de Julio Victorino dos Santos.

A primeira a ser menos cortez com os recém-chegados foi a guarda fiscal, seguindo-lhe o exemplo a força de caçadores 5. Os recém-chegados não tiveram quem lhes abrisse a porta do arsenal e lhes prestasse as devidas honras, não constando até hoje que se tivessem melindrado com isso! O ex-sargento Pinto foi quem dirigiu o assalto do grupo civil a S. Jorge; a indecisão do capitão Carvalho obrigou o ex-sargento Pinto a retirar, vindo-se-me apresentar na Rotunda na manhã de 4.

Quando os officiaes retiraram da Rotunda, já eu me encontrava sufficientemente esclarecido sobre a attitude offensiva que o batalhão tomára contra nós.



Roque da Costa

## A Revolução no regimento de engenharia

Antonio dos Santos Fonseca foi o intermediario entre a minha pessoa e o regimento. Manuel d'Oliveira, segundo sargento chronico, recebeu as suas primeiras instrucções de propaganda, n'uma casa na calçada de Santo André por cima d'um estabelecimento photographico. Oliveira, dos bonés, foi quem o apresentou e, de então para cá, Manuel d'Oliveira foi sempre incansavel nos trabalhos revolucionarios. Com elle se entendiam sargentos e cabos, tão bem



como elle se entendia commigo. Houve um momento em que José Malta e o cabo Benevides de infantaria 5, acompanhados das praças de marinha Coelho e França do *D. Carlos*, Manuel R. Motta e João Sardinha, se lembaram de activar a propaganda n'este regimento. Com grande espanto d'elles, o regimento era mais que republicano e Manuel d'Oliveira pedia graça a Antonio Fonseca, não dese-



Antonio dos Santos Fonseca

jando que mais propaganda lá fizessem, porque o regimento podia vir a insubordinar-se fora do tempo!

O requerimento foi-lhe deferido e, quando desejava encontrar um official da arma que o commandasse, bateu-se a varias portas, mas nenhuma se abriu; quem mais démarches fez n'este sentido, foi o engenheiro civil Antonio Maria da Silva. Era logico que assim fosse; mas os officiaes

da arma disseram nada perceber d'engenharia revolucionaria, de que Silva era mestre e, por mais lições que este lhe dêsse, não conseguiram nunca perceber patavina. Isto coincidiu pouco mais ou menos com as relações que travámos com o tenente de caçadores 6 Pires Pereira e, como este official estava desoccupado, consegui de Candido dos Reis que o mandasse commandar engenharia durante a revolta; Pires Pereira acceitou e Antonio dos Santos Fonseca foi por mim encarregado de o pôr em contacto com Manoel d'Oliveira; mais tarde Pires Pereira foi transferido, por nós, para caçadores 5, sem guia, antes da adhesão de Carvalho Henriques, e engenharia ficou outra vez sem commando. Manuel d'Oliveira continua pedindo um official com grande insistencia, sem o conseguir; mas a propaganda ia seguindo sempre, salientando-se n'ella os irmãos Lagos (um sargento e outro cabo) e os sargentos L. F. Curto; ajudante Santos; José Malaquias; F. A. Taré, Manuel José; J. M. Oliveira; Julio Antonio A. Nascimento.

O tenente de cavallaria Alvaro Poppe foi escolhido em agosto para commandar o regimento, isto na antevespera do projectado movimento de 18; Poppe promptificou-se a ir, se bem que fosse completamente ás cegas, a pedido de João Chagas. De então para cá, Poppe, ficou em contacto com Manuel d'Oliveira e com José Augusto d'Oliveira, chefe d'um numeroso grupo civil que o devia coadjuvar.

Só na tarde do dia trez de outubro e por pessoa que não era chefe militar, é que Manuel d'Oliveira foi avisado de que o movimento revolucionario se effectuaria n'essa noite.

Só pelas 10 horas (p. m.) é que Manuel d'Oliveira soube que os officiaes em numero de dois se apresentariam na rua dos Sapadores pela uma hora da noite! Effectivamente a essa hora um automovel parou na rua dos Sapadores com dois officiaes á paisana e 2 cadetes fardados, recebendo então o sargento Oliveira as instrucções! Eram muito simples: engenharia havia de revoltar-se com a ajuda de infantaria 5! Se infantaria 5 não ajudasse, como não ajudou, engenharia



Sargento Manoel d'Oliveira

não se movia! Como assim succedesse, o automovel deslisou e o regimento de engenharia, que tanto nos podia ter auxiliado, foi mais um troço com que nos tivemos de haver.

Não sei de quem partiu a luminosa idéa de se fazer depender a sahida d'um regimento da sahida d'um outro! Se fossem bem succedidos n'esta parte do plano combinado, quando o 5 e engenharia cahissem na baixa, para o assalto do Carmo, já a municipal tinha tido tempo de massacrar os populares e de lhes tomar a frente e as forças dos Loyos, Cabeço de Bolla, e Santa Barbara envolveriam por completo os regimentos revoltados, falhando como falhou caçadores 5.

Manuel d'Oliveira veiu depois apresentar-se na Rotunda, onde se bateu como um bravo; o mesmo succedeu com o ex-sargento Pinto de caçadores 5 e o segundo cabo Antonio de Brito.

Quanto ao regimento fraccionou-se tomando varias attudes bellicas contra nós e só içou a bandeira vermelha e verde quando o tenente Valdez lá foi á frente do povo na manhã de 5 de outubro. Tinha de ser!

Só infantaria 5 é que o faria adherir!

## A Revolução em infantaria 2

A propaganda no regimento de infantaria n.º 2 foi feita a principio por José Victorino, mas o grande trabalho de aliciamento pertence sem duvida alguma a José Madeira. Este chegou a ter quinze homens por companhia fallados e promptos a coadjuvarem o movimento e o segundo sargento Moreira, de caçadores 2, chegou a organizar lá um grupo de 9 sargentos, um por companhia. O official encarregado do commando para o acto revolucionario era o tenente do mesmo regimento Americo Olavo; a este meu camarada dei o nome dos sargentos e o numeros dos principaes soldados para estabelecer as ligações.

José Victorino era o chefe do grupo civil que devia auxiliar a sublevação do regimento. A' hora combinada compareceu com o seu grupo no local que lhe indicaram e, como não sabia, por não lhe terem dito, como havia de proceder, José Victorino foi com a sua gente auxiliar os marinheiros.

Quanto a infantaria 2, entrou na brigada mixta que fez

o movimento envolvente á Rotunda por Sete Rios e Campolide.

As praças mais influentes entre todas e que mais se salientaram na propaganda revolucionaria, foram:



José Victorino

O soldado n.º 90/397 da 1.ª companhia do 2.º batalhão, Joaquim da Silva Almeida, que já trabalhara por ocasião do 28 de janeiro; o 2.º cabo n.º 87/395 da 1.ª do mesmo batalhão, Eduardo da Silva Oliveira; o soldado n.º 36 da 1.ª companhia do 2.º batalhão, Francisco Antonio, e o 2.º cabo n.º 38 da 1.ª companhia do 2.º batalhão, Joaquim da Silva.

Estas praças, não tendo recebido do official instrucções para a revolta, empregaram todos os esforços, sobretudo no ataque á Rotunda, para o regimento debandar. Parte

do regimento, completamente desmoralizada, foi abrigar-se no quartel de infantaria 1, em Belem.

## A Revolução em caçadores n.º 2

J. A. Pinto de Lima foi o organisador do magnifico grupo revolucionario de sargentos em caçadores n.º 2, de que era chefe o 2.º sargento David José Fernandes Moreira. Este official inferior foi incansavel na apresentação de elementos novos, salientando-se, entre todos os sargentos revolucionarios do batalhão, os seguintes: Francisco Baptista Semedeiros, Antonio Adolpho Vieira da Costa, José Milheiro, Deodoro da Fonseca Rodrigues Carneiro, José Antonio Peixoto e João Cezar Correia Mendes.

No batalhão a grande maioria da officialidade era toda republicana, conforme o seu commandante, André Bastos declarou a Candido dos Reis e a Fernão Botto Machado.

Nas reuniões preparatorias que João Chagas effectuou com a officialidade do exercito, assistia um represen-

tante do estado maior do batalhão, mostrando-se sempre indeciso.

João Augusto de Andrade era o chefe do grupo civil que devia auxiliar a sublevação d'este corpo, mas na noite



**Antonio Mendes Gomes**  
Enfermeiro que esteve na Rotunda

de 3, a horas já adeantadas, o sargento Moreira disse que dispensava o concurso dos civis, porque os officiaes republicanos estavam decididos a jogar uma cartada decisiva. O grupo civil, cumprindo as ordens da Commissão de Resistencia da Maçonaria, conservou-se proximo do Quartel da Cova da Moura, mas teve que retirar quando o batalhão sahiu de bayoneta callada, em direcção ás Necessidades. O grupo civil, que não ia armado de bombas, viu-se obrigado a retirar, indo engrossar as fileiras dos combatentes no quartel de Marinheiros.

O batalhão de caçadores 2

antes de tomar a tal attitude decisiva, foi metralhando os marinheiros com duas metralhadoras, resgatando em parte a sua indecisão pela recusa do seu commandante em marchar contra a Rotunda, permanecendo na defeza do real paço até á implantação da Republica.

## A revolução na Guarda Fiscal

O soldado Domingos Lopes trabalhou como ninguem, na organização revolucionaria da Guarda Fiscal; a sua propria casa serviu muitas vezes



**Domingos Lopes**

para as iniciações dos soldados e para as dos alumnos da Escola do Exercito.

Todos os domingos e dias sanctificados Paulo d'Oliveira, Carlos Cardoza, Antonio Costa, David da Fonseca, José Marques d'Oliveira, Manuel Marques d'Oliveira e outros civis do grupo de Paulo d'Oliveira, palmilhavam as barreiras na conquista dos cabos e soldados para a revolução. Raro era o dia que não iniciassem 6 e mais d'estes



Franklin Lamas

soldados e cabos que tinham tanto de patriotas, quanto a maioria d'officiaes e sargentos d'essa guarda, tinha de egoismo pessoal. Escusado é dizer que Domingos Lopes era quem os trazia á confissão. Isto passou-se sobretudo nas companhias 3.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>.

Em Algés e Belem era Lucio Abrantes quem se devo-

tava a este desporto e na Junqueira, Alcantara e Rocha do Conde d'Obidos eram os civis: Franklim Lamas, Carreira, João Augusto d'Andrade, Augusto Rodrigues e Antonio Marujo. Em Braço de Prata e arredores era Abreu Castello.



Paulo d'Oliveira

Os ex-sargentos, que tinham tido baixa por causa do 28 de janeiro, Carvalho, Guerra e Macedo, deviam comandar as companhias 3.<sup>a</sup> e 8.<sup>a</sup>, reunindo as praças dos differentes postos, começando a accionar, cada um dos sargentos, pelas sédes das secções da guarda, pondo-se em seguida em marcha para Beirrollas.

A prevenção geral estra-

gou tudo; mas a guarda fiscal em parte alguma hostilizou o Povo, a não ser a que estava prestando serviço na estação do Caminho de Ferro do Rocio, e a cavallaria que estava proximo ao Arsenal do Exercito.

Franklin Lamas e Francisco Lamas, com seus grupos conseguem trazer a guarda fiscal desde Porto Franco até Alcantara. Por equívoco lamentavel, uma descarga dos marinheiros afugenta quasi toda a força, ficando gravemente ferido o soldado Joaquim, n.º 53/7051 do posto do Porto Franco. Julgava-se ser um movimento envolvente de infantaria 1.

Os irmãos Lamas foram depois coadjuvar a acção dos marinheiros.



Francisco Lamas

## Ataque ao Arsenal do Exercito

Carlos Antunes, presidente d'uma Associação que tem a sua séde no Arsenal do Exercito, devia com o seu numeroso grupo, simular uma assembleia geral e guarnecer á hora marcada, o edificio internamente, enquanto os grupos de Manuel Polycarpo Torres, Joaquim Nunes da Silva (o Mendes), Alfredo Antonio e Francisco Ferreira, atacariam a guarda de frente, auxiliados por um desembarque de marinheiros.

Para o caso de não haver tempo de simular a assembleia, Carlos Antunes possuia uma chave da porta da capella e uma escada de corda que Joaquim Nunes da Silva lhe fornecera.

Os chefes acima mencionados apenas foram avisados na segunda-feira á tarde. Não podendo simular a assembleia, Carlos Antunes foi com a sua gente para o hospital da Marinha, onde esteve ás ordens do dr. Vasconcellos e Sá, aguardando o desembarque dos marinheiros; como estes não desembarcassem, Carlos Antunes marchou sobre Beirollas em soccorro de Abreu Castello.

Manuel Polycarpo Torres, Joaquim Nunes da Silva, Alfredo Antonio e Francisco Ferreira, á uma hora em ponto, procedem ao ataque de frente, obrigando a policia a refugiar-se na esquadra, mas veem-se cercados pela cavallaria da guarda fiscal e pela infantaria que estava de guarda ao Arsenal. Até ás 2 horas conseguem sustentar o combate com bombas, repellindo o inimigo e aguardando o desembarque dos marinheiros; como este se não effectuasse, batem em retirada sobre o alto da Graça, travando combate com a esquadra das Monicas. Da Graça seguem para a Rotunda e na tarde de 4 vão armar-se ao cruzador *S. Raphael*, conseguindo occupar o Arsenal do Exercito na manhã de 5, sem resistencia, de concerto com os grupos de Alcantara.

M. P. Torres e J. Nunes da Silva foram feridos em combate.



## A Revolução em Belem, Algés, etc.

O incansavel organisador revolucionario que foi Lucio Abrantes, depois de conquistar tantos e tão valiosos elementos para a revolução, viu-se obrigado, pela força das circumstancias, a ir para o corpo dos marinheiros sem levar comsigo um unico dos seus elementos de acção! O capitão Rosa em lanceiros, o tenente Carvalho em cavallaria 4 e o tenente Moreira Salles em infantaria 1 foram os officiaes que conseguiu trazer para as fileiras revolucionarias. Por influencia do tenente Moreira Salles tambem se estabeleceu contacto com o tenente Bivar de Sousa, mas este official foi prestar serviço para o Collegio Militar e ahi a sua acção não se chegou a fazer sentir, pela natureza do estabelecimento onde servia.



Emygdio d'Almeida

A acção em Belem consistia em sublevar o regimento de cavallaria 4 com o auxilio dos revolucionarios civis de Belem e Ajuda; conseguido isto, marchariam os revoltosos sobre lanceiros e infantaria 1, sendo auxiliados, no ataque, pelos elementos republicanos que n'esses regimentos havia. A sublevação geral das povoações desde Carcavellos até Algés, ao cuidado de José Cordeiro Junior e a marcha d'estes revoltosos sobre Belem e d'ahi para o centro da cidade, muito devia concorrer para o bom exito da revolução.

As forças de Barcarena juntas ás baterias de Queluz, occupando o alto da Ajuda, em ultimo caso, forçariam á rendição os regimentos de Belem.

Com um pouco de boa vontade tudo correria bem, mas é mais facil ser revolucionario em tempo de paz do que no momento da revolução.

Quem tinha contacto com os elementos de Barcarena era Jayme Sabrosa.

Quem fez a propaganda revolucionaria nas baterias de Queluz foi o 1.º sargento Andrade, um dos bravos do Cuamato, e o 1.º sargento Luiz Sá dos Santos Vaquinhas.

O sargento Andrade foi perseguido para Evora e a sua actividade de propagandista era tal que foi novamente transferido para os Açores, onde estava quando a revolução se deu.

A gente de Barcarena não se moveu. As baterias de Queluz foram o inimigo mais serio com que tive de me haver na Rotunda, commandadas por Paiva Couceiro e



Grupo de Emygdio d'Almeida

a gente de Algés, Carnaxide, etc., quedou-se até vêr em que paravam as modas! Só Emygdio d'Almeida cumpriu o seu dever, indo occupar o cabo submarino em Carcavellos.

O tenente Carvalho e o ex-1.º sargento Duarte Gomes e o 2.º sargento Bernardino, de cavallaria 4, empregaram todos os esforços para sahirem com o regimento, não tendo auxilio externo, retardaram o mais possivel a sua acção, sahindo do quartel com a ultima força d'esta unidade. Cavallaria 4 em Alcantara, ao que me consta, não deu um tiro, sendo o regimento posto em debandada pelo elemento civil d'esse heroico bairro, que contra elle lan-

cou algumas bombas; os soldados republicanisados por uma activa propaganda aproveitaram a occasião e fugiram. O tenente Carvalho com o seu esquadrão, depois de ter marchado e contramarchado, sem nos hostilizar, foi-se-me apresentar á Rotunda na manhã de 5, prestando optimos serviços de exploração, quando foi o alarme do avanço de artilharia 3 com dois regimentos de infantaria sobre Lisboa.

Quanto a infantaria 1, bateu-se contra os marinheiros em Alcantara, sobretudo o pelotão do commando do tenente Espalha.

Infantaria 1 chegou a ter um numerosissimo grupo de soldados revolucionarios; o principal aliciador foi o ex-1.º cabo Ferreira, que José Malta havia descoberto. Os successivos adiamentos do acto revolucionario reduziram, e muito, o grupo que n'elle havia. Ainda assim, na sua officialidade, considerada reaccionaria, contava 3 officiaes que eram republicanos dedicados.

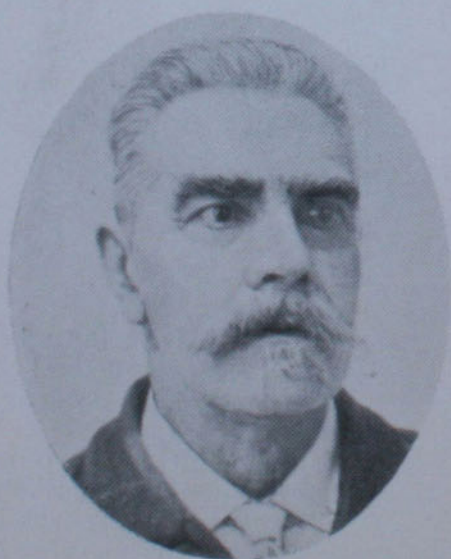
Lanceiros fez parte da brigada mixta que atacou a Rotunda no dia 4; o sargento Vigazo fez o que poude para neutralisar a acção do regimento; não o conseguiu, mas as granadas certeiras de artilharia 1 dispersaram-n'a.

Cezar Loureiro foi um dos civis que mais trabalhou em Belem sob a direcção de Lucio Abrantes.

## Accão em Beirollas

Joaquim Lopes d'Abreu Castello foi o grande chefe revolucionario que conseguiu sublevar mais de 3:000 homens, desde Poço do Bispo até Olivaes.

Com algumas bombas que lá tinha, de pessima qualidade, e 10 revolveres que um de seus filhos foi buscar ás 11 horas da noite ao centro de S. Carlos, conseguiu impedir que a guarnição de Lisboa pudesse renovar as suas munições, sobretudo as baterias de Queluz, que as esgotou, ao que parece.



Abreu Castello

Auxiliado pelo 2.º sargento de infantaria 5 Antonio Ferro, com o seu pequeno destacamento que estava de serviço em Braço de Prata, desarma a guarda municipal nos Olivães e força a policia do Beato a fugir, depois d'um combate em que ella teve o auxilio da companhia de subsistencias.

A força de engenharia, que marchava a reforçar o destacamento de Beirollas, só lá conseguiu chegar com 37 praças, ordenadas, das 96 que o destacamento levava.

O Deposito de Beirollas esteve sempre bloqueado e as communicações cortadas.

Abreu Castello improvisou tambem duas barricadas:



Abilio Sequeira



Botto Machado

uma no largo do Poço do Bispo e outra junto á fabrica d'armas em Braço de Prata.

Abreu Castello tambem com sua gente tomou posições para impedir o avanço de artilharia 3.

Distinguiram-se nas differentes acções: Abreu Castello e seus filhos Arthur, Adriano e Jayme; Abilio Sequeira, Antonio Rodrigues Costa, Alexandre Barbosa, Vicente Carvalho, Cypriano Marques, José Cardoso, Ezequiel d'Almeida, José Netto, Carlos Antunes, o 2.º sargento Antonio Ferro de infantaria 5, o cabo 13 da 2.ª companhia do 1.º batalhão Antonio José da Silva do destacamento de infantaria 5, bem como todas as praças do mesmo (bem poucas eram).



Annibal Lameiras

Abreu Castello devia ter recebido 50 a 60 armas de fogo, e n'essa conformidade, tinha tomado magnificas providencias para a revolta. Mais uma vez a má distribuição do armamento prejudicou a acção geral.

Fernão Botto Machado movimentou tambem a sua gente, concorrendo para a sublevação geral e tomando posições contra o avanço das baterias de Santarem.

## Comunicações e subsistencias

Americo d'Oliveira arranjára 15 automoveis, e Raul Nunes Leal e Manuel da Costa, 3; estes ultimos estiveram no Rocio, sem que ninguem os aproveitasse; os outros transportaram officiaes para os regimentos e de lá para parte incerta. Eram destinados a ligar os differentes pontos da cidade, onde a acção se effectuava e a conduzirem as subsistencias para as tropas; José Cordeiro Junior encarregara-se d'estas. A' Rotunda não chegou uma unica das iguarias que José Cordeiro nos reservava. A alteração do plano transtornou tudo; o desaparecimento dos automoveis ainda mais complicou o serviço.

Antonio Maria da Silva estudára superiormente a fórma de interromper as communicacões do inimigo; circumstancias imprevistas impediram que o plano se executasse. Antonio dos Santos Fonseca, João Gualberto do Nascimento Pires, Annibal Lameiras, Amandio Junqueiro e outros mais, foram encarregados da execução do mesmo.

## A Revolução na Provincia

A organização revolucionaria estendia-se a todo o continente do reino, tendo os seus pontos fracos na Beira Baixa.

Comités locais, subordinados a Comités superiores, tinham ordens para sublevar as povoações no mesmo dia e hora em que a revolução começasse em Lisboa. Nas povoações onde não existisse força militar, deviam os revoltosos substituir as auctoridades e evitar a todo o transe que qualquer auxilio local fosse prestado á força, ou forças, que intentassem marchar sobre Lisboa. As linhas ferreas deviam ser rigorosamente vigiadas. Não houve um unico comité que se recusasse a cumprir estas instrucções.

Vendas Novas, Evora, Beja, Faro, Setubal, Santarem, Coimbra, Aveiro, Villa Real, Vizeu, Braga e sobretudo Vianna do Castello eram os nossos pontos mais fortes de resistencia. Candido dos Reis, na sua ultima viagem informou-nos que em Vianna estavam prestando serviço 12 officiaes republicanos; d'estes 12, 4 estavam filiados na carbonaria.

Foi Candido dos Reis quem se oppoz a que a provincia secundasse Lisboa. Candido dos Reis dizia que, se o movimento fosse victorioso em Lisboa, toda a provincia adheria immediatamente. Era e foi certo. Mas a Alta Venda da Carbonaria tinha em vista, no caso d'um insuccesso na capital, continuar o movimento na provincia. Para bater a provincia, a monarchia teria de desguarnecer a cidade, e então esta levantar-se-hia de novo, ou de deixar a provincia abandonada ás suas forças, e então os revoltosos marchariam sobre Lisboa. A Carbonaria cedeu aos desejos do almirante.

Candido dos Reis era tão humano quanto era valoroso. Previa o saudoso almirante que uma sublevação na provincia daria azo a represalias e a derramamento de sangue, talvez inutil. Contava como certa a victoria na capital. O que se passaria no espirito do bondoso almirante,

momentos antes do seu tragico fim, na travessa das Freiras?! Bombarda no seu leito de dôr no hospital de S. José, mortalmente ferido, soffreu menos do que Candido dos Reis, nas poucas horas que decorreram desde que a sua



Os BB e PP, a quem esta fór apresentada, deverão exigir ao portador os signaes e palavras da Ordem

Esta Credencial couduca em CINCO de dezembro de 1910

© Secr

Blancini

A todos aquelles que virem esta Raiz Credencial, SAUDE E FELICIDADE!



Faço saber que o portador d'esta, o B. P. muito Digno Mes da nossa Ordem, foi pela Alta Venda nomeado e por mim confirmado, **INSPECTOR**, com os precisos poderes para installar e fiscalisar todas as dependencias das Barr. e Ch. cujas inspecções estiverem a seu cargo.

E, para que não haja duvida sobre a authenticidade d'este documento, é esta Raiz timbrada com o distinctivo e divisa da Poderosa Venda Joven Portugal e sellada com o sello da C. P., levando a chancellia da Ordem e sendo assignada por mim e carimbada e rubricada com as iniciaes da Alta Venda.

Que todos o reconheçam como tal, e vejam no B. P. **INSPECTOR** um enviado de confiança do Gr. Firm. da Maç. Fl. Portuguesa.

SAUDE E FELICIDADE

Traço em Jerusalem, sob a copa d'uma frondosa arvore, aos 10 de dezembro de 1909

© Gr Mes Subl

*Raiz Foyades*

Carimbo e rubrica

Ao lado o sello do C. P.



Authenticada com a chancellia da Ordem

© Chanc

*Malatesta*

A.V.



Credencial de Candido dos Reis, como inspector carbonario

officialidade o abandonou, até que o assassinio ou suicidio, lhe acabou com a existencia! Um, via a victoria adejando sobre o seu leito de morte! O outro via o lucto a substituir o riso; as viuvras e os orphãos e, por quantos annos?

O portador d'esta Raiz, se poderá inspecionar as Barr. e Ch. que peticionalmente lhe forem indicadas pela A. V.

as patas dos Braganças esmagando e deshonrando o Povo! Um via o riso e a alegria! Outro, via as prisões e a morte! Bombarda viu a apothese dos seus funeraes! Candido dos Reis viu as deportações em massa e os funeraes sangrentos que o aguardavam! Ambos heroicos! Ambos sublimes! Mas que differença no agonisar dos dois!



Alvaro Mendes

Alvaro Mendes, Luz Almeida e Antonio Maria da Silva, foram os mais importantes organizadores dos elementos revolucionarios na provincia.

Justiça é confessar que, para tão bom resultado, correu muitissimo o prestigioso nome de Antonio José d'Almeida.

Ramada Curto, Antão de

Carvalho, Malva de Valle, Leão Azedo, Santos e Silva, Manuel Alegre, José da Luz, Bernardo Torres, José Martins, dr. Manuel Justino Cruz, Joaquim José d'Oliveira, José Amado, Bento d'Oliveira, Alfonso de Miranda, Antonio Maximo, José Pessoa Ferreira, R. Paes Gomes, José Perdigão, Mario Malheiros, Carlos Lemos, Lopes Oliveira, A. B. Pereira Victorino, dr. Celorico Gil, Estevão Pimentel, Gaudencio Pires, Domingos Lopes Fidalgo, Branco, dr. Romulo, Orlando Marçal, Jayme Figueiredo, O. Ribeiro, dr. Eugenio Ribeiro, Weiss d'Oliveira, Carlos L. Antunes Cabrita, Felicio Caeiro, A. Samardan, Henrique do Espirito Santo, Nobre da Veiga, João Camillo Rodrigues, dr. Pereira Coelho, Pires de Carvalho, Fernando L. S. Mendes, Silva Carnide, Lisboa, A. Custodio dos Santos, Magalhães Mar-



Pereira Cacho



tins, Antonio Maia, Viegas, José Fernandes, Floro Henriques, João Simões Favas, Costa Ramos, Julio da Fonseca, Pestana Junior, Emilio Martins, capitão Bandeira, alferes Napoles, capitão Oliveira Gomes, Francisco da Cruz, João Gregorio Cansado Conde, Alfonso Cerqueira, João Stockler, Hygino Barrão, Gomes de Carvalho, Pereira Cacho e tantos outros, que tão dedicadamente trabalharam, com a sua inexcedível dedicação, conseguiram da provincia a rapida adhesão á Republica proclamada em Lisboa.



Grupos civis dos chefes Meyrelles e Belem,

Camillo e Nobre da Veiga, de Santarem, Estevão Pimentel, de Evora, e Pires de Carvalho, Malva do Valle. Malheiros e Manuel Alegre, de Coimbra e Aveiro, quando vinham a Lisboa, era certo estar para se dar qualquer movimento revolucionario.

Antonio Maria da Silva, quando os via, chamava-lhes o cirio civil, sobretudo aos ultimos quatro, que andavam sempre juntos.

A provincia armou-se á sua custa e de lá veiu tambem uma boa parte do dinheiro com que o Directorio adquiriu o armamento para Lisboa.

## Grupo civil que assalteou Infantaria 16

Alberto Emilio Meyrelles, José Amoedo, Alexandre Tavares, José Dias dos Santos, Manuel Dias Ferreira, Jayme Chaster, Eugenio Vasques, Elyseu Correia Gomes, Julio Campos, José da Silva, Cypriano Vicente Franco, Alvaro



que, com M. Santos, assaltaram Infantaria 16

Carlos dos Santos, Abilio d'Albuquerque, Antonio Loureiro, Manuel Bernardo, Antonio Couto de Lima, José Antonio dos Santos (Belem), Luiz Augusto Ramos, Joaquim Rodrigues, Nicolau Francisco, Francisco de Sant'Anna, Modesto Duarte da Silva, Joaquim Cavaco, José Ribeiro Castella, Manoel Romão, Ignacio Marques, Gualdino Roza, João Pereira e Larriq Coimbra; todos seguiram os revoltosos até á proclamação da Republica (uns entraram pelo alçapão, outros pela porta das armas do quartel depois de abertas).

*Armaram-se em infantaria 16 seguindo depois para*

*a Rotunda*: Augusto Rufino Pires Palhares, Thomaz do Nascimento, Alvaro Pedro Gonçalves da Silva, Luiz M. Rodrigues, A. V. Franco, Alfredo Augusto dos Santos, Jayme Ferreira, José Costa, Alfredo José Carrilho, Augusto Silva, Couto, Jorge d'Oliveira, José Maria de Carvalho, Francisco Carlos, Joaquim d'Almeida (falleceu em combate), Manuel Jorge, Manuel Carlos, Joaquim da Costa, Eduardo Costa, João Henriques Marques, Antonio dos Reis Marques, Manuel Cavallinho, José d'Oliveira, Ventura d'Oliveira, Sebastião d'Oliveira, Antonio José d'Araujo.

Estes revolucionarios de Santa Izabel seguiram para artilharia 1, onde auxiliaram o levantamento das baterias, juntamente com os civis que lá se encontravam já. Na Rotunda portaram-se admiravelmente.

O centro republicano de Santa Izabel pôde orgulhar-se de ter iniciado a revolta na madrugada de 4 de outubro.

## **Grupos civis de artilharia 1**

Grupo civil que, sob a direcção de Antonio Augusto Maldonado, entrou em artilharia 1 para coadjuvar a sublevação do regimento, protegido pelos sargentos Encarnação, Mathias, Pimentel, Tereno e Firmino Rego, ferradores Bento Vaz e Anastacio, telegraphistas Grelle, Silva, Morgado, Encarnação, cabos Juncal, Simões, A. Dias e soldado Thomé Cerqueira:

Antonio Augusto Maldonado, Saul Simões Serio, Armando Porphirio Rodrigues (ferido em combate), Manuel Lourenço Godinho, Manuel Ayres, João Gil d'Almeida Abreu, José da Silva Tavares, Humberto Gomes Mendes, Arthur Penna Martins, João dos Santos Almeida, Antonio Francisco Martins, Raul Mesquita, Laurindo da Conceição Rosado, Alexandre Gomes de Sousa, Antonio Martins Madeira, José Maria Lopes Damas, Antonio Nunes Branco, Fernando Gonçalves Ribeiro, Arthur d'Oliveira e Silva, Henrique Correia, Antonio Francisco Martins, Antonio de Freitas Junior, Antonio Mendes Junior, Carlos Augusto Cruz, Manuel Alves Junior.

Grupo de Agapito, ao tempo preso no Limceiro, por pertencer às associações secretas, e que, sob a direcção de Raul Nunes Leal, entrou no quartel de artilharia 1, para coadjuvar o levantamento das baterias, de combinação com o clarim Arnaldo:

Raul Nunes Leal, (fallecido em combate), Manuel da Costa, José Rodrigues da Fonseca, Antonio Jeronymo dos



Grupo de Raul Nunes Leal

Santos, Antonio Francisco Silva, Antonio Pereira Agostinho, Manuel Lopes, Ignacio Bravo, Antonio Francisco Lopes, Luiz Antonio Dias, Antonio Trémouille, Manuel

Ayres, Joaquim Antonio Dias, Camillo José Ferreira, Armando Antonio Dias, João Saraiva, José Gonçalves Baptista, João Lucas, Eduardo Paschoal, Alfredo Fernandes, José Alves, João Baptista.

Seria 1 hora e um quarto da noite quando infantaria 16 chegou a Campolide, arrombando o portão com a ajuda do ferrador Bento Vaz. Com o regimento 16, entrou um grupo de atiradores civis dirigido por João de Moraes Carvella, que acompanhou a columna revolucionaria para a Rotunda, permanecendo lá, composto dos seguintes cidadãos:

Francisco Jorge de Carvalho—Augusto Teixeira Xavier—Silvestre Coelho—Joaquim Henriques—Arthur Dias Frade—José Fernandes David—Antonio de Souza Lobato—Antonio da Costa Flores—B. Simões—Manuel Soares Correia—Eduardo Duarte Nunes—Antonio Vicente José de Souza—Annibal Breia—José Garcia d'Almeida—Candido Garcia d'Almeida—Francisco Carvalho—Virgilio dos Santos—José Ferreira—Reynaldo da Costa Pacheco—José Narciso Mendes—Antonio Moita—Augusto Rodrigues Cruz—Julio Jacques Varella—Luiz Martins—João Pinheiro—Joaquim Correia Gomes—José Maria Villa Nova—Alberto Baptista dos Santos—Eduardo Xavier Madeira—Manuel Ayres—Domingos Augusto da Silva—Joaquim Eduardo Alves—Custodio Pereira Botelho—Antonio Nunes Figueiredo—Manuel José Guedes—Marcolino Guedes Ferreira—Francisco Teixeira—José Mendes—Julio Estevão Rodrigues—Emygdio Grillo—Alfredo Grillo.

Seriam 3 horas e meia da madrugada quando as baterias sahiram do quartel de Campolide.

Ficou commandando a defeza do quartel de artilharia 1, *de facto*, o cidadão Armando Porphirio Rodrigues.

Praças de infantaria 16 que se mantiveram sempre firmes, não fugindo durante a marcha de Campo d'Ouri-que a Campolide, resistindo ao panico que se estabeleceu na rua Alexandre Herculano e ao da Avenida, quando os officiaes resolveram abandonar o campo:

## 1.º BATALHÃO

### 1.ª Companhia

1/579, 1.º cabo, Luiz Gonzaga Caseiro; 89/173, 1.º cabo, Antonio da Silva Nunes; 49/427, 1.º cabo, Joaquim Filippe; 12/591, 1.º cabo, Albano Augusto de Sá; 119/289,

2.º cabo, João Martins; 43/470, 2.º cabo, Manuel Joaquim Correia; 22/4724, 2.º cabo, Rufino José Pinto; 65/488, soldado, José do Nascimento Bispo; 41/673, soldado, Joaquim Pereira; 82/495, soldado, Antonio Alves; 76/601, soldado Izidro Nobre; 72/282, soldado José Mesquita; 49/277, soldado José Martins; 67/489, soldado José Antunes; 46/574, aprendiz de musica Antonio Marques Junior; 100/624, soldado José Antonio; 109/657, soldado Manuel Ribeiro; 34/573, soldado Antonio Brigida; 97/288, soldado Luiz Gonçalves; 69/614, soldado João dos Reis; 80/659, soldado José Antunes Maneiras; 33/478, aprendiz de corneteiro José Manuel Felix; 42/480, soldado José Domingos.

### 2.ª Companhia

1.º cabo, 36/457, Carlos Rodrigues Manata; 1.º cabo-18/30, Leonel Augusto da Silva; 1.º cabo, 1/236, Francisco Fernandes; corneteiro, 10/1790, Carlos dos Santos, corneteiro, 5/459, Manuel; corneteiro, 95/620 Francisco; soldado 57/320, Tobias Gomes; aprendiz de corneteiro 29/585, Antonio Augusto Biaz; soldado, 41/306, João Torrado Vicente; soldado, 27/499, João Antonio de Sousa.

### 3.ª Companhia

Corneteiro, 60/333, Christovam Maia Taboa; 1.º cabo, 66/369, Alfredo José Vidigal; 1.º cabo, 30/608, Pedro da Cruz Forçado; corneteiro, 41/1484, Antonio de Menezes; soldado 13/519, João Francisco Pinto Diogo; soldado 46/345, José Ribeiro; soldado 64/540, Francisco Relvas Durão; soldado 87/556, Joaquim Mathias; soldado 70/685, Francisco da Silva; soldado 80/550, José Fernandes Carteiro; soldado 56/362, José Carvalho Mathias Junior; soldado 53/349, Luiz Gonçalves; soldado 59/352, José Martins Leandro; soldado 85/554, José Costa; soldado 41/656, Raul Pereira; soldado 82/552, João Luiz; soldado 74/533, José Geraldés; soldado 52/648, Francisco.

## 2.º BATALHÃO

### 1.ª Companhia

1.º cabo 23/600, Antonio Monteiro; 1.º cabo 5/615,

João Baptista Cardoso de Brito ; aprendiz de corneteiro 75/558, José Loureiro ; soldado 22/494, Antonio Manuel; soldado 21/284, Joaquim dos Santos Nabaes; soldado 19/436, Manuel Antonio Ferro; soldado 64/271, José Pedro d'Almeida; soldado 79/504, João Nunes; soldado 41/257, Manuel Henriques de Sousa; soldado 37/254 João Fernandes Cabeça; soldado 1/15, Fausto Pereira Borges; aprendiz de corneteiro 17/455, Duarte Cachaço.

## 2.ª Companhia

1.º cabo 51/297, Manuel Antonio Correia; 1.º cabo 63/327, Antonio Lopes; corneteiro 7/281, Antonio Calção; soldado 17/602, Manuel Ferreira Lucas; soldado 43/462, Alfredo José da Fonseca; soldado 20/282, José Sebastião; soldado 15/546, Alfredo Alves Ferreira; soldado 36/401, Americo Felicio Franco; soldado 21/514, Luiz Ferreira; soldado 65/566, Manuel dos Santos; soldado 75/575, Manuel Francisco da Silva Monteiro; ajudante de corneteiro 11/586, Alberto Antonio; soldado 4/278, Manuel Francisco; soldado 59/300, José do Carmo Gouveia; soldado 29/547, José Sobreiro; soldado 37/290, Manuel Antunes; 1.º cabo 26/607, Raul Antonio da Rocha; soldado 32/457, Manuel Firmino; soldado 25/606, Francisco da Purificação Vilella; soldado 5/510, Carlos Fernandes dos Santos; soldado 61/301, José Manuel; soldado 41/460, Antonio Marcallo; soldado 8/381, Carlos Antunes dos Santos.

## 3.ª Companhia

18/433, João Martins dos Santos; 34/577, Antonio Craiveiro; 35/442, Joaquim Pereira; 80/588 Pedro Pires; 32/728 José Francisco; 59/314, João Accurcio, 82/590, José da Silva; 72/583, Manuel Rodrigues; 46/304, José Balhau; 52/309, Antonio Barreiros.

# 3.º BATALHÃO

## 1.ª Companhia

38/438, 1.º cabo Mario do Nascimento Fonseca Motta; 15/450, 1.º cabo Gabriel Ribeiro; 22/486, 1.º cabo Joaquim da Costa Horta; 31/399; 1.º cabo Lucas Fernandes

Clemente; 96/241, 1.º cabo José Filippe Pereira Pissarra; 68/319, 2.º cabo Bernardo Mendes; 3/580, soldado Felix do Couto; 27/944, corneteiro João José Antunes de Queiroz; 47/498, Joaquim Seguro; 62/642, soldado Francisco Mendes Ramallete; 8/466, soldado José Joaquim Santhiago; 48/306, soldado José Maria Portella; 90/121, soldado Rodrigo Vieira; 56/369, soldado Albino dos Santos; 39/596, soldado Alexandre Fernando; 14/406, soldado Antonino, digo, João Garcia; 84/1158, soldado Antonio; 58/544, soldado Antonio Ignacio; 17/394, soldado Manuel Pires; 44/600, soldado Antonio Domingos; 49/307, soldado Adriano Pereira; 35/491, soldado José Martins; 25/657, soldado José de Almeida Leite; 12/649, soldado Antonio Lopes; 21/656, soldado Antonio Xavier Ferreira; 52/385, soldado Antonio Fortuna; 46/497, soldado Benjamin Maria; 11/585, soldado José de Moraes; 28/594, soldado Duarte Lourenço; 6/641, soldado José; 64/643, soldado Manuel Joaquim Ferreira.

### 2.ª Companhia

66/421, soldado Jayme de Jesus; 84/356, soldado Francisco José; 58/515, soldado Francisco de Sá Chedas; 62/348, soldado Antonio Mendes Mauricio; 36/505, soldado José Ferreira; 71/612, soldado Joaquim Antonio Filippe; 72/613, Antonio Bernardo; 52/511, soldado José dos Santos; 43/373, Antonio Mendes Caridade; 5/484, soldado João de Souza; 44/508, soldado Herminio Antonio Jorge; 48/600, soldado Antonio Ignacio; 75/616, soldado Manuel Gil; 68/537, soldado David Lopes Conde; 15/330, corneteiro Joaquim Canhoto.

### 3.ª Companhia

6/644, 1.º cabo Manuel Marques Serrão Junior; 7/577, 1.º cabo Antonio Jacintho Caeiro; 2/606, 1.º cabo Manuel Ferreira Franco; 22/361, 1.º cabo Claudio Fernandes; 47/367, 2.º cabo Joaquim Marreco; 37/375, soldado João Joaquim; 11/619, soldado Raphael Farinha; 40/625, soldado Joaquim; 4/650, soldado Antonio Elias Barradas; 39/260, soldado Raphael da Silva; 50/368, soldado José Francisco Rodrigues; 74/412, soldado Christovam Rodrigues; 64/541, soldado Antonio Carneiro; 32/374, Joaquim da Rocha; 70/635, soldado José do Nascimento; 25/362, soldado Joaquim Tavares; 49/302, soldado Antonio Ferreira.



## Soccorros medicos na Rotunda e no quartel de artilharia 1

Dentro do acampamento e nos postos avançados, calculo que tenha havido cerca de 200 baixas, entre mortos e feridos, na sua maioria paizanos; mortos não sei quantos foram porque muitos feridos foram conduzidos em estado grave para os hospitaes. Para honra e gloria do Povo Portuguez cumpre-me declarar que todos os ferimentos, salvo uma ou duas excepções, foram de frente.

Sobre os nomes das victimas, é-me completamente impossivel elucidar. Quando no dia 4 me fallavam sobre o serviço de saude, fingia não ouvir; felizmente o inimigo entreteve sempre a minha attenção, conservando a minha vista desviada do triste quadro que apresentava o hospital de sangue.

Foram incanssveis n'este serviço: o dr. Macedo de Bragança, enfermeiro Antonio Mendes Gomes, Abel Augusto da Cruz Eurico de Jesus, Alvaro Franco Ramos, Ignacio Antunes, Manoel Martins, José Martins, Julio Francisco Ribeiro (chauffeur), as senhoras D. Maria Amelia Epiphania da França, D. Ermelinda Rosa, D. Olivia Silva Toscano Saldanha, D. Maria Emilia dos Santos, D. Emilia Serrão e o cabo enfermeiro de artilharia 1, Manoel de Carvalho.

Cumpre-me aqui agradecer ao dr. Julio Dantas as visitas sanitarias que fez ás praças aquartelladas em Campolide emquanto me vi forçado a conservar o commando das forças que combateram na Rotunda.

S. Ex.<sup>a</sup>, com uma gentileza captivante, veio espontaneamente offerecer os seus serviços clinicos, que foram, com reconhecimento, aproveitados.

Egualmente é digno de louvor o ex.<sup>mo</sup> sr. conde de Sabrosa pela cedencia da sua cocheira, onde se installou o hospital de sangue.

---

TERCEIRA PARTE

NA REPUBLICA



## Na Republica

O tenente Fernando Mauro d'A. Carmo, quando avancei á frente do Povo, sobre o quartel general da divisão, ficou do acampamento recebendo as unidades que se entregavam.

O acampamento, completamente cheio de gente, estava n'uma desordem que horas antes, em combate, não apresentava. Todos riam, todos folgavam, todos se abraçavam, todos contavam proezas, que só os seus auctores haviam presenciado. Começavam a apparecer os heroes e os organisadores revolucionarios! Eram aos milhares!

Tendo-me certificado da capitulação da guarda municipal, fui ao quartel de artilharia 1 pôr em liberdade os officiaes. Abracei o chefe civil Armando Porphirio Rodrigues, pela sua energica defeza, bem como o soldado servente Raphael Miguel e o segundo artilheiro de marinha João da Silva Louro.

A Manuel Lourenço Godinho não o pude abraçar. Soube, mais tarde, que na manhã de 4 retirára para sua casa, por ter dado uma queda d'um cavallo.

Voltando á Praça Marquez de Pombal, encontrei os seguintes officiaes que me vinham coadjuvar: capitão de artilharia Alexandre Augusto Terry, tenente de infantaria 5 José Dias Vellozo, alferes da administração militar Francisco Gonçalves Velhinho Correia e aspirantes da administração militar Fernando Victor Valente Valladas Vieira, Anacleto Rebello Marques e José Fernandes Duarte.

Mais tarde apresentou-se tambem o capitão de artilharia Nicolau Tolentino Pereira Homem Telles. Todos estes officiaes e aspirantes prestaram optimos serviços.

Esta segunda parte da campanha era a mais difficil e a que carecia d'um tacto superior para se levar a bom termo.

Eu estava completamente extenuado. Sem ter tido o mais pequeno repouso, constantemente a cavallo, com dôres horrorosas, pela inchação dos membros inferiores, com uma retenção de urinas, que só na tarde do dia 6 cessou, admiro-me como escapei da loucura no meio dos assumptos que se apresentavam para resolver immediatamente.

Valeram-me os capitães Ferry e Homem Telles e os incansaveis e denodados combatentes que foram o aspirante de marinha Adolpho Trindade, o alferes da reserva Carlos L. A. Cabrita e os valentes alumnos da escola do exercito.

O capitão Ferry arranjou-me uma casa para servir de quartel general do acampamento, obsequiosamente cedida pela ex.<sup>ma</sup> senhora D. Maria Alexandrina d'Almeida Lopes e por seu esposo o sr. Francisco Antonio Lopes. N'esta casa, o aspirante Adolpho Trindade redigiu por minha ordem as seguintes ordens do dia, que foram lidas no acampamento, sem formatura geral, porque era coisa impossivel de conseguir, com a aglomeração de gente que existia:

## ORDEM DO DIA N.º 1

O Commandante das forças acampadas na Rotunda determina e manda publicar o seguinte:

Cidadãos! Um factó notavel se acaba de dar, que ficará gravado em letras d'oiro na historia da nossa querida Patria. A Republica, devido aos esforços dos bravos que acamparam na Rotunda, dos valentes marinheiros e da nobre e valorosa população civil da cidade de Lisboa foi hoje proclamada! A dynastia de Bragança, que ha 270 annos, pezando sobre o Paiz, o levou á ruina, á miseria e ao desprezo das nações estrangeiras, vae a caminho do exilio e nunca mais os seus representantes ousarão macular o solo sagrado da Patria! Cidadãos! o vosso gesto altivo levou ao conhecimento do Mundo inteiro, que n'este

canto da Europa existe um Povo que deseja, em liberdade, trilhar o caminho do Progresso. Nunca mais os estranhos deixarão de olhar com respeito os filhos de Portugal! A lucta terminou! Já não ha inimigos! Hoje todos os portuguezes, trocando abraços fraternaes, vão collaborar na obra da regeneração da patria! Já não ha inimigos! Ha só irmãos!

Em nome do Governo da Republica, louvo todos aquelles que tive a honra de commandar e que, n'uma lucta homérica de um contra dez, tão bem souberam defender os seus ideaes: Patria e Liberdade!

Viva a Republica!

Quartel General da Rotunda 5 de Outubro de 1910  
(1.º da Republica).

(a) *Machado Santos*

commandante

## Ordem do dia n.º 2

O commandante das forças acampadas na Rotunda determina e manda publicar o seguinte:

Por distincção em combate e por relevantes serviços, que vão indicados, promovo as seguintes praças de pret:

### Regimento de infantaria 16

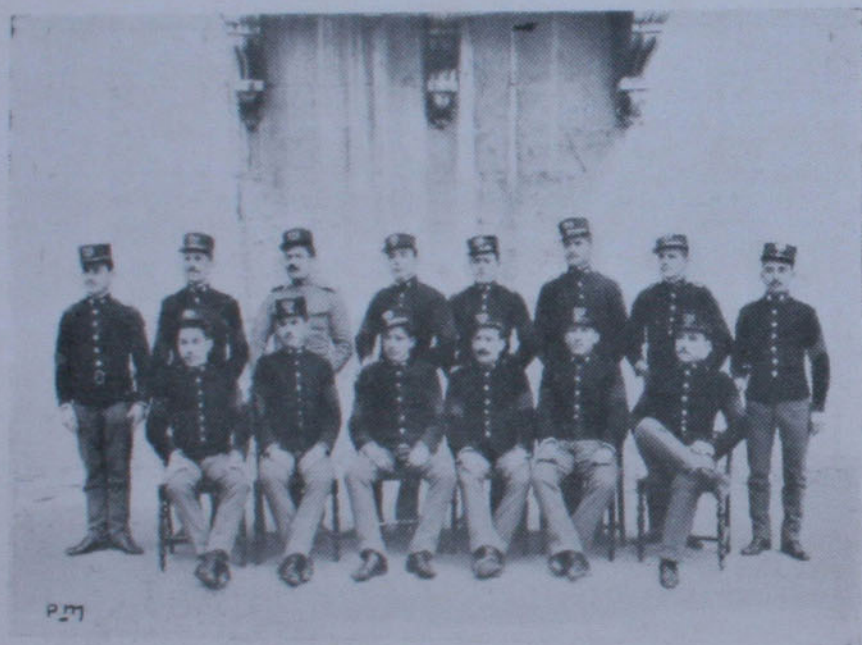
Promovidos a 1.º sargentos:

Soldado n.º 8/381 da 2.ª companhia do 2.º batalhão, Carlos Antunes dos Santos; 1.º cabo n.º 31/209 da 1.ª companhia do 3.º batalhão, Lucas Fernandes Clemente; 1.º cabo n.º 96/241 da 1.ª companhia do 3.º batalhão, José Filippe Pereira Pissarra; 1.º cabo n.º 31/397 da 2.ª companhia do 2.º batalhão, Manuel Antonio Correia. Formavam o comité revolucionario do regimento — Portaram-se valerosamente em combate. O 1.º largou a guarda do hospital para sublevar o regimento; o 3.º fugiu do mesmo, onde estava em tratamento, cheio de febre, para o mesmo fim. Tomaram a iniciativa da revolta, seguindo à risca as minhas ordens e protegendo a minha entrada.

Promovidos a 2.º sargentos:

Soldado n.º 62/642 da 1.ª companhia do 3.º batalhão, Fran-

cisco Mendes Ramalhete; 1.º cabo n.º 89/473 da 1.ª companhia do 1.º batalhão, Antonio da Silva Nunes; 1.º cabo n.º 36/457 da 2.ª companhia do 1.º batalhão, Carlos Rodrigues; 1.º cabo 66/369 da 3.ª companhia do 1.º batalhão, Alfredo José Vidigal; 1.º cabo n.º 48/423 da 3.ª companhia do 2.º batalhão, João Martins dos Santos; 1.º cabo n.º 38/434 da 1.ª companhia do 3.º batalhão, Mario Motta; 1.º cabo n.º 15/450 da 1.ª companhia do 3.º batalhão, Gabriel Ribeiro; 1.º cabo n.º 7/577 da 3.ª companhia do 3.º batalhão, Antonio Jacintho Caeiro; 1.º cabo n.º 62/327 da 2.ª companhia do 2.º batalhão, Antonio Lopes; 1.º cabo n.º 5/615 da 1.ª companhia do 2.º batalhão, João Baptista Cardoso de Brito. Todos pela sua prompta e rápida adesão, protegendo a [minha] entrada no regimento e pelo porte valoroso que tiveram em combate. O 1.º foi gravemente ferido em combate.



Soldados e cabos de infantaria 16

Promovidos a 1.º cabos:

2.º cabo n.º 119/289 da 1.ª companhia do 1.º batalhão, João Martins; 2.º cabo n.º 43/470 da 1.ª companhia do 1.º batalhão, Manuel Joaquim Correia; soldado n.º 59/352 da 3.ª companhia do 1.º batalhão, José Martins Coxo; soldado n.º 71/656 da 3.ª companhia do 1.º batalhão, Raul Pereira; soldado n.º 44/533 da 3.ª companhia do 1.º batalhão José Geraldês da Silva; soldado n.º 52/648 da 3.ª companhia do 1.º batalhão, Verdiano Francisco da Silva; soldado n.º 4/15 da 1.ª companhia do 2.º batalhão, Fausto Pereira Borges; soldado n.º 15/546 da 2.ª companhia do 2.º batalhão, Alfredo Alves Ferreira; soldado n.º 75/575 da 2.ª companhia do 2.º batalhão, Manuel Francisco da Silva; soldado n.º 5/540 da 2.ª companhia do 2.º batalhão, Carlos Fernandes Santos; soldado n.º 4/460 da 2.ª companhia do 2.º batalhão, Caes

tano Caldeira; soldado n.º 17/394 da 1.ª companhia do 3.º batalhão, Manuel Pires; soldado n.º 50/368 da 3.ª companhia do 3.º batalhão, José Francisco Rodrigues; soldado n.º 25/362 da 3.ª companhia do 3.º batalhão, Joaquim Tavares. Todos pela sua pronta e rápida adesão e pelo seu porte valoroso em combate.

Promovido a mestre corneteiro:

O corneteiro n.º 27/944 da 1.ª companhia do 3.º batalhão, João José Antunes de Queiroz. Fazia parte do comité revolucionario do regimento; portou-se valorosamente em combate.

Promovidos a contra-mestres corneteiros:

Corneteiro n.º 10/1790 da 2.ª companhia do 1.º batalhão, Carlos dos Santos; corneteiro n.º 5/459 da 2.ª companhia do 1.º batalhão, Manuel; corneteiro n.º 41/1484 da 3.ª companhia do 1.º batalhão, Anírio de Menezes; corneteiro n.º 60/333 da 3.ª companhia do 1.º batalhão, Christovam Maia Taboa. Todos pelo seu trabalho de propaganda no regimento e pelo seu porte valoroso em combate.

### Regimento de artilharia n.º 1

Promovidos a 1.ª sargentos:

1.º cabo n.º 3-ex-35/453 da 5.ª bateria, Francisco Godinho. Esta praça é desde hoje augmentada ao effectivo do regimento e promovida por distincção a 1.º sargento, pelo seu porte valoroso em combate, (foi ferida quando de guarda ao collegio de Campolide). Foi o iniciador da propaganda republicana no regimento e, por causa d'ella, soffreu baixa de posto e prisão no castello de S. Jorge, sendo-lhe dada baixa do serviço.

Soldado servente n.º 18/873 da 2.ª bateria Agostinho da Silva Martins Barradas. Pela sua propaganda soffreu baixa de posto e outras perseguições; portou-se valorosamente em combate.

1.º cabo n.º 20/568 da 1.ª bateria, João Evangelista dos Santos; 1.º cabo n.º 9/861 da 3.ª bateria, José Serafim da Fonseca; 1.º cabo n.º 31/618 da 1.ª bateria, Clemente José Juncal. Faziam parte do comité revolucionario. Portaram-se heroicamente no fogo.

Soldado servente n.º 62/706 da 2.ª bateria Raphael Miguel O mais valente dos defensores do quartel de artilharia, no combate contra as baterias de Queluz. N'um momento de panico ficou só à porta das armas, fazendo frente ao inimigo com a peça que guarnecia. Um official que estava prisioneiro sob palavra, ordenou ao Sargento Arthur Rego que desfechasse um tiro contra elle, ordem que o referido sargento não acatou.

2.º sargento n.º 4/1627 da 5.ª bateria, Aleixo Paulo Mascarenhas;



Ernesto José Feio



2.º sargento n.º 37/2650 da 8.ª bateria, Antonio Figueiredo; 2.º sargento n.º 4/1459 da 7.ª bateria, Manuel Monteiro; 2.º sargento n.º 63/2959 da 6.ª bateria, Raul Augusto Martins; 2.º sargento Antonio Maria das Graças; 2.º sargento Augusto Guerreiro d'Amorim Pires; 2.º sargento Carlos Marques Alexandre; 2.º sargento Antonio Pereira Machado; 2.º sargento Arthur do Rego; 2.º sargento Antonio da Silva Pinho; 2.º sargento Vicente Cypriano Rodrigues de Mendonça; 2.º sargento José Veríssimo. Pelos bons serviços que prestaram na sublevação do regimento de artilharia n.º 1 e no policiamento do quartel.

Promovidos a 2.º sargentos:

1.º cabo servente n.º 49/941 da 1.ª bateria, José Martins; 1.º cabo servente n.º 3/401 da 2.ª bateria, Antonio da Silva; 1.º cabo servente n.º 6/1023 da 5.ª bateria, João Manuel de Mello; 1.º cabo conductor n.º 71/769 da 8.ª bateria, Caetano da Silva Monteiro; 1.º cabo conductor n.º 5/544 da 4.ª bateria Arnaldo d'Almeida; 1.º cabo servente n.º 66/744 da 2.ª bateria, Amadeu Alberto Dias; 1.º cabo conductor 38/603 da 6.ª bateria, Antonio Olivio de Carvalho Jalles; soldado servente n.º 7/736 da 1.ª bateria, Eugenio Guilherme C. de Leiria (\*); soldado conductor n.º 7/872 da 8.ª bateria, Domingos de Deus (\*); soldado servente n.º 33-844 da 5.ª bateria, Thomé Cerqueira (\*); 1.º cabo n.º 57/581 da 8.ª bateria, Manuel de Carvalho; 1.º cabo n.º 11/1377 da 3.ª bateria, Ramiro Francisco Silva; 1.º cabo n.º 39/1375 da 5.ª bateria, Amílcar Eller Caldas Pereira, 1.º cabo n.º 54/1237 da 8.ª bateria, Antonio Ferreira da Silva; 1.º cabo n.º 21/714 da 4.ª bateria, Joaquim dos Reis Monteiro. Pelo porte valoroso que tiveram em combate. Os que tem o signal (\*) pelos bons serviços de propaganda, além do distincto valor que mostraram; o n.º 21/714 foi o primeiro dos quarteleiros que abriram os parques para a sahida do regimento.

Promovidos a 1.º cabos:

Soldado n.º 79/516 da 1.ª bateria, José Gomes Chita; soldado n.º 82/517 da 1.ª bateria, Antonio Caetano; 2.º cabo n.º 15/494 da 1.ª bateria, Luiz d'Andrade; soldado n.º 35/939 da 1.ª bateria, Manuel Heliodoro; soldado n.º 18/625 da 7.ª bateria, Luiz Ferreira Martins; soldado n.º 97/1182 da 1.ª bateria Ernesto Rodrigues; soldado n.º 8/493 da 1.ª bateria, José da Silva Pompeiro; soldado n.º 33/860 da 8.ª bateria, Carlos Santos Olympio; soldado n.º 11/877 da 4.ª bateria, Carlos de Souza; soldado n.º 49/1021 da 3.ª bateria, Agostinho do Carvalho; soldado n.º 7/1186 da 2.ª bateria, Manuel dos Santos; soldado n.º 83/1383 da 5.ª bateria, Arsenio Rateiro; soldado n.º 29/3849 da 8.ª bateria, Antonio de Sbuza, (ferido em combate); soldado n.º 91/1056 da 4.ª bateria, Francisco Soares; soldado n.º 105/1257 da 2.ª bateria, Joaquim dos Santos. Pelo porte valoroso que tiveram em combate.

Promovidos a mestres ferradores:

Ferrador n.º 22/993 da 2.ª bateria, Bento Vaz; ferrador n.º 18/490 da 8.ª bateria, Antonio José dos Santos.

Promovido a mestre de clarins:

Clarim n.º 7/6 da 5.ª bateria, Arnaldo Augusto Quintão. Todos pelo valoroso porte que tiveram em combate—O clarim n.º 7 fazia parte do comité revolucionario do regimento, conservando-se sempre ao lado do commandante.

Promovidos a contra-mestre de clarins:

Clarim 5/3662 da 1.ª bateria, Raul Figueiredo; clarim 24/944 da 1.ª bateria, Francisco Rodrigues; clarim 10/448 da 8.ª bateria, Manuel dos Santos; clarim 10/843 da 6.ª bateria, João Ferreira. Pelo porte valoroso que tiveram em combate, conservando-se sempre ao lado do commandante ainda nas horas de maior perigo.

#### **Regimento de infantaria n.º 2**

Promovido a 2.º sargento:

1.º cabo n.º 22/553 da 1.ª companhia do 3.º batalhão, Antonio Mario Monteiro. Pela sua decisão em abandonar no dia 4 o seu regimento, apresentando-se na Rotunda onde se portou valorosamente.

#### **Regimento de cavallaria n.º 8**

Promovido a 2.º sargento:

Soldado n.º 104/1315 do 3.º esquadrão Antonio Lopes Roballo. Pelo seu porte em combate e pelo magnifico serviço de exploração que fez.

#### **Regimento de cavallaria n.º 4**

Promovido a 1.º cabo:

Soldado n.º 104/1315 do 4.º esquadrão, Adriano Pereira da Silva. Pelo seu porte valoroso em combate e pelo bom serviço como esclarecedor que fez.

#### **Batalhão de caçadores n.º 5**

Promovido a 2.º sargento:

1.º cabo n.º 34/1005 da 5.ª companhia, José d'Almeida Diniz. Fugiu do Rocio arrastando consigo outras praças, pelo tunnel, vindo apresentar-se à Rotunda na tarde do dia 4, portando-se admiravelmente no renhido combate nocturno do dia 4.

#### **Regimento de engenharia**

Promovido a 1.º cabo:

2.º cabo 78/5424 da companhia T. G., Antonio de Brito. Pelo seu porte em combate. Foi o iniciador da propaganda republicana em caçadores 5.

Promovido a 1.º sargento:

1.º cabo n.º 26 da Companhia T. P., Manuel Tavares Grello. Fez parte do comité revolucionario em artilharia 1—Substituiu o cabo Godinho quando este foi preso para a casa de reclusão. Portou-se admiravelmente no fogo.

Promovido a segundo sargento:

1.º cabo n.º 32/5203 da companhia T. P., Callixto Morgado. Pelo seu brioso porte na linha de fogo.

### Companhia de subsistencias

Promovidos a 1.ª cabos:

Soldado n.º 114/485 José Albertino; soldado n.º 456/416 Augusto da Silva Cahique. Pela coragem que mostraram no combate nocturno do dia 4.

### Corpo de marinheiros da armada

Promovido a primeiro sargento:

2.º artilheiro n.º 2728 João da Silva Louro. Foi ferido em combate na defeza do quartel de artilharia 1. — Portou-se com a mesma heroidade do n.º 62/706 da 2.ª bateria do regimento de artilharia 1 sendo chefe da peça que defendia o quartel do lado dos parques.

Promovido a 2.º sargento:

Grumete artilheiro n.º 6175 Alfredo Gomes Froes. Por ter imme-



Joaquim dos Santos Rosa



Cabo Cascaes

diatamente guarnecido uma peça abandonada pela retirada dos officiaes, portando-se heroicamente na defeza d'ella e do acampamento.

Promovidos a primeiros cabos:

2.º marinheiro n.º 3027, Cypriano José d'Azevedo; 1.º grumete n.º 4317, Alfredo Vieira; 1.º grumete n.º 3494, José Ferreira pelo porte admiravel que tiveram na linha de fogo.

Promovido a contramestre de corneteiros:

Corneteiro n.º 5260 Joaquim Martins dos Santos. Pelo seu porte admiravel na linha de fogo.

### Fóra do serviço

Promovido a 1.º sargento no caso de desejar ser reintegrado no serviço activo:

Ex-2.º sargento do grupo a cavallo e da bateria n.º 2 de artilharia de guarnição, José Pereira Guimarães. Pelo seu porte valoroso em combate e por ter tentado sublevar as baterias de Queluz.

Quartel General da Rotunda, 5 de outubro de 1910 (1.º da Republica). O commandante (a) *Machado Santos*.

### Ordem do dia n.º 3

O commandante das forças acampadas na Rotunda, determina e manda publicar o seguinte:

Tendo chegado ao conhecimento d'este commando, que o cabo n.º 30 da 3.ª companhia do 1.º batalhão do regimento de infantaria 16, Pedro da Cruz Forçado, fóra quem indicára e arrombára a porta e o alçapão d'uma das arrecadações, á coronhada, afim de dar passagem ao-official e ao grupo civil que o iam assaltar, visto os officiaes do regimento terem escondido as chaves das portas principaes, conseguindo assim dar novo alento á força do regimento que se havia revoltado para acclamar a Republica; o commandante das forças determina que esse cabo seja especialmente louvado e, pelo seu porte distincto em combate, promovo-o a 1.º sargento.

Outro sim determina que o 2.º cabo de infantaria 16 Victor da Costa Pito seja promovido a 1.º cabo, pela forma habil como dirigiu um dos postos avançados durante o combate nocturno do dia 4.

Quartel General da Rotunda, 5 de outubro de 1910 (1.º da Republica). O commandante (a) *Machado Santos*.

Pela descripção que faço mais detalhada dos acontecimentos, vê-se que commetti injustiças, porque da grande familia militar houve bravos que não foram premiados. O mesmo erro se deu quanto ás propostas que tive a honra de enviar ao Governo Provisorio. Ainda é tempo de se repararem injustiças. Infantaria 16, que teve a honra de iniciar o movimento, porque á uma hora da madrugada em ponto sahia do seu quartel; infantaria 16, que deu o signal da revolta, foi de todos os regimentos o que menor galardão teve. Os tiros que se deram transpondo a porta das armas do quartel de Campo d'Ourique, levaram o valente cabo José dos Santos Martins a dizer ao heroico tenente Parreira que o signal tinha sido dado para as bandas da Estrella. Os mesmos tiros indicaram a Jesé Malta

e a José de Carvalho que soára a hora da revolta para o S. *Raphael*, e ao cabo torpedeiro Carlos dos Reis Cadete do *Adamastor*, que era tempo de se dirigir á ré para prender o tenente Saldanha e iniciar o movimento.

A' tarde, avolumaram-se as ameaças d'um ataque de artilharia 3, apoiada em regimentos de infantaria, de fora de Lisboa.

Os 9 bravos sargentos de artilharia, com os seus soldados, e os valentes do 16, estavam verdadeiramente arrazados. Pedi ao quartel general da divisão um reforço de marinheiros. Mandaram-me o batalhão de caçadores 2.

O incansavel tenente Carmo, pelas privações soffridas, adoeceu, seguindo para sua casa e de lá para o hospital da Estrella.

Foi no dia 6 que consegui tomar algum alimento; o jantar foi-me obsequiosamente trazido pelo meu amigo Antonio José de Souza. Foi n'esse dia que minha familia soube que estava com vida e só no dia 8 é que, durante alguns miutos, consegui estar com ella! Tambem foi n'esse dia que pela primeira vez dormi duas horas, estendido n'uma «chaise-longue».

Os reaccionarios, até á noite de 8, alarmaram o acampamento disparando tiros contra nós.

Soffrendo as mesmas privações que os soldados, recusando terminantemente a comida que os feirantes obsequiosamente me offereciam, andando constantemente junto d'elles, fallando-lhes á alma e ao sentimento patriótico, é que consegui manter rigorosa disciplina sem ter tido o mais pequeno desgosto. Ainda mais, de cada um d'esses homens orgulho-me de ter feito um amigo. Sinto sempre verdadeira alegria quando vejo um d'esses companheiros de gloria, tão soffredores, tão disciplinados, tão bons!

Durante o tempo que conservei o commando da columna revolucionaria, nem uma unica ordem escripta recebi—tudo indicações verbaes.

Entendendo o Governo Provisorio que devia manter por uns dias a posição occupada, assim o fiz, lembrando porém que bastava conservar um pequeno reducto nas terras do parque Eduardo VII, guarnecido por 4 peças; o dr. Brito Camacho disse-me que conservasse tudo como estava até á visita official do Governo Provisorio. Foi no dia 9 que tive a honra de a receber á tarde. Na manhã de 10, levantei o campo, recolhendo com a força ao quartel de Campolide.

A visita do Governo Provisorio foi uma gentil retribuição dos cumprimentos que lhe fizera na vespera, bem como ao sr. general commandante da divisão de Lisboa.

As forças da Rotunda, enquanto não foram dissolvidas, forneceram varias guardas para Bemfica, Campolide, Santa Izabel, Arroios, etc., e numerosas e fatigantes rondas á cidade e a Monsanto, commandadas pelos valentes alumnos da Escola do Exercito.

N'uma noite, havendo grande tiroteio na Estrella e no Quelhas, mandei sahir em auxilio dos sitiantes duas peças de artilharia; bastou o ruido da marcha da artilharia para terminar o tiroteio. Os bons dos jesuitas não nos obrigaram a gastar uma unica granada.

A generosidade, a caridade, a bondade das senhoras fidalgas, com o fim da monarchia, findou tambem. Essas santas creaturas entenderam que não deviam continuar subsidiando as cosinhas economicas. Estas fecharam.

Entendi dever facultar ao Povo o alimento; a Rotunda e Campolide foram verdadeiras cosinhas economicas. O denodado combatente da Rotunda Arthur Nunes, prestou tambem n'este assumpto relevantes serviços, bem como um outro combatentê, o sargento reformado Carrilho.

A pouco e pouco suavemente, fui procedendo ao desarmamento da população civil, conseguindo, sem o mais pequeno desgosto auxiliar, tanto quanto me foi possivel, o restabelecimento da vida normal da cidade.

Os soldados, que tinha a honra de commandar, não podiam, por principio algum, recolher aos seus antigos quartéis. Uns tinham-se batido no acto da revolta contra os seus superiores, causando-lhes baixas; outros tinham-os prendido ou consentido na sua prisão; varios, tinham desertado para o nosso campo, abandonando os officiaes e desprezando as suas ordens. Emfim, tinham-se revoltado! Não podiam portanto voltar á subordinação d'esses superiores, sem graves perigos para a disciplina militar. Tanto o superior como o inferior, sentir-se-hiam mal collocados. O superior monarchico, ou republicano, que não estivesse ao facto do movimento por não ser conhecido como tal, nunca poderia conservar a serenidade precisa em frente d'estes subordinados. Era necessario portanto formar com estes homens um corpo d'élite onde não ganhassem apenas, o mesmo pataco que o anterior regimen lhes dava. *Eram os fundadores da Republica!* Se continuassem miseraveis como outr'ora, vendo os antigos oppressores a disfructarem os proventos que tinham mais ou menos chorudos, sentiriam de novo, e com rasão, impetos de revolta. Alvitrei, portanto, que fossem passados á guarda republicana,

Este alvitre foi transmittido ao Governo pelo illustre iutermediario, dr. Brito Camacho. Obtive como resposta

o licenciamiento das praças até levarem baixa, com 4 mezes de pret, a titulo de gratificação! Era duro! Era condemnar á fome os homens que tudo tinham sacrificado á regeneração da sua Patria! Licenciei apenas aquelles que o desejaram (cerca de 200), fazendo-lhes vêr, ainda assim, as privações que n'esta quadra do anno iriam passar nos campos. Tornei a insistir no meu alvitre. No dia 20, recebi a ordem de passar toda a gente á guarda republicana. No dia 21, ás 6 horas da tarde, o quartel d'artilharia 1 ficou deserto, indo eu para a porta das armas esperar a officialidade que ia reorganisar o regimento com novos elementos. Eram 7 horas da noite do dia 11 de outubro quando pela primeira vez consegui dormir em minha casa, depois da revolta.

## A Imprensa Republicana durante a Revolta

Depois de entregarmos ao governo o nosso relatorio, passados alguns mezes, fômos vêr se as informações que nos deram, ácêrca do porte da imprensa republicana da capital, condiziam com a verdade.



Meira e Sousa

O jornal da manhã *O Mundo* dava noticia dos acontecimentos, exagerando-os, o que não prejudicava o movimento. *A Lucta*, na segunda pagina, publicava um artigo minuscuro intitulado: *Ordem Publica — Tropas na rua — O que ha?*

O jornal da tarde *O Paiz*, que ás 4 horas (p. m.) já se encontra á venda nas ruas, dava noticia de grandes victorias do lado dos revolucionarios e *incitava o povo á revolta*. Effectivamente, quando este jornal sahiu da machina, ganhavam os revolucionarios o primeiro e o mais importante dos combates da Rotunda, mas, enquanto se im-

primia, ninguem podia cantar victoria.

O jornal da noite *A Capital*, dava noticias enthusias-ticas sobre a Revolução, o que sempre animava os timidos a virem collaborar connosco.

Se a revolta fôsse suffocada, *O Mundo* e *A Capital* se-riam suspensos, *O Paiz* supprimido e o seu director, Meira e Souza, teria a mesma sorte dos revolucionarios. Quanto à *Lucta* nada soffreria; atravessaria o periodo de repres-são e do novo engrandecimento do poder real, com a mes-ma paz e socego com que atravessou toda a existencia mi-nisterial de João Franco. Ficaria sendo o unico orgão do desbaratado partido republicano, a unica voz que na im-prensa pediria misericordia para os vencidos.

### Os boatos

Muito se tem phantasiado sobre a minha estada em Campolide até 21 d'outubro; infames boatos correram so-bre a minha pessoa. Esses boatos, partindo dos arraiaes «monarchicos», triste é dizel-o, encontraram echo entre os meus correligionarios! Porque o governo entendeu que devia reforçar a guarnição de Lisboa com uma ba-teria de 6 peças, que se foi aquartelar no quartel da Cruz dos 4 Caminhos, começaram os novelleiros dizendo que as baterias de Santarem se tinham deslocado contra mim. Depois inventaram que eu me conservava em Campolide para fazer pressão sobre o governo, afim de ser nomeado commandante da guarda republicana! Tambem se chegou a dizer que eu desejava ficar commandando artilharia! Por fim, não contentes com isto, espalharam que eu de-sejava ser ministro! Agora, que já não commando coisa alguma, chamam-me ambicioso e despeitado! Paciencia! um dia me farão justiça! (Como sempre: post mortem).

### Os alliciadores

Os maiores serviços prestados á causa da democracia, foram innegavelmente, a meu ver, os serviços de alicia-mento revolucionario. Só quem n'elles andou occupado é que pode avaliar a vida de sobresalto, de desassocego que se tinha. Se o alliciador era militar, o perigo que corria



era duplamente maior, porque a condemnação, muitíssimo superior em tempo, também o era em egualdade de captivo; em regra um militar, não tem hábitos de trabalho, nem educação que lhe permita lançar mão de qualquer serviço com que possa angariar os meios de subsistência.

Na preparação revolucionaria para o 4 de outubro, poucas foram, ainda assim, as perseguições aos militares. Houve muita transferencia é certo, mas o grande numero, que houve, foi causado pela leitura dos jornaes republicanos.

Os mais habéis alliciadores, eram os que fingiam deliciar-se com a leitura do «Portugal,» o diario que o pittoresco padre Mattos redigia; outros assistiam com devoção á missa, a fim de conseguirem assim captar melhor as boas graças dos recrutas; em pouco tempo estes, eram os primeiros a esquecer a ladainha.



Ribeiro de Mello

Os alliciadores militares não frequentavam comícios; tinham ordens rigorosas para não lerem em publico um unico jornal republicano; os mais habéis eram, quasi sempre, praças de exemplar comportamento.

Entre os civis, os mais dedicados na conquista do elemento militar, foram sempre os mais pobres ou de profissões, burguezmente consideradas, mais humildes.

Na historia, meu estudo favorito, quando tinha tempo para isso, não encontro paiz algum onde uma revolução fosse preparada mais em segredo, com mais ordem, com mais disciplina, com mais dedicação e com mais sacri-

ficio pessoal, do que a revolução portugueza de 4 de outubro de 1910.

Tirando duas viagens largas á provincia, pagas com os recursos da carbonaria, todas as viagens de organização, todas as viagens de inspecção ou de transmissão d'ordens, foram feitas á custa dos proprios grandes inspectores, ou delegados dos comités centraes, sem que se pedisse uma unica vez o auxilio monetario do Directorio. A ultima de

Candido dos Reis para este fim, é que julgo que por elle foi subsidiada; mas Candido dos Reis ia, mais como delegado do Directorio, do que como inspector, que era, da Carbonaria.

## ○ exercito

A grande maioria da officialidade da guarnição de Lisboa, (e tambem da provincia) era completamente indifferente á politica. Surprehendida por um movimento revolucionario, sem conhecer a sua viabilidade, accorreu ao posto de combate, em obediencia ás ordens superiores.

A attitudo dos soldados, pouco dispostos á repressão, ou antes, com magnificas disposições para acompanharem os revoltosos, necessariamente nos assegurava a victoria, não sendo licito dizer-se que o exercito ficára vencido na lucta.

Quando, na manhã de 5, a revolta tomou o aspecto de movimento nacional, o exercito em massa reconheceu as novas Instituições, desistindo d'um combate que, a meu vêr, nunca intentára travar contra a Nação.

Honra ao Exercito Portuguez que tão bem soube manter as suas tradições de independencia politica.

Se, em obediencia a leis historicas fataes, alguns dias de provação estão reservados para a Republica Portugueza, esses dias não serão enlutados pelo seu nobre Exercito.

O Exercito é da Patria!

## ○ Povo

Foi simplesmente **admiravel** o povo revolucionario portuguez.

Os proletarios, os famintos, a *ralé*, guardava os bancos e as casas dos seus inimigos, como guardaria a sua casa e os seus haveres, se tivesse qualquer d'estas duas coisas!

Sereno, intrepido, afrontando desarmado, como no Rocio, as guardas e a tropa de linha, pasma-se como, alcançada a victoria, foi tão magnanimo, generoso, para com os vencidos, seus inimigos, que lhe não perdoariam, se a sorte das armas lhes fosse favoravel!

A monarchia victoriosa não se limitaria a ceifar o seu furor nos corpos dos combatentes da Rotunda. Iria mais longe.

A victoria do Povo, em vez da hecatombe, trouxe a alegria e o riso!

**Gloria ao Povo Portuguez!**











*Bandeira nacional preciosa*